ISSN: 1645-4790

junho 2002 1

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana

BV2300
.H65
M5
no. 1
Jun.
2002
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título: Missão Espiritana
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das Circunscrições Espiritanas Lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. Eduardo Miranda (Superior Provincial de Portugal);
P. Barnabé Sakulenga (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tol (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Alice Areias (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1200-801 Lisboa
Tel.: 21 393 30 00 - Fax: 21 393 30 19
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2002: Portugal 12€, Outros Países 15€
Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 1000 exs.

EDUARDO MIRANDA*

BV2300
.H65
M5
no.1
Jun. 2002
Spir.
Coll
02B42841

apresentação

Foi já em 1995 que os vários Provinciais das circunscrições espiritanas lusófonas e as Irmãs Espiritanas foram abordados para saber do seu propósito de integrarem o projecto de uma revista missionária aberta ao mundo espiritano lusófono. O acordo de princípio foi geral mas factores de vária ordem fizeram com que a concretização de tal iniciativa fosse constantemente adiada.

Na celebração do Ano Espiritano – 2002/2003 – os contactos foram retomados e o eco positivo chegado deu ânimo para meter mãos à obra e aí está «Missão Espiritana» revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas. Esta publicação semestral, propriedade da Província de Portugal, cujo provincial é o director, tem como subdirectores, por inerência de função, os provinciais de Angola, do Brasil, do distrito de Cabo Verde e do distrito das Irmãs do Espírito Santo.

«Missão Espiritana» pretende ser uma revista com carácter científico e com um conteúdo missionário e missiológico abrangente mas também específico: Fontes Espiritanas; Missão Espiritana-hoje; História e Figuras Espiritanas; Espiritualidade; Testemunhos da Missão; Biblioteca Espiritana.

O ambiente jubilar em que o lançamento da revista é realizado ajuda-nos, por um lado, a tomar consciência de que a Missão Espiritana é uma pequenina gota no mar imenso da história da Evangelização e, por outro, desafia-nos a lembrar com gratidão o passado, viver com paixão o presente e abrir-nos com confiança ao futuro. E isto queremos nós realizar com um colorido muito próprio, o da lusofonia.

Porquê «Missão Espiritana» de expressão lusófona? Não será uma agressão à eclesiologia de comunhão, dinamismo despoletado desde o Vaticano II e tantas vezes valorizado pelo Santo Padre assim como outras tantas recordado em Sínodos e Conferências Episcopais? A interrogação semelhante, a propósito de alguma forma de associação das Igrejas Lusófonas, respondeu o Cardeal Patriarca de Lisboa com a seguinte reflexão: "*a cultura é um elemento definitório da especificidade de uma Igreja particular e a língua é a alma e a voz de uma cultura. Depois da fé é, certamente, o traço mais fortemente unificador. Ele potencia-se quando muitos expressam a mesma fé na mesma língua. Traço unificador, significa que não uniformiza necessariamente,*

* Provincial dos Missionários do Espírito Santo - Portugal

antes respeita e valoriza as nossas diferenças, históricas e étnicas, de caminhos eclesiais." [1]

«Missão Espiritana» ao propor-se dizer a missão em português, quer inscrever essa expressão na universalidade da missão, na riqueza dos diferentes contextos onde a missão acontece e nas diversidades étnicas de rostos africanos, latino-americanos e americanos, europeus e asiáticos. A missão é dita em português para dar voz aos destinatários da missão, aos missionários/as mas também para poder ser expressa, entendida e lida por quem, no vasto mundo lusitano, tem o acesso vedado a outras línguas.

A interdependência que caracteriza o nosso mundo contemporâneo tem levado os Institutos Missionários a buscar novas formas de organização e de colaboração solidária, quer dentro de si quer com outras instituições eclesiais e da sociedade civil. A nível da Congregação do Espírito Santo os passos dados na regionalização são a concretização disso mesmo. A interdependência, ao ditar formas de associação e colaboração por afinidades geográficas e históricas, não exclui que se faça da cultura e da língua um critério importante para juntar esforços em áreas específicas.

A matriz cultural, para o bem e para o mal, sempre condiciona o trabalho da missão. O missionário sabe-se tentado pelos vícios velhos da arrogância cultural e do espírito neo-colonizador, mas tem lucidez suficiente para tirar partido da matriz cultural de base do povo a quem é enviado. Ele sabe que, desde que devidamente contextualizada, tal matriz cultural muito pode ajudar o trabalho sério e a intervenção respeitosa nos domínios da inculturação, do diálogo inter-religioso e do anúncio explícito do Evangelho.

A «Missão Espiritana» de expressão lusófona não quer deixar margem para dúvidas quanto às razões do seu surgir: como toda a missão tem a sua fonte na missão de Cristo Redentor, com a marca da espiritaneidade herdada de Poullart des Places e Libermann, tendo na lusofonia um modo específico de expressão, transmissão e comunicação. E para que não restem dúvidas sobre o carácter transversal da universalidade da missão que queremos veicular, apraz-me documentar esta reflexão com a referência a três importantes documentos eclesiais e que pretendem ser como que uma profissão de fé e fonte de inspiração do modo de fazer missão:

- "*Os missionários, provenientes de outras Igrejas e Países, devem inserir-se no mundo sociocultural daqueles a quem são enviados, superando os condicionalismos do próprio ambiente de origem. Assim, torna-se necessário aprender a língua da região onde trabalham, conhecer as expressões mais significativas da sua cultura, descobrindo os seus valores por experiência directa. Eles só poderão levar aos povos, de maneira crível e frutuosa, o conhecimento do mistério escondido (Rom. 16,25-27; Ef.3,5), através daquela aprendizagem. Não se trata, por certo, de renegar a própria identidade cultural, mas de compreender, estimar, promover e evangelizar a do ambiente em que actuam e, deste modo, conseguir realmente comunicar com ele, assumindo um estilo de vida que seja sinal de testemunho evangélico e de solidariedade com o povo*" [2].

- "*Nascida da pregação de corajosos bispos e sacerdotes missionários, eficazmente ajudados pelos catequistas – «esse exército com tantos méritos na obra das missões*

[1] *Igrejas Lusófonas em comunhão*, Lisboa: Ed. FEC, 2001, n.º 1
[2] *Redemptoris Missio*, Lisboa: Ed. Paulistas, 1990, n.º 53

entre pagãos»- a Igreja em África, terra que se tornou «nova pátria de Cristo», é já responsável pela missão no continente e no mundo: «Africanos, vós sois já missionários de vós mesmos»- disse em Kampala o meu predecessor Paulo VI" [3].

- *"O encontro do catolicismo ibérico com as culturas americanas deu lugar a um processo peculiar de mestiçagem que, embora tenha tido aspectos conflituosos, pôs em relevo as raízes católicas, assim como a singular identidade do continente. Tal processo de mestiçagem, também perceptível nas múltiplas formas de religiosidade popular e da arte mestiça, é conjunção do perene cristão com o próprio da América, e desde a primeira hora se estendeu de um lado a outro do continente"* [4].

«Missão Espiritana» quer ajudar a revisitar o património histórico do labor missionário realizado, mas sempre com uma atenção lúcida aos desafios que hoje se colocam e urgem a determinação para avançar ao largo, com a força do Espírito, para uma longa travessia. Para conseguir tais objectivos a revista levará o leitor a beber na fonte das intuições fundacionais do carisma espiritano, a buscar inspiração na vida de generosidade e ousadia evangélicas testemunhadas por tantos missionários/as, a partilhar as experiências significativas da missão-hoje e enfim a debater a urgência dos novos caminhos da missão num mundo incerto.

Está o leitor convidado a acolher esta revista com o espírito de quem visita um "canteiro de obras" na já tão ricamente multifacetada Missão Espiritana que se sente impelida pela interpelação de que a R. M. (nº 40) se faz eco: *"a actividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja"*.

[3] *Ecclesia in África*, Vaticano: Livraria Vaticana,1995, n.º 56

[4] *Santo Domingo, IV Conferência do CELAM*, São Paulo: Ed. Loyola 1992, Primeira Parte, n.º 18

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

O primeiro fascículo da Revista *Missão Espiritana* procura responder aos desafios que decorrem da tensão criativa que sempre habita uma família religiosa: a inscrição numa tradição e a exigência de uma resposta inovadora face aos novos desafios. Como sublinha Álvaro Miranda Santos, não são dois pólos irreconciliáveis: "Encontramo-nos claramente perante manifestas demonstrações de inovação, por renovação e, mesmo, por originalidade. Encontram-se não menos manifestas demonstrações de fidelidade, renovadora e criativa".

Habitar uma tradição é ter uma casa, é continuar a semear em solo arável, é a (re)descoberta do lugar de fundação que permite a cultura. No caso de um instituto religioso, é reler a memória para continuar a descobrir o seu lugar na diversidade eclesial. Boa parte dos textos que organizam este primeiro fascículo da Revista *Missão Espiritana* dão corpo a essa necessidade permanente de uma reactivação das origens e a esse desejo de narrar os nomes e os modos que o impulso originante tomou no curso das gerações. Assim, o leitor poderá encontrar uma abordagem dos acontecimentos que constituem um primeiro grande capítulo da história da família espiritana, desde a fundação da Congregação do Espírito Santo por Poullart des Places em 1703, até à ordenação de Libermann no dia 18 de Setembro de 1841 (Amadeu Gonçalves Martins). Ao lado destes fundadores da família espiritana está Eugénie Caps, que a Irmã Josefa Maria Fernandes evoca aqui no contexto dos acontecimentos que conduziram à fundação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo em 1921.

Sendo uma família religiosa marcada por um carisma missionário, era muito importante que esta leitura das origens fosse acompanhada pela descoberta das principais chaves de leitura histórica da missão espiritana, aqui numa síntese eficaz de Adélio Torres Neiva. Essa síntese permite-nos identificar as diversas formas de expressão histórica da missão espiritana, mas também as teologias que lhe deram substracto. Nesse trajecto será talvez possível discernir alguns dos traços da singularidade da acção e da espiritualidade espiritanas. Esta espiritualidade não é apenas a bandeira de um grupo, ela está aberta a olhares diversos que nela podem descobrir o rasto do Evangelho, perante novos desafios sociais, como bem mostra António Joaquim Galvão no seu artigo sobre espiritualidade e Educação.

É necessário, no entanto, não perder de vista que esse regresso ao país interior pode enfrentar o risco de uma clausura em que a reflexão sobre as origens e a recitação da memória se transformam em ídolo do grupo, totem que vigia as

fronteiras da instituição. Frequentemente a memória cristaliza-se num relicário, a instituição esgota-se celebrando os vestígios passados, os rastos de heroicidade, perseguindo um património que lhe dá uma ilusão de autenticidade e perenidade. A herança de uma família religiosa pode tornar-se um altar de celebração de si própria. Esse é um risco para todos os grupos que investem numa tradição na demanda da sua identidade. Parece claro, no entanto que o evangelho cristão recusa essa redução da história frente à lei do grupo. Dir-se-ia que a Igreja é chamada constantemente a sair de si para encontrar "Aquele que vem" — como um ladrão, quando não se espera. Talvez seja o apelo missionário aquele que pode traduzir melhor este movimento do cristianismo para fora de si, recusando ser o baldaquino sagrado desta ou daquela cultura, mas abrindo-se à aventura das viagens pelos lugares, as linguagens, as culturas onde Deus fala uma língua que ainda não foi por nós totalmente descodificada.

Era por isso essencial que este primeiro fascículo desta revista, em tempo de jubileu espiritano, não se reduzisse à reflexão empenhada sobre a memória da fundação. É que essa memória está escrita na história da fé de muitas comunidades que procuram acolher "Aquele que vem". Esse desafio está presente no texto de Michel Gerlier acerca da evangelização dos Manjacos de Bajob, na Guiné, experiência que está bem próxima dessa prioridade que é apontada pela Regra de Vida Espiritana: "Dirigimo-nos de preferência àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram". Será interessante que o leitor estabeleça pontes entre essa narrativa de "primeira evangelização" e a breve resenha da histórica dos 100 anos de presença espiritana em Tefé, no Brasil (António Gruyters), e ainda a narrativa do empenho que, em 1997, mobilizou essas comunidades do Amazonas para a festa (Domingos Rocha). Oportunamente, juntou-se a estes textos acerca de uma experiência centenária de evangelização, as palavras de um jovem espiritano que realizou o seu estágio na Prelazia de Tefé.

Não esqueceu, este número inaugural da Revista *Missão Espiritana*, a memória daqueles espiritanos que juntaram ao seu empenho missionário a paixão pelo conhecimento. Entre essas figuras está Carlos Estermann, missionário e etnólogo, de origem alsaciana, bem conhecido de todos os africanistas, cujos trabalhos se tornaram uma referência inescapável no terreno da etnologia do Sul de Angola. O texto do P. Valente é um precioso subsídio para a compreensão histórica da importância do trabalho desse eminente espiritano.

Alfredo Teixeira
Professor e Investigador no Centro de Estudos em Ciência das Religiões
Universidade Lusófona

ruptura na missão de sempre

A reflexão que se segue dá conta do itinerário da revista «Portugal em Africa» editada pela Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo e que é exemplo de um investimento muito específico na área da cultura, sobretudo da cultura missionária. Alvaro Miranda Santos, o autor do artigo, foi chefe de redacção da referida revista.

«Portugal em Africa» nasceu em Janeiro de 1894 e foi interrompida pela revolução de 1910. Era seu objectivo declarado "manter o público ao corrente dos nossos trabalhos missionários, publicando ao mesmo tempo artigos científicos sobre várias questões de interesse para as missões". Em 1910, com a implantação da República e a perseguição às Ordens e Congregações religiosas, a revista deixou de ter condições para continuar a sua gesta.

Em 1944, depois da longa travessia do deserto em que as Congregações Missionárias tinham sido silenciadas, o Governo acabou por reconhecer a necessidade dessas Congregações e o papel que elas poderiam desempenhar na renovação da vocação missionária de Portugal e na recuperação do prestígio do antigo Império Ultramarino. Foi assim que foi firmada a Concordata e o Acordo Missionário de 1940 e será assim que um grupo de espiritanos, resolve relançar a «Portugal em Africa», 50 anos depois do aparecimento do primeiro número da primeira série.

A revista extinguiu-se em 1973, quando os ventos políticos da época tornavam cada vez mais difícil manter a identidade da revista e cada vez menos oportuno o título com que se apresentava.

De qualquer maneira é indiscutível que a revista prestou um enorme serviço à cultura missionária, como expressão da história e da problemática das missões, como reflexão sobre a

* Licenciado em Teologia (Salamanca), licenciado em Letras – Ciências Histórico-Filosóficas – (Coimbra), frequentou o Instituto de Psicologia da Sorbonne e Escola de Psicólogos práticos do Instituto Católico de Paris. Professor de Psicologia na Universidade de Coimbra. Foi chefe de Redacção da revista Portugal em África. Entre as obras que publicou, distinguem-se: Diagonais da Aculturação, Expressividade e Personalidade, Aculturação, Mitificação da Cor, etc..

teologia missionária e sobre as ciências e a história das missões. Num primeiro tempo, sendo redactor o P. António Brásio, "Portugal em África" investirá sobretudo no espaço da História, num segundo momento, sob a responsabilidade do P. Álvaro Miranda Santos, serão as ciências humanas, como a psicologia e a sociologia que serão privilegiadas; finalmente na sua terceira fase, a fase da renovação conciliar, sendo redactor o P. Adélio Torres Neiva, será a teologia da missão que levará a prioridade.
A temática é extremamente variada. São múltiplos os estudos de Teologia Missionária, Espiritualidade Espiritana, História das Missões, Problemas de Missionação e Ciências da Missão, como etnografia, linguística, liturgia, medicina, literatura, antropologia, além das secções habituais, como: documentação, seara alheia, panorama missionário, bibliografia, etc.

A Missão Espiritana coloca-nos perante um facto histórico e transhistórico, simultaneamente. Com efeito, não nos encontramos frente a um fenómeno de rectilineidade nem, muito menos, de circularidade. Se de rectilineidade se tratasse, o que poderia acontecer, o que acontece com exagerada frequência nos tempos que correm, consiste em dizer mal do que antecedeu, como se o que os humanos criaram, com as possibilidades e nas limitações circunstanciais próprias, nada mais fosse do que incorrecções. Há mesmo quem aponte erros. Tais críticas significam o quê? Tentativa de negarem aquilo que devem? Ausência de criatividade própria em termos de alternativa?

Se de circularidade se tratasse, o que poderia acontecer, e por vezes acontece, consiste numa insistência, tantas vezes exagerada e inconsequente, em manter a todo o custo o tradicional, particularmente as tradições, tantas vezes prejudicando a riqueza inovadora da tradição. É como se o tradicional, simplesmente porque já foi comprovado, permaneceria válido só por esse facto. Seria como se os humanos nada mais pudessem criar ou, ao menos, inovar apesar das limitações, reais ou aparentes, apenas no intuito de manter o "statu quo" anterior.

Quer a circularidade, quer a rectilineidade constituem perspectivas que, enquanto tais, negam a característica exclusivamente humana de inovação ou acção inovadora. A rectilineidade na medida em que os humanos não criam pois limitam-se a "evoluir", comandados de fora por essa força estranha e não demonstrada que dá pelo nome de evolução. A circularidade na medida em que os humanos não inovam pois limitam-se a obedecer à repetição cega, como os astros a seguir cegamente a sua trajectória ou a sua "revolução", voltando sempre ao ponto de partida. Em 2002 o que Missão Espiritana procura nem é rectilineidade nem, muito menos circularidade, nem negação nem repetição do ou dum passado.

Simplesmente: espiralidade. Como o bom "chefe de família", o qual, segundo a parábola do Evangelho, procura tirar do seu tesouro "coisas novas e velhas".

Comparar 2002 com 1944 ou ambos com 1894 consiste em comparar alga-

rismos e nada mais. Por outras palavras, em qualquer comparação tudo depende da referência ou do paradigma em foco. Viria a propósito perguntar o que pensarão das nossas melhores reflexões de hoje, daqui a 20 ou 30 anos, outros que serão diferentes?

No que à Missão Espiritana diz respeito, se escolhermos como paradigma ou referência a actuação dos homens que a expressaram, vivendo e actuando por ela e para ela, encontravam-se plenamente integrados nas circunstâncias espacio-temporais e socio-culturais que aconteciam e que, por seu lado, eles igualmente re-criavam. Era o paradigma humano próprio desses homens que se expressavam em termos de missão espiritana.

No entanto, se apontássemos para o paradigma evangélico que antes de tudo os norteava, esses homens, graças à Boa-Nova que anunciavam, ao Evangelho que proclamavam, orientavam-se para mais alto e mais além do simplesmente socio-culrural e espacio-temporal. Deste modo se pode compreender a expressão que se encontra na "Advertência preliminar: "Se a nova publicação se apresenta com o nome de «Portugal em África» é porque, embora a existência do nosso país não dependa essencialmente do nosso domínio colonial, a ressurreição de uma parte das suas grandezas e glórias só é possível pela creação de um novo empório lusitano, no continente negro".[1]

Homens integrados no espaço-tempo dos anos da disputa socio-económica, em relação aos espaços africano e asiático, a partir das carências em matéria prima, provocadas pela "revolução industrial" e respectivas competições comerciais, os anos, exemplarmente, do "mapa cor de rosa", do "ultimatum". Anos em que o Cm.te Henrique de Carvalho, também escrevia, na introdução a Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda:"Não estão resolvidos ainda todos os problemas que respeitam às raças de África intertropical; mas também... (há que) reconhecer quanto urge dar todo o impulso e toda a protecção a quaisquer estudos e investigações desta natureza, para que as nações estrangeiras que deles se estão ocupando se não julguem os únicos nesta missão, nem continuem a apresentar-nos como incompetentes para esta ordem de trabalhos".[2]

Na sequência da mesma "Advertência preliminar", de Portugal em África [3] encontramos logo a seguir o aspecto supra-temporal e supra espacial. O circunstancialismo, esboçado antes, não vai impedir, antes pelo contrário, que esses homens escrevessem: "declaramos que a nossa revista é scientífica». Tomada esta palavra numa amplíssima significação, «está indigitada a larga esphera da nossa actividade». Por isso, facilmente se compreende que se declare serem benvindas a maior parte das «sciencias abstractas ou concretas, theóricas ou práticas, phísicas ou morais»[4] sendo enumerados os mais diversos temas: 15 ao todo.

Por aqui se adivinha o nível da orientação procurado pela revista, mesmo num plano estritamente humano, em termos de actividade criadora, aquém ou além dos interesses de domínio político, económico ou comercial.

---

[1] Portugal em África , Janeiro-1894,1.

[2] Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda (1890,VIII).

[3] Portugal em África, Jan.1894,2

[4] Ibidem 1894,.I,1.

No entanto, não fica por aí o objectivo dos responsáveis pela Revista, logo desde o seu início. A prova encontra-se no que aparece claramente expresso, a um outro nível, humano-divino ou divino-humano, nas seguintes afirmações, a revelar objectivos claros: "apresentamos... as seguintes indispensáveis declarações: «1ª - a nossa revista será eminentemente prática» e, por isso, «2ª - defenderá com enthusiasmo e energia as missões religiosas», adentro duma perspectiva «3ª - franca e orthodoxamente cathólica»[5]. «Todos os nossos esforços, imediatamente subordinados aos interesses da nossa pátria, estão superiormente encaminhados aos inexcedíveis ideais do Christianismo, a religião da humanidade». Talvez valha a pena continuar a transcrição, apesar da possível ambiguidade, facilmente superável se nos colocarmos no amanhã: «A philosophia social verdadeira, a que não sai da phantasia mas da história faz-nos que todos os progressos modernos, scientíficos e materiaes, progressos realmente grandes e que abraçamos em nome da razão e da própria fé, acham-se providencialmente destinados a facilitar a larga difusão e a frutificação intensa dos divinos princípios do Evangelho»[6]. Dito de outro modo: tudo se torna facilmente compreensível se tivermos presente que a Mensagem de Cristo, Boa-Nova, se dirige a todos os homens, duma forma particular e quase exclusiva, simplesmente porque se orienta pelo serviço a prestar ao homem todo, na sua singularidade e na sua reciprocidade.

Entenda-se: a Mensagem.

Em 1944, o ambiente do pós-guerra mundial (2ª), o envolvimento dos outros continentes no conflito europeu, «as dificuldades derivadas da anormal situação do mundo em guerra, e especialmente da Europa»[7] por virtude da tal partilha (Conferência de Berlim – 1884-5) o valor que foi atribuído a outros povos e reconhecido por eles nessa luta, o movimento existencialista, a união entre os intelectuais negros, principalmente de África ao qual foi dado o nome de Negritude, todas estas circunstâncias favoreceram a passagem duma fase de descoberta de terras desconhecidas, (sécs. XV e XVI) para a descoberta de povos que viviam nessas terras, (sécs. XVII e XVIII) para desembocar, finalmente, na descoberta de povos que queriam viver a sua própria autonomia, em base de «identidade» territorial, apesar das nítidas diferenças, em termos culturais.[8]

A Missão espiritana, sempre atenta aos «sinais dos tempos», desenvolveu uma reflexão em busca de novos caminhos de evangelização, em fidelidade, simultaneamente à continuidade dos seus objectivos fundamentais e às particularidades circunstanciais dos mesmos, evidenciando a força e o desenvolvimento da nova forma de presença da Congregação do Espírito Santo em Portugal. Sempre com o mesmo objectivo: servir os humanos, comunicando a Boa-Nova de Cristo, no caminho da vivência eclesial.

Assim é apresentada a nova série: «Faz 50 anos neste mês de Janeiro de 1944 que pela primeira vez apareceu em Lisboa, publicada sob a direcção dos Missionários do Espírito Santo, a revista que reaparece agora à luz da publicida-

[5] Ibidem 1894, I,2.

[6] Ibid 1894, 1,2.

[7] Portugal em África, 2ª série, 1944, Specimen,2.

[8] Ibidem 1962.

de, sob o nome de «Portugal em África» Damos-lhe como sub-título – Revista de Cultura Missionária – o que pode parecer (e, em teoria, é-o até certo ponto) uma redução do subtítulo com que se apresentava a 1ª série: Revista scientífica[9].

De diversos modos é realçada a colonização científica, o conhecimento dos solos e, particularmente dos homens que o habitam. Continuarão a ter «entrada estudos de qualquer problema, directa ou indirectamente missiológico» ao lado de todos os «outros ramos do saber humano e, talvez ainda mais que todos, a Etnologia, tal e tão íntima é a relação que têm todas essas ciências com o desenvolvimento e o progresso da Obra missionária» em qualquer parte da terra que a mesma aconteça. (Specimen,2). Novos e diversos trabalhos vêem a luz do dia, em aumento crescente de qualidade e em quantidade. Alguns missionários constituem-se em verdadeiras autoridades, reconhecidas dentro e fora do País, em temas de Antropologia cultural assim como de Etnografia. Dessas reflexões decorreram algumas iniciativas originais, no sentido da inserção adequada e promoção da mensagem cristã. Houve mesmo uma pequena reformulação dos objectivos iniciais, particularmente no que ao 3º diz respeito, «universalmente humana e fundamentalmente missionária» [10]

Assim se compreende que uma tal reaparição de «Portugal em África» seja saudada por «El siglo de las Misiones» (Maio,1944), a partir dos trabalhos já publicados, em termos elogiosos, fazendo «augurar uma revista de alta cultura missionária, a promover a formação da consciência missionária em Portugal». Noutro tom e, talvez, mais significativo, encontramos no «Bol. Mensal das Missões Franciscanas e Ordem Terceira (Maio,1944): «Revista de gloriosas tradições, nos velhos tempos dos princípios deste século, promete continuar a sacudir a consciência missionária dos portugueses... a qual se não dorme, às vezes parece dormitar».

Retomando o início destas breves reflexões, seria de perguntar: circularidade? Só em parte. Rectilineidade? Igualmente, só em parte. Encontramo-nos claramente perante manifestas demonstrações de inovação, por renovação e, mesmo, por originalidade. Encontram-se não menos manifestas demonstrações de fidelidade, renovadora e criativa.

Uma espiral.

Mais significativa que «a escada de Jacob», que leva a pensar em verticalidade, esquecendo a horizontalidade do serviço a prestar aos humanos, na comunidade.

Mais significativa, igualmente, que o «enterrar dos mortos», esquecendo os vivos a quem somos chamados a dar atenção atenciosa e merecida, na medida em que esperam algo de nós.

Espiralidade, porque se encontra sempre atenta ao concreto e ao vivido, em termos de promoção.

Espiralidade, porque não esquece o que foi adquirido e permanece válido em si mesmo e valioso para todos.

Espiralidade, ainda, porque presta homenagem às iniciativas que desenvolveram os que nos precederam, praticando uma criatividade adequada às circunstâncias espacio-temporais e socio-culturais.

[9] Ibidem 1944, Specimen,2.

[10] Portugal em África, 1944,1:9.

Espiralidade, mais ainda, porque não se deixam prender ou enlear pelo que foi feito, antes pelo contrário, com a sua criatividade em novas circunstâncias socio-culturais e espacio-temporais tentam ser dignos do testemunho que receberam aumentando-o, elevando-o e fazendo-o frutificar.

Espiralidade finalmente e em síntese, no sentido realçado por W.Whitman: «Quem chegou mais longe?» pergunta. Quero prestar homenagem, quero agradecer? Talvez. Quero repousar, quero contentar-me? Completamente longe disso, embora passável e diferenciadamente legítimo.

A razão é totalmente outra e a única correcta a poder interessar, à luz da palavra do Evangelho: «Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito».

A resposta de Whitman à pergunta que formula é a seguinte: «porque quero chegar mais longe ainda».

Aspiração legítima. O quero, apenas, é que pode suscitar reparos: Talvez melhor: para uns, chegar mais longe, porque o devo aos vindouros. Para outros, chegar mais longe, porque o merecem os antepassados. Ambos o merecem. Igualmente e diferentemente.

Em suma: é por intermédio duma perspectivação, em termos de futuro que colaboramos com os vindouros, na medida em que por intermédio duma recriação do passado honramos os que nos precederam, agindo lúcida e confiadamente no nosso presente, espaço-tempo da nossa forma própria de nos tornarmos o que fomos projectando ser.

Missão Espiritana: é missão... é envio... é ir mais além. Espiritana porque obedece ao sopro do «Espírito» que «paira sobre as águas», por vezes um pouco estagnadas em circunstancialismos meramente circunstanciais. Isto é, à espera de quem as agite, a favor dessa extraordinária beleza do serviço aos humanos, principalmente se for prestado duma forma englobante, por todas as razões históricas e específicas, muito própria da Missão Espiritana.

ADÉLIO TORRES NEIVA*

chaves de leitura da missão espiritana
- perspectiva histórica -

Ocorreu a 2 de Fevereiro deste ano o 150º aniversário da morte de Francisco Libermann, o segundo fundador dos Missionários do Espírito Santo. A 8 de Junho do próximo ano, 2003, passa o 300º aniversário de Fundação da Congregação por Poullart des Places, primeiro fundador. Ao recordar o itinerário da Missão Espiritana, o autor conclui:
Como há 300 anos
A missão espiritana está ainda no seu começo:
É a hora de retomar os remos
Fazer-se ao largo e de novo
Partir para a outra margem.

1. O itinerário da missão espiritana

1.1. Antes da fusão com a Sociedade do Coração de Maria

Entre os institutos religiosos, poucos terão tido uma história tão extraordinária como os Espiritanos, escreveu um historiador jesuíta em 1986. De facto, a obra fundada em 1703 por um jovem de 24 anos, estudante do colégio Luis, o Grande, viverá sem existência legal durante 30 anos. E durante 60 anos, o seminário foi dirigido por superiores cuja idade pouco ultrapassava os 20 anos. Os seminaristas faziam parte do corpo directivo do seminário, como se se tratasse de uma repú-

* Sacerdote da Congregação do Espírito Santo, Licenciado em História pela Universidade de Coimbra, Professor de Missiologia na Universidade Católica, Chefe de Redacção da revista Portugal em África, Director da Revista Encontro.

blica de estudantes, no dizer de Henry Koren[1]. No princípio a "Associação do Espírito Santo" (Sodalitium) era formada pelo fundador e mais dois seminaristas, a que estavam associados o alfaiate e o cozinheiro.

No princípio a "Associação do Espírito Santo" (Sodalitium) era formada pelo fundador e mais dois seminaristas

As pequenas comunidades para acolher os aspirantes ao sacerdócio destinados às paróquias rurais pobres, segundo o espírito do concílio de Trento, era um modelo muito em voga nessa época.. Os grandes seminários, reservados aos filhos de famílias ricas, formavam padres aburguesados, mais interessados nas comendas e benefícios do que na vocação sacerdotal.

Uma vez terminada a sua formação, os padres do Seminário do Espírito Santo eram destinados aos serviços apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados e toda a formação recebida os preparava para esse ministério.

Durante quase 150 anos, ou seja até à sua fusão com os Missionários de Libermann, a fundação foi mais um movimento que uma organização e quando em 1734, ela adquiriu uma estrutura visível como instituto secular de direito diocesano, esta estrutura consistia apenas num corpo de directores, requerido pela lei civil para poder ter personalidade legal. Os directores não faziam votos nem promessas, subscreviam apenas um contrato em que se obrigavam a observar os estatutos, de resto de uma extrema concisão.

O vigor da fundação de Poullart des Palces provinha do seu carisma e do seu espírito

O vigor da fundação de Poullart des Palces não provinha da sua organização, mas do seu carisma e do seu espírito. Só os directores constam do "Registo dos Associados", que era a lista oficial dos membros da Congregação, mas até 1848 todos os sacerdotes formados no seminário, eram considerados "espiritanos e não tinham qualquer outro compromisso que não fosse o do sacerdócio. Para eles o sacerdócio implicava a disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos mais pobres e dos mais abandonados. Essa disponibilidade era marcada por uma vida de pobreza muito exigente. Para Poullart des Places a fidelidade ao Espírito passava pela fidelidade aos pobres. Essa era efectivamente a sua marca de origem. Foi talvez essa evidência que fez com que Poullart des Places não sentisse a necessidade de escrever uma Regra para a sua Congregação. A grande Regra que ele escreveu e legou aos seus sucessores foi a sua vida e foi esse livro que os espiritanos aprenderam a ler e conservaram como um tesouro. A sua Regra era de facto uma regra interior, como a de Francisco de Assis no tempo das origens. Os Regulamentos que ele escreveu para o seu seminário são apenas linhas de conduta para os serviços da casa. Será Bouic, o seu sucessor, que em 1734 passará para texto essa regra que Poullart des Places viveu na vida.

A primeira abertura da Congregação às missões longínquas só aparece codificada nesta Regra de 1734 e recupera um sonho da juventude de Poullart des Places: No tempo do fundador só se podia ir para as missões longínquas por intermédio das Missões Estrangeiras de Paris, que nessa altura estavam imbuídas de jansenismo. Poullart des Places, formado na escola dos Jesuitas, não podia ter escolhido essa via. Mas logo que as circunstâncias o permitiram, ou seja à volta

[1] Koren, Henry. Essai sur le charisme spititain au fil de l'histoire de 1703 à 1839. In Mémoire Spiritaine, nº 5 p. 7 a 23.

de 1730, as missões longínquas entraram na lista das suas preferências. Os espiritanos tornaram-se missionários "Ad Gentes". A Congregação alarga o seu projecto de formação de clérigos pobres para a evangelização dos infiéis; passa de sociedade de instituto de direito diocesano a sociedade canonicamente instituída, sob a jurisdição da Propaganda.

O testemunho que umas dezenas desses padres deram entre os índios da Acádia, com nomes que ficaram na memória espiritana como o P.Pierre Maillard, o missionário cuja vida se confundiu durante 30 anos com os índios Micmas, ou o P. Le Loutre, o apóstolo dos Acádios, ou P.Le Guerne, o missionário dos refugiados e excluídos de todas as fronteiras, ou o santo P. Lanoué que toda a Guiana recorda e os aborígenes do Extremo Oriente, onde 7 espiritanos foram bispos, levou o capelão geral da colónias a propor à Congregação a aceitação oficial da assistência espiritual de todas as colónias francesas, quando o governo francês reorganizou o quadro dos seus territórios ultramarinos em 1760. Com esta opção da Congregação, todos os missionários ficam a pertencer legalmente ao Instituto, pois até aí, esta pertença era limitada aos directores e professores do seminário.

A situação da Congregação após a Revolução Francesa mostrou a fraqueza de que a Congregação enfermava pelo facto de ser mais um movimento que um instituto estruturado. A congregação nada tinha previsto para a sua expansão e o seu crescimento; não tinha estruturas jurídicas para exercer a sua autoridade sobre os padres mal preparados que foi obrigada a aceitar por pressões do governo, nem possibilidades de lhes dar a formação necessária. Os esforços feitos pelos superiores gerais Fourdinier e Legay, para inserir os padres coloniais no espírito e nas estruturas da Congregação esbarraram com dificuldades incontornáveis. O seu carisma não sofreu quebra, mas por si só, revelou-se incapaz de impedir o seu declínio no período de grande turbulência e instabilidade que se seguiu à Revolução Francesa, por quase 50 anos. A chegada do P.Libermann e dos seus discípulos em 1848 salvou-a da extinção iminente, emprestando-lhe as estruturas necessárias, a renovação do pessoal e uma direcção capazes não só de a manter mas de a renovar e de lhe dar um novo élan[2].

1.2. Depois da fusão com a Sociedade do Coração de Maria

Foi com Libermann que a Congregação se tornou especificamente missionária, tomando a África como seu principal campo de apostolado... É então que a Congregação ultrapassa a fronteira das colónias francesas para se abrir à evangelização dos infiéis em qualquer parte do mundo.

Depois, Libermann alarga o seu horizonte às situações de exclusão social na Europa, à formação de futuros sacerdotes e à educação da juventude.

A formação nos seminários era uma herança das origens, que remontava já a Poullart des Palces e em que Libermann se sentia à vontade. Não é por acaso que a primeira fundação após a morte de Libermann foi a fundação de um seminário para o clero francês em Roma.

[2] Ibidem

Quanto às obras sociais na metrópole, estas integravam-se perfeitamente no quadro da categoria das pessoas mais abandonadas do pós Revolução Francesa. A revolução industrial criara um proletariado indefeso, a gritar por socorro e por amparo. E as iniciativas em seu favor multiplicavam-se por toda a França. A Obra social de Bordeus lançada por Libermann daria o sinal de partida. O orfanato de S.Michel-en-Prisiac, na Bretanha, a Casa da Providência na Reunião, a Obra dos Orfãos de Auteil, em Paris, e outras similares no Senegal, no Gabão, no Bagamoio, em Angola, na Martínica, na Guadalupe, situam-se nessa fronteira.

Por sua vez, os colégios eram um espaço privilegiado para a visibilidade da Congregação e para a promoção vocacional. Foi por isso, que logo após a morte de Libermann os espiritanos não hesitaram em assumir importantes estabelecimentos de educação na França, na Irlanda, em Portugal, na Trindade, na Alemanha, no Canadá e nos Estados Unidos. Será Schwindenhammer o grande impulsionador da diversificação de obras na Congregação: ele fundaria 79 novas fundações, das quais 33 na Europa e Estados Unidos; no seu tempo abriram-se 30 colégios e seminários, praticamente um por ano. São desta época nomes como Blackroch, Rochwell na Irlanda, Espírito Santo em Braga e Santa Maria no Porto, Colégio do Espírito Santo nos Estados Unidos, hoje Duquesne University, Santa Maria na Trindade, S.Marcial no Haiti, etc.

Com Libermann a Congregação se tornou especificamente missionária

Outra nota que a presença de Schwindenhammer legou à Congregação foi a transformação de sociedade de vida apostólica em Congregação religiosa com votos públicos; o instituto passa da dependência da Congregação da Propaganda para a jurisdição da Congregação dos Religiosos.

Foi esta diversificação de obras que veio consolidar a internacionalização da missão espiritana, que a caracterizou na segunda metade do século XIX.

Libermann desejava ver a Congregação expandir-se para além dos territórios franceses, nomeadamente nos países coloniais, que poderiam fornecer missionários para as suas colónias. Na sua correspondência encontramos referência a esta intenção a respeito da Alemanha, da Bélgica, da Irlanda, da Inglaterra, da Espanha, de Portugal, do Brasil, dos Estados Unidos, da África do Sul e da Tunísia. Será com Schwindenhammer, seu sucessor no governo da Congregação, que se abrirão fundações na Irlanda, Alemanha, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos. Com Mons. Le Roy novas províncias foram criadas na Bélgica, Holanda, Inglaterra, Canadá e Polónia. Hoje os Espiritanos trabalham ou trabalharam em 80 países: os seus membros são originários de 33 nacionalidades.

Mais perto de nós, uma nova aurora marca a missão espiritana:

Uma nova aurora marca a missão espiritana

– a renovação conciliar levou a rever a teologia e a pastoral missionária. A passagem de uma missão geográfica a uma missão de situações, levou a Congregação a privilegiar a missão transcultural e as comunidades internacionais;

– a emergência das independências e das novas igrejas, nas terras de missão, levou os Espiritanos a passarem de protagonistas dessas igrejas a seus auxiliares;

– a acção pela justiça e pela paz como parte integrante da missão levou os

Espiritanos a investir cada vez mais nessa fronteira. Passou-se do ministério junto dos escravos ao ministério junto dos refugiados, emigrantes, excluídos, jovens em situação de risco. Da luta pela promoção e desenvolvimento, passou-se à luta pelos direitos e a dignidade da pessoa, ao respeito pela diversidade cultural, ao diálogo inter-religioso;

– durante 300 anos, os Espiritanos investiram na formação de novas igrejas. Mas o progressivo crescimento e maturidade dessas novas igrejas levou-as à tomada de consciência da sua vocação missionária e à implantação do carisma espiritano no seu seio. O centro de gravidade da Congregação desloca-se do hemisfério norte para o hemisfério sul. A missão em sentido único converte-se cada vez mais em missão em sentido recíproco.

Como última palavra desta caminhada de 300 anos, os Espiritanos voltam-se para a Ásia, o continente das religiões ancestrais, das culturas milenárias, do planeta jovem, da geografia dos pobres, das grandes manchas de exclusão social. Aí se joga o futuro da missão espiritana.

Se quiséssemos reter os passos mais significativos desta caminhada lembraríamos: a formação de seminaristas pobres na primeira parte do século XVIII e a do clero colonial na segunda; a acção em favor dos negros no século XIX; a fundação de novas igrejas na África no século XX; a implantação do carisma espiritano nas novas igrejas e a abertura da Congregação à Ásia na segunda parte do século XX

1.3. A missão espiritana nas convulsões da História

Durante estes 300 anos, a Congregação passou por experiências particularmente difíceis e turbulentas. As convulsões políticas e sociais em que a Europa se envolveu, entre as quais sobressai a Revolução Francesa, as lutas pela posse e disputa das colónias, as guerras tribais e coloniais, as lutas das independências nas colónias, as guerras liberais nas metrópoles, os conflitos de natureza eclesiástica, as duas guerras mundiais, a de 1914-1818 e a de 1939-1945, as revoluções de caracter nacional com as suas repercussões no ultramar, com tudo isto teve que lidar a missão espiritana. A congregação foi suprimida duas vezes, uma pela Assembleia Legislativa, após a Revolução Francesa, em 1792 e outra por Napoleão em 1809, e várias vezes ameaçada de extinção. Só durante o século XIX, quatro revoluções, três das quais anti-religiosas e anti-clericais, desafiariam a sobrevivência da Congregação.

Com a revolução de 1830, o seminário do Espírito Santo foi fechado pela terceira vez e todos os missionários ameaçados de serem expulsos das colónias.

Em 1848 estala a Revolução de Fevereiro que pôs fim à monarquia e proclamou a 1ª República pondo em risco mais uma vez a Congregação, obrigando o P.Leguay a demitir-se de superior geral, sendo substituído pelo P.Monet, que salvou a Congregação.

Em 1870, a guerra entre a França e a Prússia obrigou a evacuar o seminário de Chevilly, tendo os livros e os arquivos sido enterrados na cerca do seminário. Na Casa Mãe, em Paris, o superior geral foi obrigado a deixar a cidade. Na

Alemanha, por sua vez, Bismark expulsaria todos os espiritanos.

Em 1902, a perseguição do anti-clerical Emile Combes, obrigou a França a fechar 12 casas e 300 confrades, uma centena dos quais idosos e doentes, e mais 1300 aspirantes, ficaram na rua.

Em 1905, só a argúcia do superior geral, Mons. Le Roy, conseguiu salvar a Congregação de mais uma vez ser suprimida.

Em 1910, em Portugal, com a proclamação da Republica, a província portuguesa perdeu todas as suas casas, excepção feita à Procuradoria das Missões, e os confrades obrigados a procurar refúgio no estrangeiro.

Durante a Grande Guerra de 1914-1918, mais de 600 padres, irmãos, escolásticos e noviços espiritanos foram mobilizados para a guerra. Nos países em guerra, praticamente todos os jovens com mais de 18 anos foram mobilizados. Na França 320, na Alemanha 330, serviram como soldados, enfermeiros ou capelães.

Na segunda Guerra Mundial de 1939-1945, na Alemanha, os seminários foram fechados e Kenecksteden transformado em hospital militar. Na França e na Alemanha foram mobilizados para a guerra 570 confrades, dos quais foram mortos 24 franceses e 101 alemães, que hoje repousam no cemitério de Kenecksteden. Na Polónia a vice-província foi extinta, os arquivos destruídos, e alguns confrades mortos, incluindo dois em Dachau.

A 1 de Janeiro de 1962, durante a independência do Congo, 20 missionários, dos quais 18 espiritanos belgas, foram mortos de uma só vez, em Kongolo.

Em 1967-1970 foi a guerra do Biafra, na Nigéria, que obrigou 300 espiritanos irlandeses a abandonar o país.

Na Guiné-Conakry, em 1967, Sekou Touré anuncia a expulsão dos bispos, padres e religiosos não africanos, entre os quais 31 espiritanos

No Haiti, em 1969, 200 espiritanos foram obrigados a retirar.

Em Angola, a guerra da independência fez com que meia dúzia de confrades fossem assassinados, 85 abandonassem o país, 40 missões fossem ocupadas e 20 fechadas.

Às situações de guerra, poderíamos acrescentar as dificuldades do clima e as grandes catástrofes que enlutaram a história espiritana durante estes 300 anos. Entre 1842 e 1852, portanto nos 10 anos em que Libermann esteve à frente dos destinos da Congregação, partiram para a África 47 espiritanos, dos quais 20 morreram com menos de 30 anos e 15 tiveram que regressar à Europa por motivos de saúde. Dos 10 primeiros missionários, 7 morreram durante o primeiro ano de missão. A média de vida dos 100 missionários falecidos até ao fim do governo do P.Schwindenhammer, em 1895, foi de 30 anos.

Dos 10 primeiros missionários, 7 morreram durante o primeiro ano de missão

Em Angola, dos primeiros quatro missionários, três morreram nos três primeiros anos. No Bagamoio, em cinco anos morreram 12 com a idade média de 25 anos. No Sudão, os três primeiros missionários morreram todos em três anos na mesma residência.

Em 1920, o naufrágio do "Afrique" sepultou no mar Mons. Jalabert com 15 espiritanos. Vários outros naufrágios vitimaram também não poucos confrades.

"E em outras partes, muitos outros santos, mártires, confessores..." assim reza o martirológio espiritano

2. Chaves de leitura da missão espiritana

2.1. A missão espiritana e as periferias da História

A constante que acompanha a missão espiritana ao longo da sua história são os "mais pobres e abandonados na igreja de Deus, especialmente os infiéis". Este é o seu fio condutor sempre recordado nas 13 revisões das Constituições. O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos: os aspirantes ao sacerdócio sem amparo, os índios das missões longínquas, os escravos das colónias, os negros africanos, os emigrantes e refugiados, os orfãos e crianças da rua, as igrejas em dificuldade. Recordemos alguns dos seus rostos mais significativos:

1. Os escravos das colónias. O "Código dos Negros" estabelecido por Colbert em 1685, nos seus 60 artigos, coloca os escravos na situação de não humanos. Paradoxalmente, é-lhes reconhecida uma alma: para a salvar é preciso ensinar-lhes a obediência e o medo do inferno. Durante muito tempo, a Igreja preocupou-se mais com humanizar esta situação do que em a abolir.

A constante que acompanha a missão espiritana ao longo da sua história são os "mais pobres e abandonados na igreja de Deus, especialmente os infiéis"

Conhecemos hoje a rota dos escravos da África para as Américas e os números de uma das mais tristes histórias da humanidade. Calcula-se em pelo menos 12 milhões por ano, o número dos deportados no Senegal, na Costa da Mina ou Costa dos Escravos, no Gabão, no Loango, no Zaire, em Angola. 12 por cento terão morrido durante a travessia. Durante os três séculos em que este comércio esteve mais activo, devem ter sido 60 a 70 milhões os escravos deportados. Certos portos da costa africana ficaram célebres como polos de referência deste comércio: S.Jorge da Mina, a ilha Goreia, em Dakar, onde ainda hoje existe a Casa dos Escravos, que João Paulo II apelidou de "santuário africano da dor negra", a ilha de Zanzibar, em frente do Bagamoio, um dos principais centros do comércio dos negreiros da África Oriental.

A abolição do tráfico dos escravos foi um processo lento que começou pelos fins do século XVIII e levou quase cem anos a implementar.

Nesta luta anti-esclavagista entraram várias forças políticas, humanitárias e religiosas: os liberais e os filósofos da Enciclopédia saídos da Revolução Francesa defensores dos direitos do homem; os governos europeus, interessados em defender a sua imagem e as suas colónias; as potências protestantes apostadas em difundir o seu credo religioso e a Santa Sé, que depois de não poucas hesitações, condenava em 1839 o comércio dos escravos.

A retoma da missão no século XIX inscreve-se neste movimento de confluências anti-esclavagistas. A Obra dos Negros de Le Vavasseur emerge neste contexto. A necessidade de uma mobilização em particular a favor dos escravos negros, era uma prioridade sentida por muitas forças da sociedade envolvente. O testemunho vivo dos dois crioulos do seminário de S.Sulpício, um da ilha Bourbon e outro do Haiti, duas ilhas de má memória esclavagista, eram para Libermann um aguilhão que não podia deixar de doer.

O projecto de Libermann aparece assim como um ponto de confluência de

iniciativas convergentes que davam conteúdo a uma mística de serviço aos mais pobres e abandonados, que está na base da Obra dos Negros. Vai ser a partida dos escravos libertos da América, que com Mons. Barron, enviado pela igreja de Filadélfia, regressam à sua África natal, a Libéria, Serra Leoa e Senegal, que dará origem ao Vicariato das Duas Guinés, que vai abrir o caminho aos missionários de Libermann.

2. Os negros foram outra das periferias que marcaram a missão espiritana. A opção pelos negros insere-se num contexto cultural marcante de toda uma época. Antes de descobrir a África, Libermann pensa sobretudo nos escravos do Haiti, de Bourbon e da Maurícia. Estes é que eram os negros em que Libermann pensava. Os negros não eram necessariamente os da raça negra. Negros eram os mais desprezados daquele tempo, sem qualquer conotação de cor. Serão os abolicionistas que substituirão a palavra "nègre" por "noire", precisamente por causa da sua conotoção negativa. A África só será descoberta por Libermann depois de, por motivos políticos, as portas do Haiti e das outras colónias se terem fechado aos franceses. Será então que providencialmente, Mons. Barron virá pedir missionários para as Duas Guinés, quando os seus primeiros missionários não tinham terra para onde ir.

A opção de Libermann pelos negros não era simples adesão intelectual a uma causa, mas identificação afectiva com os mais abandonados. "O nosso projecto, escreveu ele, é entregarmo-nos a Nosso Senhor pela salvação dos negros". Aos seus confrades da comunidade de Dakar, Libermann, numa da suas mais célebres directivas, recomendará que se façam "negros com os negros". É a teologia de S.Paulo, quando nos diz que "Cristo se humilhou a si mesmo, tomando a condição do servo, tornando-se obediente até à morte e morte da cruz."

Esta era a hora de Deus para a África

3. Outra grande intuição de Libermann foi ter compreendido que esta era a hora de Deus para a África. O século XIX foi de facto, o grande século da redescoberta da África. Os portugueses quando descobriram a África no século XVI, fixaram-se sobretudo no litoral, deixando o interior do continente entregue ao seu mistério. As especiarias da Índia e o ouro e pedras preciosas do Brasil tinham feito esquecer a África, deixando-a na periferia da História. Agora, no século XIX, a revolução industrial com o seu recurso ao aço, a descoberta da hélice e do vapor, veio relançar a arte da navegação e a Europa fez-se de novo aos mares. Os grandes exploradores de então, desventram o interior do continente africano, percorrem a África em todas as direcções e fazem da África a vocação da Europa.

Depressa, os governos europeus, a princípio reticentes, tomam consciência dos desafios que tais revelações lhes lançavam e a corrida para a África começou: corrida política, pela ocupação do território, corrida militar, pela sua defesa, corrida científica, pelo seu estudo, corrida económica pela sua exploração e corrida filantrópica, pela sua ajuda humanitária e programas de desenvolvimento. Criam-se Ministérios das Colónias, fundam-se Sociedades de Geografia, criam-se museus de etnografia e botânica, publicam-se relatórios e fazem-se colóquios e conferências.

A intuição de Libermann fá-lo compreender que esta "hora da África" podia ser a sua hora de Deus. "Nisto tudo se vê o dedo de Deus que na sua Providência quer que esta raça abandonada durante tanto tempo, se levante rapidamente do estado miserável em que se encontra há tanto tempo... Temos, no entanto, de reconhecer, que todos estes recursos suscitados para o bem dos negros, podem ser-lhes prejudiciais. Os funcionários dos governos provêm na sua maioria, da escória da Europa e são inimigos da Igreja. Se chegam a introduzir-se no meio dessa gente, pode ser que contribuam um pouco para aliviar as suas misérias corporais, mas acabarão por levar as suas almas à ruína... Se chegarmos tarde demais, estes povos perder-se-ão para o erro e para a depravação dos costumes". Mais de 2000 espiritanos partirão efectivamente para a África até ao princípio do século XX.

2.2. As teologias subjacentes à missão espiritana

2.2.1. O homem como caminho da missão

A promoção da pessoa não esteve ausente na missão do passado. Mas é sabido que o modelo de missão então adoptado, privilegiava o anúncio imediato da fé e da urgência da salvação das almas, deixando para segundo plano outras dimensões da pessoa. O resultado é que faltava o apoio sociológico e cultural, o que tornava a conversão extremamente frágil.

Libermann no seu projecto missionário está particularmente atento ao crescimento da pessoa em todos os seus domínios e ao amparo sociológico e familiar de que a fé precisa para resistir a todas as vicissitudes ambientais. Assim, o mais urgente não era baptizar, mas promover a pessoa até a motivar para o seu baptismo. As escolas profissionais e agrícolas ocupam um espaço importante na geografia da missão espiritana. Os relatórios das missões sublinham sempre a importância da escola como prioridade missionária. A rede escolar incluía escolas rudimentares nas aldeias do interior, escolas primárias nas missões centrais e, em certos lugares, colégios e escolas normais. A organização escolar das duas dioceses de Onitsha e Owerri empregavam só elas 8 mil professores. As missões espiritanas destas dioceses contava mais de uma centena de estabelecimentos de formação pedagógica. Na Nigéria a Congregação chegou a dirigir uma dúzia de colégios.

Desde 1852 que uma escola técnica bem apetrechada funcionava no Senegal, com oficinas de todas as profissões consonantes com o meio ambiente. As mais importantes destas escolas foram abertas em Negazobil (Senegal), Boké (Guiné), Onitsha (Nigéria), Libreville (Gabão), Huila (Angola), Bagamoio (Tanzânia) e Zanzibar. Algumas delas tornaram-se célebres: as oficinas de Nhazobil foram uma espécie de Empresa de Trabalhos Públicos para todo o Senegal. Nos anos 50 mais de 200 escolas profissionais funcionavam nas missões espiritanas da África. As sete oficinas de Caconda eram frequentadas em 1933 por 179 aprendizes. A escola para Libermann era verdadeiramente o futuro da missão.

2.2.2. A missão espiritana e o encontro de culturas

Libermann recomendou logo aos seus primeiros missionários, os da comunidade de Dakar e do Gabão, que se despojassem da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; que se fizessem negros com os negros para os formar, não à maneira da Europa, mas segundo aquilo que lhes é próprio. O encontro cultural é sem dúvida um dos aspectos mais característicos da missão espiritana. Este encontro cultural manifesta-se sobretudo através de estudos no campo da geografia descritiva, da história natural, da etnologia, da história e da linguística

O encontro cultural é sem dúvida um dos aspectos mais característicos da missão espiritana

1. Quanto à Geografia Descritiva, as contribuições neste domínio remontam sobretudo aos primeiros tempos, quando a carta geográfica da África estava ainda por saber. As viagens pelo mato, no boi cavalo ou no carro boer, proporcionavam ao missionário o estudo da geografia local, nessa altura quase completamente ignorada. Particularmente notáveis foram os 55 mapas, em que Mons. Augouard e os seus missionários revelaram, pela primeira vez, importantes percursos do Congo e do Oubangui. Baseando-se em quinze anos de navegação nestes cursos de água, desenharam as suas cartas hidrográficas seguindo os melhores métodos astronómicos e hidrográficos. Trabalhos que a Sociedade de Geografia de Paris publicou e premiou com o prémio Fournier. Outros espiritanos traçaram os mapas de Staneley Pool, do Sudão Ocidental, de Angola, particularmente o P.Duparquet com as suas Viagens na Cimbebásia, do interior do Oubangui e de certas regiões do Leste-Africano.

Em Angola, o P.Lecomte, membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, estabeleceu o primeiro croquis hidrográfico da região situada entre Cassinga, Cafima e Massaca e o P.Bonnefoux forneceu elementos de grande utilidade aos cartógrafos portugueses, pelos seus numerosos croquis, traçados com escrupulosa exactidão, das regiões por ele percorridas.

2. Outros missionários investiram sobretudo no estudo da Botânica. O P. Klaine, foi um botânico, que não só introduziu novas plantas em África como enriqueceu vários museus com milhares de espécimens. Outros, como os Padres Sacleux, Tisserant e Sébire notabilizaram-se por estudos de Botânica, de grande interesse científico. O P. François Roher tornou-se um perito em apicultura e tem vários estudos publicados sobre esta matéria. Mais de 200 espécies de plantas têm os nomes de Klaine e de Sacleux, de Duparquet, José Maria Antunes, Dekindt, Le Roy, Trilles, Raimbault, etc. O P.José Maria Antunes foi um grande cultor da ciência das plantas. Das colecções que fez no distrito da Huila existem hoje cerca de 100 espécimens, no herbário de Coimbra. A restante parte das colecções, cerca de 80, está depositada no Museu Botânico de Berlim, no Museu Britânico de Londres, no Museu da Universidade de Coimbra, no de Lisboa, no Centro Botânico da Junta das Missões de Lisboa, no Museu de História Natural de Paris e nos Jardins de Kiev. Este material forneceu diversos tipos clássicos aos quais foi dado o seu nome: Pterocorpus Antunessi, Acacia Antunessi, Albizzia Antunesiana. Íntimos colaboradores do P.Antunes foram os Padres Bonnefoux e Dekindt. Este tem uma avultada colecção com mais de mil números. Esta colecção depositada nos Museus Botânicos de Berlim, Montpellier e Coimbra

contém numerosas espécies raras, como: Pterocorpus Dekinditii, Dalbergia Dekindtiana, etc.

3. Mas mais que pelos cursos de água ou pelas plantas e pelos animais, os missionários interessaram-se sobretudo pelo estudo do homem. Vários deles se notabilizaram em Etnologia e em Antropologia,. A lista das obras que Mons. Le Roy publicou ocupa uma dezena de páginas; entre elas, sobressaem "Os Pigmeus", e "A Religião dos Primitivos", obras que no seu tempo foram best-sellers no campo da antropologia. Foi ele que em 1906 escreveu o artigo inaugural da nova revista internacional de Etnologia e Linguística "Antropos". Outros, foram etnólogos, estudados nas universidades como Constant Tatevin, Carlos Duparquet, Carlos Estermann, Albert Sébire, Charles Tisserant. Alguns deles foram professores em várias universidades, membros das Sociedades de Geografia e das Academias de Ciências.

Em Angola distinguiram-se particularmente os Padres Lang. Dekindt e Tatevin com os seus estudos sobre os Nhanecas e sobretudo o P. Carlos Estermann, cuja colaboração se encontra por diversas revistas de Portugal e de Angola... Mas o P. Estermann é ainda autor de vários livros, entre os quais sobressai a sua obra monumental Etnografia do Sudoeste de Angola em três volumes, que estuda o grupo étnico dos Ambos, o grupo Nhaneca-Humbe e o grupo Herero. O P.Estermann recebeu a condecoração de Oficial da Ordem do Império, a comenda de Chevalier du Nichan-El Anouar, concedida pelo governo francês, a insígnia "Pro Ecclesia et Pontifice", outorgada por Paulo VI, a comenda da Ordem Militar de Santiago da Espada, concedida pelo presidente da República Portuguesa e o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Clássica de Lisboa.

4. Outro campo de investigação dos missionários foi a Linguística. Nada permite conhecer tanto a alma de um povo como a sua língua. Foi na linguística que os Espiritanos deram um dos melhores contributos para o estudo da cultura africana. O P.Maillard passou 8 anos quase exclusivamente a estudar o dialecto Micma, tornando-se o descobridor da língua deste povo. A sua primeira homilia durou um inverno inteiro a preparar, fechado numa capela que tinha construído. Os seus manuscritos contêm mais de 500 ideogramas. Foi ele que compôs a primeira gramática micma, um dicionário e os manuais de religião. As suas obras foram publicadas em Nova York e em Viena.

A evangelização do Sudão só foi possível graças aos estudos da língua e dos costumes dos Bambaras, que os missionários aprenderam por meio dos escravos resgatados. O P.Etienne Montel publicava em 1887 a primeira gramática e o primeiro dicionário nesta língua

São cerca de 130 os livros relacionados com a linguística, publicados pelos Espiritanos em Angola: gramáticas, dicionários e vocabulários, métodos linguísticos e manuais de conversação, livros de leitura, educação cívica e moral, outros livros escolares, catecismos, manuais de oração e canto, evangelhos e histórias sagradas. Dois terços destes livros são escolares e o restante religiosos. As línguas usadas são: fiote, quicongo, quibundo, bundo, ganguela, cuanhama, cuangar,

dírico, muila e quioco. Entre os nomes mais representativos sobressaem os Padres Dekindt, Bonnefoux, Lang, Lecomte, Wieder, José Sutter, Le Gennec, Luis Keilling, Albino Alves Manso, Carlos Estermann, António Silva e Francisco Valente. O P. Lecomte compôs gramáticas e métodos práticos para três línguas do sul de Angola: cuanhama, ganguela e mbundo.

A contribuição dos Espiritanos para a literatura africana eleva-se a mais de 500 títulos em cerca de 70 línguas. Entre eles, há cerca de 200 gramáticas e dicionários. Alguns são obras muito modestas, rudimentarmente impressas, mas outras são obras monumentais como os dicionários swhaili do P.Sacleux, o dicionário etimológico mbundo-português do P.Albino Alves, com 17.000 vocábulos bundus, o Dicionário Português-Nhaneca do P.António Silva.

2.2.3. A formação de um novo modelo de sociedade

Para converter os africanos, os missionários tinham necessidade de criar um espaço liberto das religiões e dos costumes tradicionais. E isso só era possível resgatando escravos, que não faziam parte da comunidade tradicional nem por ela eram protegidos. Eles não tinham família. Seriam os "filhos da missão". A própria Congregação da Propaganda tinha posto à disposição das missões uma soma considerável para esse resgate. Em 1890 Roma tinha instituído um peditório anual no dia da Epifania para "apagar da face da terra um tráfico desumano e apoiar os mensageiros do evangelho, lá onde este tráfico existe". As autoridades civis favoreciam estas iniciativas dos missionários e muitas vezes até lhes confiavam cargas humanas provenientes de barcos negreiros aprisionados.

Assim, a evangelização começava-se a fazer a partir de um núcleo fundamental formado por crianças resgatadas, em ordem à formação de um novo modelo de sociedade, paralela à sociedade tradicional. Deste princípio base, a partir da criança, decorre toda uma estratégia de formação, educação e instrução: escolas, oficinas, artes e ofícios, promoção agrícola. Tudo isto exigia uma série de construções. É o missionário construtor, é a teologia missionária da construção, do adobe. E é claro, também a teologia dos subsídios, da esmola. A estação missionária tornava-se uma pequena aldeia com a sua igreja, as escolas, as oficinas, o dispensário, os internatos, as terras cultivadas, os pomares. Ao fundarem uma missão, uma das principais preocupações dos missionários era a obtenção de um espaço razoável de terreno para ser explorado agrícolamente. A missão da Huila, por exemplo, conseguiu do Governo 2000 hectares de terreno para serem cultivados.

A estação missionária tornava-se uma pequena aldeia com a sua igreja, as escolas, as oficinas, o dispensário, os internatos, as terras cultivadas, os pomares

Cada missão acabava por ser uma granja onde se cultivavam não só as espécies indígenas, mas praticamente todos os cereais e árvores frutíferas da Europa. Ficaram famosos os viveiros de pomares da missão de Tihès, as plantações de algodão e baunilha de Libreville, a de algodão de Mandéra, as tamareiras de Serabu, os rebanhos de Bahi. Na missão da Huila, logo a seguir à sua fundação, tinham-se já semeado 12 variedades de trigo, entre as quais o famoso trigo da Califórnia, 8 de aveia, 4 de centeio, 16 de ervilha e 49 espécies de batata. Foram feitas aclimatações de plantas exóticas como o chá, a canela, o pinheiro, o car-

valho e o loureiro. As árvores frutíferas eram 3.264, os pés de vinha 1500, os viveiros de árvores 10. A missão do Cuando chegou a colher 3.200 arrobas de milho; a do Bié em 1930 tinha 18 mil pés de café e na missão de Chivinguiro contavam os missionários colher em 1922 duas mil arrobas de trigo

As realizações agrícolas destes pioneiros suscitavam a admiração dos sertanejos, como Stanely, Serpa Pinto, Capelo e Ivens, Baker, etc. Na Tanzânia e no Quénia muitos cultivadores indígenas cultivam ainda hoje o "café da missão", uma variedade de café introduzida pelos missionários há cem anos. E no Congo, todos conhecem a "Clementina" uma espécie de tangerina criada pelo Ir. Clemente, espiritano.

Uma vez crescidas, as crianças da missão eram colocadas nas "aldeias da liberdade" ou "aldeias da missão", dando origem a novos agregados populacionais. A missão de Ngazobil em dois anos formou à sua volta vinte destas aldeias.

A partir de 1880, as missões começam a dividir o território em sectores, com uma residência central e um grande número de estações secundárias. A complementariadade do padre, irmão auxiliar e Irmã educadora permitirá à missão ministrar a instrução, ensinar artes e ofícios, desenvolver a agricultura e educar a mulher nas artes domésticas. Em pouco tempo a missão se tornava uma colónia agrícola e industrial de grande impacto no meio ambiente. A missão era um verdadeiro laboratório onde se experimentavam formas de relacionamento com as populações locais, métodos de evangelizar, experiências agrícolas e formação de líderes. O aspecto de certo modo urbano da missão, com todo o seu complexo, fazia pensar em oásis disseminados pelos planaltos, núcleos prometedores de futuras cidades e sobretudo de futuras cristandades.[3]

A ocupação do território era uma das grandes condições para implantar solidamente a igreja. Ir o mais longe possível no terreno, ocupar o mais terreno que se pudesse e andar o mais depressa possível, era a divisa de Mons. Augouard. Por isso os congoleses o conheciam por "Diata-Diata", que se traduz por "depressa-depressa". É a teologia missionária da dilatação da fé.

Conhecemos alguns planos de ocupação do território que fizeram história: o do P. Duparquet a partir de Capetown até ao Humbe, a do P. José Maria Antunes, a partir dos quatro centros de Lândana, Luanda, Huila e Caconda, o de Mons Augouard, na África Central, ao longo do Congo e do Oubangui...

2.2.4. A missão espiritana e a fundação de igrejas locais

No primeiro período da sua história, a presença espiritana foi sobretudo de apoio às igrejas coloniais. A Congregação investiu sobretudo na formação do clero colonial. Os Espiritanos criaram uma imagem renovada de padre secular, que lhes mereceu a aprovação do Seminário pelas Cartas Patentes de Luis XV, onde se lê um dos maiores elogios aos Espiritanos e a sua escolha para formadores do clero de todas as colónias francesas.

No segundo período, iniciado com Libermann, a grande prioridade dos

[3] Santos, Maria Emília Madeira. Missões religiosas e poder colonial no século XIX.

Espiritanos foi a fundação das igrejas locais. Efectivamente o projecto missionário que Libermann apresentou à Propaganda em 1846 era fundar uma igreja local, com um clero e um laicado nativos, capazes de prosseguir o trabalho da evangelização, sem necessidade de recorrer à ajuda estrangeira, ou como ele diz: "constituir uma igreja canonicamente estabelecida". Libermann sabia que o grande mal da evangelização da África no passado foi ter-se descurado a formação do clero nativo e deixar as missões dependentes das igrejas europeias. Igrejas florescentes, como a de Angola, acabaram por definhar e perder a sua vitalidade.

Para ultrapassar essa dificuldade só havia um caminho: pôr como base da actividade missionária uma organização estável e sólida, a partir das pessoas e dos valores locais. A fundação de uma igreja local implicava a promoção de um conjunto de valores que lhe servissem de suporte: o conhecimento do terreno, a aprendizagem da língua, a formação de um clero nativo, a preparação de professores leigos, catequistas, artistas, agricultores, o apoio sólido da família. A estratégia incluía, portanto, conhecimento e suporte dos valores da terra, fundação de escolas, formação de líderes, solidez familiar, todo um conjunto de meios orientados para a construção de uma igreja local que caminhasse pelo seu próprio pé. É um modelo de missão que se inscreve no ritmo lento de quem procura atingir o tecido social e não apenas o indivíduo.

Algumas tentativas tinham sido já levadas a cabo para dar à África um clero nativo, como as do Prefeito Apostólico do Senegal Mons.Henri Baradère e a de Ana Maria Javouhey, e mesmo o superior geral da Congregação, o P.Fourdinier; mas todas as iniciativas acabaram por não ter continuidade.

Foi retomando esse plano que Libermann, em 1844 propõe à Propaganda um estabelecimento de ensino na Europa para jovens negros de todas as regiões da África. Ensinar-se-lhes-ia não só a religião cristã, mas também as profissões e métodos de trabalho mais úteis para o seu país. Os mais aptos, receberiam além disso, uma formação para o sacerdócio. Seriam eles os futuros evangelizadores do seu continente. O plano seria corrigido e aperfeiçoado, dois anos mais tarde, em 1846, em novo Memorial enviado por Libermann à Propaganda. Se a implantação da igreja exigia a colaboração de missionários estrangeiros, o seu futuro dependia da sua capacidade de formar com urgência um clero nativo com uma hierarquia estabelecida. Uma igreja dependente dos missionários estrangeiros seria apenas uma etapa provisória na formação de uma igreja regular, conforme Libermann explica a J.Persin, jovem padre a trabalhar no Haiti.

Formar com urgência um clero nativo com uma hierarquia estabelecida

De facto, os Espiritanos foram os grandes pioneiros dos seminários por toda a África. Logo em 1847, em Dakar, fundam um seminário menor e, seis anos depois, abria as suas portas o mais antigo seminário maior da África. Mons. Kobès ordenaria o primeiro padre africano, o P.Jean Ba Lacombe, do Banjul, em 1852.

Pouco a pouco a África cobriu-se de seminários: no Gabão em 1861, no Zanzibar em 1869, no Bagamoio em 1870, no Congo em 1875, na Huila em 1882; na Serra Leoa em 1885, no Loango em 1887, em Onitsha, em 1905, na Guiné Francesa em 1910. Até 1910, todos os padres do continente africano,

provinham dos seminários espiritanos, excepção feita a 2 do Natal. Se até 1930 o número de ordenações foi bastante comedido, pouco mais de 27 ordenações, entre 1930 e 1967, o número passou para 410 padres ordenados e 500 seminaristas maiores. Em Angola, num dado momento, todos os bispos angolanos tinham sido formados pelos Espiritanos e o mesmo se pode dizer de quase todos os países da África

A fundação de igrejas locais é sem dúvida uma das marcas mais significativas da presença espiritana no continente africano.[4]

Recordar o itinerário da missão espiritana
É percorrer uma aventura de perseverança e de fé
Que há 300 anos acompanha
A história de povos ignorados e culturas esquecidas.
Uma história sonhada de mãos dadas
Com os estudantes pobres de cidades sem rosto
À procura da sua própria identidade.
A missão da Acádia,
Quando os gritos dos índios americanos
Acordavam toda a Europa.
A missão da Guiana
A terra maldita de todos os degredos.
A missão das Duas Guinés
Onde a nova África despontava.
A missão do interior do continente africano,
Cuja alma os exploradores violavam e ofendiam.
A missão da Ásia e do Novo Mundo
Tão próxima e tão distante.
A missão dos tempos novos
Sem geografia nem fronteiras.

Percorrer esta história de 300 anos
É reabrir o diálogo com culturas e religiões diferentes
Reavivar um testemunho evangélico
Face às convulsões políticas e situações de risco,
Apostar na juventude e na formação de líderes.
Os massacres e os naufrágios,
As mortes prematuras e os sonhos desfeitos,
São a credencial pascal de uma missão
Que nunca cansou nem desiludiu.

Percorrer esta história de 300 anos
É recordar profetas como Pierre Maillard

[4] Koren, Henry. Les Spiritains. Beauchesne. Paris. 1982.

O defensor dos índios da Acádia
Lanoué, o apóstolo legendário da Guiana,
O P.Laval e os escravos da Ilha Maurícia,
Mons Shanaham e os igbos da Nigéria
Daniel Brottier e os orfãos de todas as periferias,
O P.Alves Correia e a defesa dos direitos humanos.

A missão espiritana
Aprendeu a falar zulu nos confins da África do Sul,
Manjaco na Guiné- Bissau,
Crioulo em Cabo Verde
Guarani no Paraguay.
Viveu o drama dos sem terra no Brasil
Dos sem paz em Angola,
Dos sem abrigo nos campos de refugiados
Dos sem pão nas favelas do Rio,
Da segregação racial nos hostels da África do Sul
Dos sem liberdade religiosa na Argélia e na Mauritânia,
Dos sem pátria entre os emigrantes da Europa e da América.

Como há 300 anos
A missão espiritana está ainda no seu começo:
É a hora de retomar os remos
Fazer-se ao largo e de novo
Partir para a outra margem.

MICHEL GERLIER*

a evangelização dos manjacos de bajob - uma experiência significativa de primeira evangelização

Três meses apenas após a minha chegada, me vi lançado no coração do problema posto pela evangelização dos manjacos: deve um manjaco para se tornar cristão abandonar os seus costumes? .... Porque é que os cristãos mais velhos que vão todos lá, não me querem encontrar aí? Que é que na mata sagrada é contrário à fé em Cristo Ressuscitado? Que tipo de espírito preside a tudo isto? ... Não, eu não iria esperar 22 anos para o compreender. Entrei na mata logo na primeira (...)

Lisonjeado por ter sido escolhido para participar no nascimento de uma revista que se propõe reflectir sobre as experiências missionárias vividas pelos espiritanos, apetece-me começar a minha colaboração, fazendo uma certa ironia ..... com o director da revista que me pede para falar dos meus onze anos entre os Manjacos, um sector de "primeira evangelização" ... precisamente no momento em que, a convite da Igreja de Portugal, nos preparamos para celebrar os Cinco Séculos de Evangelização: o que vale é que um pouco de humor

* Espiritano francês. Missionário na Guiné-Bissau desde 1985 a 1996.
Trabalhou sériamente no esforço de Inculturação do Evangelho entre o povo Manjaco.

nos faz sempre bem. E as situações paradoxais, se por um lado nos fazem sorrir, por outro têm a vantagem de nos tornar humildes, face à realidade...

É verdade, os Manjacos não são ainda cristãos, mesmo se muitos foram já baptizados há cerca de trinta anos: na Guiné-Bissau, sobretudo no quadro escolar após a "quarta classe", e no Senegal ou na Gâmbia, em contacto com as migrações sazonais. (E a verdade é que também eu faço parte desses "estúpidos" missionários que "sacramentalizaram muito", durante os nove anos de serviço pastoral que passei em Pikine!). Espiritanos em Bajob ou Caió, somo-lo sempre, apesar do número impressionante de baptizados (talvez uma dezena de milhares) em situação de primeira evangelização.

Como é que eu vivo esta realidade?

Em que sentido se orienta a minha reflexão espiritual, filosófica?

Que espero... ou construo com o meu trabalho de todos os dias?

Em que tipo de inculturação procuro apostar?

Sem qualquer pretenção vou tentar explicar-me, mesmo se por vezes tenho a desagradável impressão de ser um falso porta-voz, relativamente ao comportamento missionário habitual ou a um certo número de ideias recebidas nas nossas igrejas de origem.

Entre parêntesis: Tenho plena consciência que as actividades no domínio do desenvolvimento, como perfuração de poços, lançamento de pomares e hortas, construção de centros de promoção feminina, etc..... estão intimamente ligados à primeira evangelização; mas aqui limitar-me-ei ao anúncio directo do Evangelho, no encontro com as pessoas, pela palavra e pelo testemunho.

1. Atitudes, Reacções, Sentimentos Missionários... Instintivos

1.1. Uma Experiência Missionária Apaixonante

"Dirigimo-nos de preferência àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram"

Tendo entrado na Congregação com a ideia de ser missionário no sentido clássico da palavra – evangelizar os não cristãos – durante nove anos senti-me bloqueado na animação pastoral de uma imensa paróquia nos subúrbios de Dakar, guardando sempre no coração a nostalgia dessa famosa "primeira evangelização" que a Regra Espiritana coloca em primeiro lugar nos nossos compromissos: "dirigimo-nos de preferência àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram"[1]. Bem sei que estas situações de primeira evangelização não são necessariamente geográficas, que muitos confrades estão na primeira evangelização no mundo dos media, nas escolas, ou em certos meios da nossa sociedade secularizada; isso não impediu que tenha sempre guardado em mim o sonho de ser missionário no mato, até ao Natal de 1988, em que em Bajob, no cabo do mundo, o sonho se tornou realidade. A missão espiritana de Bajob contava apenas seis anos de vida, mas tinha já um certo desenvolvimento (12 aldeias visitadas, comunidades em embrião, capelas, catequistas...); mas

[1] Regra de Vida Espiritana, 12.

forçoso é reconhecê-lo, tinha também adquirido alguns hábitos que corriam o risco de comprometer o seu futuro: por exemplo, os numerosos baptismos de jovens adolescentes, catequizados em muito pouco tempo, com o entusiasmo dos começos: uns 300 só no ano de 1989!...

No entanto, não se pode esquecer – e é este aspecto que aqui quero sublinhar – a concretização de várias intuições missionárias, que logo me convenceram, porque correspondiam ao que eu próprio sentia no mais fundo do meu coração. Sim, amei Bajob, desde o primeiro dia e dediquei-me totalmente a ela.

Havia primeiramente, a escolha da aldeia para construir a casa da comunidade: uma aldeia muito pequena (250 habitantes), um "beco sem saída" para alguns, e é verdade que a isso não se escapa. Depois havia o terreno pantanoso e os braços de mar. Estava-se condenado a adaptar-se e a aprender a língua, se não ser-se-á infeliz e passar-se-á o tempo a pensar... na França ou em Portugal! Uma pequena aldeia, no coração da terra manjaca, que conserva ciosamente todos os seus costumes ancestrais, desde o nascimento até à morte.

Havia depois esta ideia fixa, esta mania de aprender o manjaco, indo assim contra a corrente da prática habitual dos missionários que pensavam que era preciso aprender antes de mais nada o crioulo...

Havia ainda o estilo de vida adoptado pela comunidade: perfeitamente adaptado ao meio ambiente, apenas com um pouco mais de conforto (um chuveiro e sobretudo uma fossa céptica). "A nossa habitação, a nossa hospitalidade e maneira de viver são simples e sóbrias. Esta simplicidade de vida aproxima-nos da vida dos pobres" (RVE.71).

A Igreja paroquial pela qual senti logo um amor ciumento e que mantive na sua beleza original: uma mangueira centenária que pode abrigar mais de 300 pessoas! Limitei-me a construir uma vedação para impedir as vacas e as cabras de perturbar as nossas celebrações.

Havia o "pécap" de S Carlos Lwanga, padroeiro da paróquia: uma piedosa escultura, fixada no chão, mesmo diante do altar, debaixo da mangueira sagrada, sobre a qual o responsável da comunidade derrama as libações rituais, todos os anos, no princípio do mês de Junho, no dia da festa dos antepassados.

Havia sobretudo esta vontade de trabalhar na inculturação da mensagem evangélica, particularmente ao nível litúrgico: começando pelos funerais cristãos, integrados realmente nas cerimónias tradicionais, particularmente expressivas na cultura manjaca; mas também o culto dos antepassados, com esta cristianização da festa do Kakao, que se tornou praticamente a festa de Todos os Santos, ao mesmo tempo que faz lembrar a das Rogações: os nossos antepassados na fé, com Carlos Lwanga à frente, intercedem em nosso favor para obtermos de Deus uma boa estação das chuvas, uma colheita abundante, a saúde de todos, etc...

A minha grande sorte foi ter chegado a Bajob no momento das iniciações

Fui portanto o continuador de uma experiência missionária apaixonante, que procurei levar mais longe, consciente das ambiguidades inevitáveis a este tipo de experiências.

A minha grande sorte foi ter chegado a Bajob no momento das iniciações. É um rito que no sector de Bajob-Caléquisse tem lugar de 22 em 22 anos, escalo-

nando-se por dezenas de anos, aldeia após aldeia... 1986 era precisamente o ano que calhava a Bajob.

Os futuros iniciados deviam entrar na mata sagrada a 20 de Março e aí permanecer três meses, sem poder voltar à aldeia. Sabendo que 80 por cento dos iniciados eram cristãos, procurei um meio de entrar na mata, com a ideia de poder organizar celebrações da Palavra e mesmo a Santa Missa, pelo menos em dia de Páscoa. Os cristãos mais velhos tentaram opor-se a este projecto: diziam que não tinha sentido um Padre na mata sagrada. Mas os seus argumentos não me convenciam.

"Dizei antes que não é lugar para um branco".

- Não, o que não é, é lugar para um Padre.

Nesse caso, também não é lugar para um cristão, pois um Padre não é senão um cristão ordenado para estar ao serviço dos cristãos, lá onde eles estão. Se os cristãos podem entrar na mata, também o Padre deve poder. Noutro caso, toda a gente fica de fora!..."

Foi assim que, três meses apenas após a minha chegada, me vi lançado no coração do problema posto pela evangelização dos manjacos: deve um manjaco para se tornar cristão abandonar os seus costumes?... Porque é que os cristãos mais velhos que vão todos lá, não me querem encontrar aí? Que é que na mata sagrada é contrário à fé em Cristo Ressuscitado? Que tipo de espírito preside a tudo isto?... Não, eu não iria esperar 22 anos para o compreender. Entrei na mata logo na primeira semana, ajudado por jovens cristãos já iniciados e com a cumplicidade dos velhos "pagãos"; e celebrei a Santa Missa na noite de Páscoa; e anunciei na mata que Jesus Cristo tinha vencido a morte e todos os espíritos maus que conduzem à morte; e eu não estou morto e os iniciados também não; e concluí que o espírito da mata, Dabomanim, não era um diabo mau!... E levei comigo o meu confrade que não manifestou qualquer resistência.

Recuando a essa data – e já lá vão onze anos! – tudo então me parecia simples e lógico. Queres conhecer um povo? Partilha a sua vida, as suas alegrias e as suas penas, do nascimento à morte!... Pretendes ter uma mensagem a apresentar que pode pôr em questão certos comportamentos tradicionais?... Antes de julgares e de legislar, caminha com este povo, o tempo que for preciso... e vai o mais longe possível, mesmo até à mata sagrada, se te autorizarem.

1.2. A Difícil Conversão do Missionário

Mas o que a mim me parece simples e lógico, não o é necessariamente para toda a gente. Frequentemente nas reuniões diocesanas ou de sector eu era um porta-voz discordante ou estava em desacordo com um bom número de missionários.

Em Bajob, não só os cristãos fazem a iniciação tradicional como todos os manjacos, mas o próprio Padre os aprova, abençoa e acompanha! Numa missão vizinha, entre os Flupes – cujos costumes são muito parecidos aos dos manjacos - o Padre não só não entra na mata sagrada como proíbe os cristãos de participarem na iniciação, marginalizando-os em nome de Cristo, que no entanto,

disse: "vós não sois do mundo, mas estais no mundo".

Então digo eu: como é que tu, sendo estrangeiro, podes julgar o valor de um costume, se não fazes esforço para o compreender de dentro, no seu contexto, e não em relação ao teu sistema de valores? É preciso ter coragem de ir ao fundo da questão; é preciso correr esse risco, sem dizer de antemão que se trata de coisa "incompatível com a fé".

Sabemos nós o que os manjacos têm de abandonar quando se converterem a Jesus? Não estamos nós próprios cheios de contradições e de compromissos com o dinheiro e outros falsos deuses?!

É preciso ter coragem de ir ao fundo da questão sem dizer de antemão que se trata de coisa "incompatível com a fé".

Nós dizemos que eles devem deixar os sacrifícios tradicionais e renunciar aos espíritos... Evidentemente. Mas se nós classificamos como diabos todos os espíritos dos manjacos, mesmo os seus anjos da guarda, não temos muitas saídas. Mas se em vez de nos agarrarmos à ideia fixa de falar crioulo e de classificar todos os espíritos com a palavra "iran" (aquele contra o qual é preciso lutar), nos pusésemos a falar manjaco com manjacos, teríamos o "mbos", o espírito protector da aldeia (e com que motivo o devemos eliminar?); teríamos depois o "ucai bakaats", o "ucai mbuka", a "naakan", o "ucai Kassere", o "uramb", o "najangerum", o "pewiti", o "nasunge", o "ucai baconkan", que encontramos pouco mais ou menos em todas as aldeias; e ainda outros espíritos benfazejos ou malfazejos, em certas aldeias particulares e que atraem muita gente, como "bakon" de Pugulur, "Kamiem" de Bajob, "Batankaben" de Balomb, etc. Ser-se-ia então um pouco mais comedido nos seus julgamentos. Por exemplo: como pensar que o espírito do curandeiro de Katij, a quem já levei dezenas e dezenas de pernas e braços partidos e de mordeduras de serpentes, pode ser um demónio quando todos os doentes regressam curados? E se para isso é necessário sacrificar um franguito e três litros de vinho, qual é o problema? Achamos mais pura a fé dos nossos cristãos, franceses ou portugueses, quando vão directamente à imagem de S. António, sem saudar o Santíssimo Sacramento, para pedir um favor e introduzem algumas moedas no tronco? Quem bebe os três litros do vinho de palma no altar do "ucai"? E quem come o dinheiro de S. António?...

Diz-se por vezes: como fazer para educar os manjacos? Respondo: mas os manjacos não estiveram à nossa espera para serem educados? É o missionário que está mal educado quando se apresenta sem nenhuma vergonha, com a sua cultura importada, os seus contentores e mesmo as suas igrejas, de chaves na mão!

2. Convicções e Reflexão que estão subjacentes à minha maneira de viver a Missão

2.1. Espiritualidade Libermaniana

Como espiritano que sou, sinto-me chamado a viver o encontro com o povo manjaco, exactamente como o P. Libermann o propôs aos missionários de Dakar, na sua carta de 19 de Novembro de 1847: "Despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito: fazei-vos negros com os negros para os formardes como devem ser, não à maneira da Europa, mas deixando-lhes o que lhes é próprio; agi com eles como servidores para os seus senhores; e isto para os aperfeiçoar, santi

A "primeira evangelização" começa portanto no coração do missionário que se deve "despojar" da Europa e dos seus costumes

ficar e pouco a pouco, com o tempo, fazerdes deles um povo de Deus. É a isto que S. Paulo chama "fazer-se tudo para todos, a fim de a todos ganhar para Jesus Cristo"[2].

A "primeira evangelização" começa portanto no coração do missionário que se deve "despojar" da Europa e dos seus costumes. Ela é uma Kenose, à imagem de Cristo. Uma loucura! A loucura da Cruz! Já ouvi pessoas bem colocadas na Congregação tratar os meus predecessores de "doidos". Penso que é o melhor elogio que se lhes podia fazer. A primeira evangelização não precisa de telefone, nem de fax; nem de computador; ela não tem necessidade de escolas nem de centros de alfabetização; não precisa de construir igrejas nem centros de alojamento para os alunos que estudam em Canchungo; não precisa de escavar poços. Tudo isto, "senhor missionário", qualquer um o pode fazer, se tiver tempo, meios e competência!... Mas para estar ao serviço do seu "mestre", que é o povo manjaco, o missionário tem absoluta necessidade de aprender a sua língua e conhecer os seus costumes, sem, como diz Libermann, "escutar as pessoas que percorrem a costa (...) quando falam dos povos que visitaram, mesmo se aí permaneceram vários anos"; ele deve sentar-se nos "penak" e beber (razoavelmente) do vinho de palma, participar nos seus funerais e noutras cerimónias familiares, comparticipar nas despesas inevitáveis ("pelumpan"), acompanhar os doentes na medicina tradicional; numa palavra: partilhar a vida das pessoas e amá-las como são.

2.2. Ponto de vista Antropológico

Menos de S. Tomás e muito mais de Levi-Strauss!

Se a negritude e muito mais a "manjaquitude" não são mais que "acidentes" de uma natureza humana, partilhada por todas as pessoas, o missionário não tem nenhuma razão para hesitar. Ele tem, com efeito, sobre os seus interlocutores analfabetos, a vantagem imensa da ciência escrita; leu livros: Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes, Kierkegaard; pode, portanto, ensinar com toda a imunidade pessoas que têm apenas a má sina de terem nascido atrasadas no tempo! ... E se, além disso,continua convencido que "fora da Igreja não há salvação" e que o Evangelho é dirigido a todos os povos da terra, não há alternativa possível para os povos manjacos, senão estudar para recuperar o atraso acumulado ao longo dos séculos, e converter-se... ou fingir.

É verdade que hoje em dia já ninguém ousa falar desta maneira, mas se nos damos ao trabalho de analisar as tomadas de posição dos missionários nas assembleias e sobretudo as opções concretas no terreno, não será difícil concluir que um bom número deles ignora tudo de antropologia. Age-se como se só houvesse um modelo cultural único: e impõe-se praticamente aos outros, em nome de uma certa concepção de desenvolvimento elaborada na Europa.

Ora, se vou verdadeiramente comunicar com um manjaco para lhe anunciar

[2] Fil. 2, 6-11

a Boa Nova de Jesus Cristo, devo fazer-me convidar para a casa dele e não trazê-lo para a minha casa.

Depois de Levi-Strauss, toda a gente sabe que uma cultura é um sistema extremamente bem organizado, onde todos os elementos se encaixam uns nos outros: economia, política, religião, artes e literatura; a língua é a chave que permite entrar dentro desse universo onde tudo se enquadra: o visível e o invisível, os vivos e os mortos, o passado, o presente e o futuro. Como escreveu Ernest Sambou, "ninguém pode pretender encontrar em profundidade um povo, a sua religião e a sua cultura, sem conhecer a língua que é o prisma de todos esses valores".[3]

Não há, portanto, outro caminho para uma "primeira evangelização" senão a vontade de penetrar pouco a pouco no universo cultural do outro e a paciência para aí chegar. É bom que este encontro se faça na alegria da descoberta sem *a prioris* nem preconceitos, sabendo bem que é impossível separar os elementos uns dos outros, escolher o seu menu, como no restaurante. A religião tradicional, por exemplo, não é uma matéria de opção, no encontro com a cultura manjaca: ela rega e vivifica tudo o resto: economia, saúde, artes, etc.

Não há outro caminho para uma "primeira evangelização" senão a vontade de penetrar pouco a pouco no universo cultural do outro e a paciência para aí chegar

2.3. Alguns Flashes Teológicos

Trata-se de orientações missiológicas defendidas no Colóquio de Teologia Missionária de Lyon-Francheville (15-23 de Setembro de 1983) a que eu tive a alegria de participar.

Em primeiro lugar, a tomada de posição de Mons. Patrick de Sousa, Bispo de Bénares, na Índia, é uma posição relativa ao hinduismo mas parece-me que se pode aplicar perfeitamente às religiões tradicionais africanas. Mons. Patrick de Sousa concluiu a sua conferência com estas duas frases capitais: "Quando dizemos: venha a nós o vosso Reino, podemos ser levados a considerar as outras religiões como fortalezas a conquistar para ele ou mesmo a arrasar até aos alicerces. Mas nós aprendemos que elas são antes tabernáculos que devem ser abertos com amor, a fim de que o Cristo desconhecido se torne o Senhor reconhecido".[4]

A segunda tomada de posição é ainda de um Bispo, Mons. Henri Tassier, actual arcebispo de Argel. Desta vez trata-se do Islão. Afirma ele que depois de durante longo tempo "ter feito uma escolha entre o que seriam as "pedras de esperança", ou sementes do Verbo, na tradição religiosa muçulmana e o que impediria o crente de interiorizar e de espiritualizar a sua vida pessoal e a da comunidade", a igreja da Argélia composta quase exclusivamente de estrangeiros, deu-se conta, pouco a pouco, que "uma tradição espiritual forma um todo cujos elementos estão unidos uns aos outros. É muito difícil descobrir os valores verdadeiramente comuns (com o cristianismo)... Os espaços que se julgam comuns não se podem isolar, pois cada elemento está em referência com o todo.

[3] Spiritus, Nº 138, pg. 47
[4] Ibidem. pg. 39-41

Cada religião tem um centro de gravidade e é à volta deste centro que todos os elementos se organizam".[5]

O terceiro testemunho interessa-me sobremaneira pois vive a sua missão em África numa etnia que permaneceu muito tradicionalista. Toda a conferência do P. Jean Paul Eschlimann merecia ser aqui referida. Aponto apenas algumas passagens que parecem exprimir bem o que eu mesmo procuro viver em Bajob. Depois de ter analisado as "manipulações" de que ele próprio foi objecto por parte do clero animista tradicional e mostrado que "estas manipulações não são mais que a expressão de um dado fundamental: a ideologia da vida, que é "participação", "oportunidade", "crescimento e ritmo" e se traduz por "saúde", "vida longa", "descendência numerosa", "riquezas", etc. o autor interroga-se sobre a evangelização: "confesso, diz ele, que é aqui que eu mais hesito e onde mais dificuldade tenho em sistematizar a minha prática. Tenho contudo uma convicção: se a evangelização é possível, se ela tem sentido, deve processar-se ao nível que atrás descrevi. Por outras palavras, ela deve atingir a dinâmica profunda das religiões-costumes africanas, isto é, a teoria da Vida. Ela não pode ser de modo nenhum a substituição de um rito por outro. A essência da evangelização não pode ser senão o diálogo entre dois espíritos, que eu chamo comummente confronto entre duas lógicas ou dinâmicas.[6] "Que se passa quando o espírito de Jesus está em contacto com o da tradição ancestral? Na minha opinião, produz-se uma fermentação criativa que redispõe os elementos da lógica tradicional numa perspectiva. Nova. Não se trata de importar ou acrescentar elementos estrangeiros à prática ancestral, mas de centrar o sistema sobre o Deus de Jesus Cristo".[7]

dinâmica profunda

Que se passa quando o espírito de Jesus está em contacto com o da tradição ancestral? Na minha opinião, produz-se uma fermentação criativa que redispõe os elementos da lógica tradicional numa perspectiva nova

3. Primeira Evangelização e Inculturação entre os Manjacos

Para mim, depois de ter passado onze anos em Bajob, a prova está feita: se o anúncio do Evangelho não atinge a lógica profunda da religião tradicional, como diz Eschlimann, haverá no melhor dos casos uma justaposição de comportamentos incoerentes por parte dos neófitos, uma série de sinceridades sucessivas que desapontam o missionário; ou pior ainda uma série de hipocrisias e mentiras, ou o que não é nada melhor, uma destruição progressiva da personalidade.

3.1. Olhar crítico sobre a Comunidade de que sou Pastor

Falando dos cristãos de Bajob, também eu poderia subscrever o seguinte: "Assumem-se exteriormente como cristãos quando há interesses nisso, mas reagem em conformidade com os esquemas ancestrais quando se trata de viver momentos importantes da vida: nascimento, casamento, doença, sucesso, fracasso, morte".[8]

Ainda hoje, os manjacos emigrados para França nos anos 60 e na sua maio-

[5] Ibidem. pg. 39-40
[6] Ibidem. pg. 48
[7] Ibidem. pg. 49
[8] Ibidem. Pg. 48

ria baptizados, enviam um pedaço de cordão umbilical de cada recém-nascido, logo que possível, após o nascimento, para que seja enterrado ao pé das "forquilhas" dos antepassados.

A mala que contem a roupa de uma pessoa falecida no estrangeiro ("uniaman") chegará ao país algumas semanas depois da sua morte: será colocada sobre a varanda, diante do pano mortuário como se fosse o corpo do defunto, para que um verdadeiro funeral ("poom") possa ser celebrado. Não conheço nenhuma excepção a esta regra ("undiman"). Sem este rito, o filho perdido ("uniman") não se poderá juntar aos antepassados.

Casamento tradicional

Saltar a linha traçada à entrada da casa do marido constitui para a jovem esposa um dos ritos essenciais do casamento tradicional. O marido pode estar em França ou Portugal, isso não tem importância: a sua presença não é indispensável. O facto de ser baptizado não muda nada, nem mesmo a problemática.

Doenças

Insucessos

Quanto às doenças, os insucessos, ou o desejo de sucesso, o recurso aos "bapene" (videntes), aos "bamanam" (sacerdotes tradicionais) e finalmente aos "gêcai" (espíritos mediadores) é diário. Augusto, "amaanan" de Bajob, é baptizado, casado pela Igreja e sua esposa Leontina é a cozinheira da missão; Brimel, "napene" de Biepar foi baptizado por mim, 4 ou 5 anos antes de ter acedido a este serviço de vidente tradicional.

Desejo de sucesso

Dinamismo da religião tradicional

Poderia multiplicar os exemplos deste esquartejamento diário da maior parte dos cristãos manjacos. Mas a melhor prova que posso mostrar do dinamismo da religião tradicional e da sua força englobante de todas as actividades, pensamentos e sentimentos do indivíduo é a história das velhas mulheres de Bajob, baptizadas em 1984, depois de um catecumenato um pouco apressado e em situações matrimoniais não muito católicas. Não sei o que as levou a querer ou a aceitar o baptismo. Mas o certo é que elas nunca vão à Missa nem participam em qualquer actividade da comunidade cristã. Pelo contrário, nunca faltam ao "bekuit" semanal (libações ao seu "ucai"); são elas que vão consultar os videntes para todos os problemas de saúde dos seus filhos e crianças; delas dependem os sacrifícios rituais que serão necessariamente prescritos depois deste género de consultas; não passa uma semana sem que elas assegurem o serviço das danças fúnebres (que devem durar pelo menos 24 horas). Estas mães cristãs permanecem profundamente animistas. Poderão elas converter-se verdadeiramente? E se sim, como poderiam exprimir esta conversão? Andei muito tempo com esta questão às voltas na minha cabeça. Depois destes anos todos, cheguei à conclusão que é impossível a um velho manjaco tornar-se cristão, se tornar-se cristão significar renunciar a tudo o que estruturou a sua vida desde que nasceu. Trata-se de uma tal revolução que é praticamente impensável ... salvo se o sacrifício de Jesus (a Missa) for tão falante como o dos antepassados (mas aqui come-se pouco e ... bebe-se ainda menos!); salvo se obtenho pela oração o pão diário e a possibilidade de satisfazer todas as minhas necessidades (a Caritas jogou um papel destes durante um certo tempo! Mas quando o maná acaba, os "crentes" voltam às cebolas do Egipto!).

Cheguei à conclusão que é impossível a um velho manjaco tornar-se cristão, se tornar-se cristão significar renunciar a tudo o que estruturou a sua vida desde que nasceu.

Sim, Mons. Tessier e o P. Eschlimann têm razão: todas as religiões funcionam

como sistemas; elas têm uma lógica profunda, uma dinâmica. Tudo vibra ou tudo fica em cacos. Mas será necessário pôr os manjacos em cacos para fazer uma Igreja?

3.2. Para o reconhecimento de Cristo no coração da tradição Manjaca

Se é verdade que a religião tradicional tem uma grande "capacidade de recuperação e de manipulação", até de sincretismo, "é necessário apresentar-lhe um Cristo atraente, sedutor, pela qualidade de vida que propõe ou permite esperar".[9] Ao princípio ela irá classificá-lo algures na sua lista impressionante de intermediários para chegar a Deus. Mas terá ao menos, o estatuto de antepassado ou de espírito benéfico, o que já não é mau.

Graças ao dom da Fé e à acção do Espírito Santo no coração do catecúmeno, outros O colocarão rapidamente acima dos outros espíritos, com papel de mediador privilegiado ... e pouco a pouco acabarão por O aceitar e reconhecer como único mediador entre Deus e os homens, como Salvador universal. Então os outros espíritos surgirão encadeados na sequência de Cristo, subordinados à Sua mediação única, submetidos à lógica nova do Amor (Cf. O cortejo triunfal de Cristo Crucificado. Col. 2,15).

É por isso que me parece que o missionário deve acabar de uma vez por todas com jogar ao D. Quixote, fazendo guerra contra as práticas tradicionais sejam quais forem. Face à lógica cristã, que não é uma teoria nova, mas uma vida nova em Cristo, cujo principal protagonista é o Espírito Santo, o que não tem futuro na religião tradicional desaparecerá por si mesmo. O que é bom para o homem manjaco subsistirá e encontrará pouco a pouco o seu verdadeiro lugar.

É preciso anunciar Jesus Cristo pela palavra e pelo exemplo, sem complexos, mas um Cristo nu, despido de 20 séculos da roupagem cultural ocidental, o Cristo crucificado. O que supõe da parte do missionário um grande espírito crítico para despojar de si mesmo tudo o que é Cristo-à-sua-medida (e não nos falta engenho para justificar práticas por vezes bem heterodoxas, como dinheiro, poder, etc)...

É preciso anunciar Jesus Cristo pela palavra e pelo exemplo, sem complexos, mas um Cristo nu, despido de 20 séculos da roupagem cultural ocidental, o Cristo crucificado

Por outro lado, é necessário ir ao encontro dos manjacos na sua vida real, isto é, nos seus momentos mais densos, onde o passado e o presente se encontram, quando se faz a junção entre o visível e o invisível. Por exemplo: na altura das iniciações, quando os jovens adolescentes ascendem à maturidade social e religiosa; ou no exercício da medicina tradicional, quando o curandeiro faz o diagnóstico, em diálogo com o seu "ucai"; ou no momento em que a jovem casada põe o pé sobre a cabeça do frango e o sangue jorra. Em todos estes casos, o missionário encontra-se face a face com um espírito. Não há um único comportamento entre os manjacos que não seja precedido ou acompanhado de um "kabol" (sacrifício).

Se eu só encontro os manjacos na minha Igreja, na minha escola ou no meu

[9] Ibidem. Pg. 47

centro cultural... e se, além disso, só os encontro falando-lhes crioulo, eu perco completamente o tempo essencial da "primeira evangelização". As pessoas interessadas nos meus programas, fingirão concordar comigo... mas sempre que lhes apareça qualquer problema elas irão onde vão tradicionalmente, sem me pedir licença e sem me avisar.

Por isso, prefiro caminhar com eles, incluindo na mata sagrada. E defendo o direito ao erro para mim e para os outros missionários de Cristo que querem viver esta experiência de encontro. "Têm as mãos limpas, mas não têm mãos", dizia Péguy, falando dos cristãos face à política. Poder-se-ia dizer o mesmo neste caso: quantos missionários ousam sujar as mãos frequentando realmente a religião tradicional?! O adágio "na dúvida, abstém-te" parece-me a pior das atitudes missionárias. É preciso mergulhar. "Faz-te ao largo", disse Jesus. Ele não disse: toma um banho ligeiro na praia, à espera que estejam reunidas todas as condições para evangelizar correctamente os manjacos. É preciso ir lá onde se joga o destino dos homens. E em vez de estar sempre a falar de doutrina e ortodoxia, falemos antes de ortopraxis missionária: fidelidade ao Verbo Incarnado, o Cristo da fé... que deve ser anunciado aos manjacos tais como são e não como nós queremos que eles sejam.

3.3. Praticamente em Bajob

Começámos com as comunidades da aldeia (uma dezena) que estão já estruturadas com os diferentes ministérios indispensáveis à vida eclesial (no que diz respeito à liturgia, catequese, caridade) a dar alguns passos no sentido de um cristianismo mais inculturado.

Temos antes de mais nada tudo o que diz respeito ao culto dos antepassados, com a festa do Kakao como ponto culminante (cf. atrás). Foi o mais fácil de lançar.

Temos depois toda uma pesquisa feita à volta da Sexta-feira Santa. A morte de Cristo deveria ser celebrada pelo menos tão bem como a de um grande da aldeia! O ideal seria que as cerimónias dos funerais de Cristo excedessem largamente as do comum dos mortais. Mas não estou descontente com o que já conseguimos: à hora em que o sol recalcitra a terra ("uson uno"), cada comunidade sai da aldeia e encaminha-se para Betenta, uma aldeia central, meditando sobre o caminho da Cruz do Senhor. Pelas três horas da tarde, todos os parentes e amigos do defunto (cristãos, catecumenos, simpatizantes) se reúnem: talvez 500 ou 600 pessoas. Os ritos previstos pela Igreja são escrupulosamente respeitados em sinal de comunhão com as outras igrejas que se reúnem ao mesmo tempo pelo mundo inteiro; mas são vividos num ambiente tipicamente manjaco criado pelos cânticos e os instrumentos de música, diferentes dos que se usam nas liturgias ordinárias.

Depois da adoração da Cruz, quando os cantos fúnebres se fazem ouvir acompanhados pelos "gênjeru", espécie de castanholas que só as mulheres idosas podem utilizar, as jovens põem-se a dançar espontaneamente; em seguida, é à volta do "bombolon" de falar, exactamente como nos enterros; então, os da

idade de Jesus (os jovens entre os 30-35 anos) entram na dança e evocam por mímica a vida e a mensagem daquele que vieram chorar.

Menos visível, mas mais profunda me parece a pesquisa à volta do sacrifício de Cristo (Cruz e Missa). Penso que não se passa um dia sem que haja numa das aldeias que compõem a minha paróquia, um "Kabol" ou seja, o sacrifício ritual de uma vaca, uma cabra ou um porco. Diga-se de passagem, que há muito tempo deixei de fazer comentários amargos sobre o desperdício de dinheiro que representam todos estes sacrifícios, dinheiro que seria sem dúvida melhor empregado nos poços, em estradas ou em medicamentos. Num mundo profundamente religioso, não se pensa dessa maneira; aliás o desenvolvimento económico do país manjaco não é o meu problema.

Pelo contrário, vítimas oferecidas, sangue derramado, pecados perdoados, são realidades vividas diariamente, que não podem deixar de preparar o espírito e os corações para compreender o mistério da Cruz de Cristo. E aqui gostaria de acentuar uma coisa que me parece muito importante: a inculturação da mensagem evangélica começa pela escolha das palavras, quando se procura traduzir a Palavra de Deus. Se para traduzir "sumo sacerdote" na Carta aos Hebreus se escolhe qualquer coisa como "padri grandi" ("nauguran nayak, em manjaco), a imaginação do povo pensará antes na pessoa do Bispo ou de um missionário qualquer. Mas se se toma a palavra que designa o sacerdote tradicional ("amaanaa", em manjaco) os manjacos são interpelados no mais profundo da sua experiência religiosa, mesmo sem para isso precisarem de uma homilia quilométrica. Se Jesus está em vez do "anaanaa" e o "béjakan" (a vítima) e que o sangue foi derramado uma vez por todas para o perdão dos pecados, não há mais necessidade de sacrifícios animais; e a Eucaristia é a oportunidade que nos é oferecida por Jesus para tomar parte cada dia no seu "béjakan".

A inculturação da mensagem evangélica começa pela escolha das palavras, quando se procura traduzir a Palavra de Deus

4. Conclusão

Não tenho a pretensão de ter encontrado a chave para penetrar na cultura manjaca e o segredo para a evangelizar. Penso mesmo que o que fizemos em Bajob não passa de pequenos passos, aliás bem tímidos. Os cristãos manjacos de amanhã, se guardarem amor pela sua tradição, saberão melhor que os estrangeiros inculturar a mensagem do Evangelho. Ficam-me ainda muitas sombras: tudo o que anda à volta dos videntes, dos comedores de almas, dos contratos com certos espíritos que podem conduzir à morte, das almas do outro mundo, da interrogação dos mortos, do casamento, da poligamia, etc.; fica sobretudo o problema delicado dos cristãos baptizados que aceitam "ministérios" na religião tradicional.

Augusto, o sacerdote tradicional e Brimel, o vidente, poderão exercer o seu serviço com o espírito de Cristo? Gostaria de responder que sim, mas sei que seria mais por simpatia do que por convicção. Quando se bebeu da Fonte da Água Viva, pode-se por acaso voltar a matar a sede nas águas estagnantes das matas sagradas ou dos altares tradicionais?

A última palavra, porém, ainda não foi dita.

Nazário Diatta, padre diola e missionário espiritano, abre, também ele, perspectivas completamente inéditas, num artigo intitulado "Um cumprimento recíproco".[10] Batendo-se contra a política do tudo ou nada na prática missionária, escreve ele: "Haveria contradição fundamental, ou até impossibilidade de Clarice e Afael-Etan aceitarem o sacerdócio do altar da fecundidade e a iniciação, aspirando ao mesmo tempo ao baptismo? Haverá incompatibilidade em ser sacerdote dum altar de religião tradicional e dum altar cristão "celebrando" a Eucaristia?[11] É preciso, segundo ele, situar a religião tradicional e o cristianismo na mesma trajectória, o particular em relação ao universal. E conclui: "a religião tradicional deveria dar ao cristianismo o seu cumprimento no que diz respeito à sua forma e expressão cultural para ser melhor captado onde é pregado. A religião tradicional vai completar, realizar o cristianismo para que ele se incarne concretamente no meio da vida, pois será mais fácil compreendê-lo através dos símbolos e das categorias do pensamento desse meio. Ela é-lhe indispensável. Quem melhor que o sacerdote tradicional, instruído sobre os mistérios cristãos e neles participando plenamente pelos sacramentos, poderia fazer esse diálogo?"[12]

A religião tradicional vai completar, realizar o cristianismo para que ele se incarne concretamente no meio da vida

Quanto a Bajob, diria que resta ainda um longo discernimento a fazer pelos próprios cristãos manjacos. Eles o farão à luz do Evangelho, mas graças também à prática positiva que têm da religião tradicional: na esperança de que o Espírito do Senhor, pouco a pouco, os conduzirá à verdade total.[13]

Bajob, 30 de Outubro de 1996

[10] Spiritus, Nº 133, pg. 401-402
[11] Ibidem
[12] Ibidem
[13] Jo. 16, 13

Irmã Josefa Maria Fernandes*

as irmãs missionárias do espírito santo -história de uma fundação-

Sentimo-nos particularmente felizes em poder publicar no primeiro número desta revista um artigo sobre a fundação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo. Eugénie Caps ocupa muito naturalmente o seu lugar ao lado dos outros fundadores da família espiritana, fecunda século após século: Poullart des Places no século XVIII, Libermann no século XIX, Eugénie Caps no século XX ... E a lista não está encerrada. Esta revista interessar-se-á pelos fundadores/fundadoras provenientes do ardente cepo espiritano, em diversos continentes e em épocas diferentes.
Sublinhamos o grande interesse do artigo da Irmã Josefa Maria Fernandes. A Irmã Monique Lamouroux voltou a trabalhar este texto com a equipa de redacção de "Mémoire Spiritaine" que o publicou no seu primeiro número em Abril de 1995. Este artigo é, portanto, uma tradução do original francês.

Nascida em Loudrefing (Moselle) a 3 de Junho de 1882, Maria Eugénie Caps tinha oito anos quando a família foi morar em Bouzonville, onde o pai era chefe de estação, antes de ser transferido para Ancy-sur-Moselle.

* Espiritana, portuguesa, missionária em Angola durante 26 anos. De 1977 a 1989, conselheira geral das Irmãs espiritanas, ela interessou-se pelos arquivos da sua Congregação e redigiu, em 1986, um fascículo policopiado de 21 páginas: *Irmãs Missionárias do Espírito Santo. A nossa fundação. Contexto histórico*, do qual é tirado o texto deste artigo. Actualmente a Irmã Josefa Maria trabalha em Braga – Portugal.

Em 1910, após a morte do pai, Eugénie, a mãe e os dois irmãos, voltaram a Bouzonville. Ali, encontrou o P. Eich, que a encoraja na sua vocação religiosa. Com algumas amigas, forma o núcleo de uma família espiritual com a qual ela conta desde os primeiros contactos com os espiritanos de Neufgrange.

Por intermédio destes é apresentada a Mons. Alexandre Le Roy, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo.

A fundação tem lugar a 6 de Janeiro de 1921, em Farschwiller, com Eugénie e as duas companheiras que permaneceram a seu lado.

Em 1927, um primeiro capítulo escolhe a Irmã Michael Dufay como Superiora Geral.

Eugénie, depois de ter organizado as comunidades de Mortain (Manche) e Allex (Drôme), retira-se para Montana (Suiça), onde morre a 16 de Março de 1931, com 38 anos de idade.

I - 1892 – 1921 : Curvas e sinuosidades de um apelo para a Missão

Marie-Eugénie Caps, infância e Juventude[1]

Marie-Eugénie Caps nasceu a 3 de Junho de 1892, em Loudrefing (Moselle), numa família que certas circunstâncias infelizes tinham empobrecido: ela própria explica, nas suas notas pessoais, que os avós paternos eram bastante ricos, mas que, ainda muito novo, o pai fora espoliado da sua herança. Depois tornara-se empregado dos caminhos de ferro.

Do lado da mãe, Eugénie era parente do bem-aventurado Jean-Baptiste Moye,[2] fundador das Congregações da Divina Providência de Portieux e de S. João de Bassel.

Com os seus dois irmãos (Eugénie era a mais velha), Camille e Abel,[3] teve uma primeira infância feliz no seio de uma família cristã na qual se fazia oração em comum e onde tudo era orientado para Deus. Frequentou a escola infantil das Irmãs de S. João de Bassel; muito pequena ainda, já se sentia atraída para tudo o que dizia respeito às missões: a Obra da Santa Infância, as narrativas missionárias exerciam já sobre ela uma profunda impressão. Desde o primeiro despertar da razão, Eugénie decidiu consagrar-se a Deus. No seu caderno "**A Minha**

[1] Arq. Irs esp. 10 G 1. A O principal original utilisado é o manuscrito da Ir. Elise Muller:*Origem da Congregação* (com data de 4 de Março de 1966). A Irmã Elise Muller (1901-1970) faz parte do primeiro grupo de Farschwiller. *Inabalavelmente*, ela anima Eugénie Caps no seu *empreendimento* (é ela quem emprega estas palavras). Com Eugénie, ela persevera, não obstante as dificuldades, na óptica do Instituto: *para as Missões*. De 1930 a 1945, ela trabalha na Martinica. Após uma estadia em Montana (Suiça), ela é conselheira Geral de 1955 a 1965. A sua contribuição foi muito importante para descrever a história da Congregação.

[2] Bem-aventurado João Martin Moye (1730-1793), da Sociedade das Missões Estrangeiras, foi missionário na China de 1771 a1784. Será beatificado em 1954.

[3] Camille (1894-1969), casado em 1924 com Anne Koch (1894-1977) exercia a profissão de torneiro. O casal teve um filho, Marcel, falecido em Bouzonville em 1989. Abel (1907-1972) fundou uma família de nove filhos. A sua esposa ainda vive em Bouzonville.

Vocação",[4] ela conta que um dia estava sentada ao lado da Irmã e olhava para ela: "sentia um desejo profundo de também um dia chegar a ser irmã; é a partir deste momento que posso datar a minha vocação religiosa"[5]

Após a transferência do pai para uma estação próxima de Bouzonville (Filstroff), Eugénie frequentava a escola desta localidade.

Sentia um desejo profundo de também um dia chegar a ser irmã

A 29 de Maio de 1904, fez, em Bouzonville, a sua primeira comunhão, cuidadosamente preparada pela sua professora. No ano seguinte, a 18 de Janeiro de 1905, teve lugar aquilo a que na Lorena chamavam a renovação, na qual as crianças que tinham feito a primeira comunhão no ano precedente renovavam esta comunhão numa cerimónia solene. Neste momento, Eugénie sentiu-se impelida interiormente a consagrar-se a Deus pelo voto de castidade perpétua, a fim de pertencer inteiramente a Deus.

A 31 de Maio de 1906, recebeu a confirmação e, desde aquele momento, a devoção ao Espírito Santo cresceu e consolidou-se nela.

Neste mesmo ano de 1906, no mês de Agosto, o pai, chefe de estação, foi transferido para Ancy-sur-Moselle, não longe de Jouy-aux-Arches, onde, uns quinze anos mais tarde, Eugénie fundaria o seu noviciado. Era pois necessário deixar o pensionato de Bouzonville e ir para Ancy com os pais. Ali o pai iniciou-a no trabalho de secretariado, contabilidade e de bibliotecária; recebeu lições de costura, de passagem a ferro e aprendeu a manipular as máquinas de tricotar. Eugénie levava uma vida de muito recolhimento, vida de oração e de união com Deus a fim de se preparar para entrar em religião quando chegasse o momento.

Em 1910, o pai, que era cardíaco, apanhou a escarlatina à qual sucumbiu em alguns dias (faleceu a 6 de Março de 1910). Eugénie sofreu muito com a perda do pai.

Eugénie levava uma vida de muito recolhimento, vida de oração e de união com Deus

Em Bouzonville. A sua vocação missionária

Alguns meses mais tarde, a Sra Caps resolveu voltar para Bouzonville com os três filhos. Eugénie tinha 18 anos. O irmão mais velho tinha 16 e não tinha terminado a aprendizagem da sua profissão. Ela encontrou trabalho num banco e tornou-se o apoio da família.

Em Bouzonville ela reatou contacto com as antigas mestras e com uma amiga, companheira de escola, Marguerite Divo,[6] também aspirante à vida religiosa. Ambas procuravam uma Congregação onde tivessem a certeza, ao ali entrar, de poder partir para a missão. Naquele lugar, as congregações existentes não podiam dar-lhes satisfação, sobre este ponto. Quando ela estava nesta etapa de investigação, num dia do ano de 1912, chegou-lhe às mãos uma revista do

[4] Arq.Irs. Esp. 3 A 2 d.. O texto de A *Minha Vocação* pode ser consultado no fascículo policopiado de 48 páginas, aparecido em Abril de 1993. É a este trabalho que nos referiremos para as citações.

[5] A Minha Vocação, p. 3

[6] Eugénie e Marguerite, durante a infância e juventude, encorajavam-se mutuamente em vista de uma mais profunda união com Deus e do dom efectivo aos outros. Todavia, Marguerite não se comprometerá na fundação com Eugénie, mas entrará noutra Congregação Religiosa.

Menino Jesus de Praga em cujas páginas se encontrava a poesia do Padre Alexandre Le Roy:[7] *Quero ser Missionário*. Com esta leitura, a sua vocação missionária foi extraordinariamente fortalecida.

Em Setembro de 1913, chegou a Bouzonville como coadjutor, o Sr. P. Jacques Eich. Tratava-se de um sacerdote santo, místico, que vivia numa grande familiaridade com Deus. Os seus numerosos escritos e os testemunhos do povo de Bouzonville, onde fora coadjutor durante 18 anos, e do de Forbarch, sua terra natal, o atestam. Ele vivia no convívio de Deus e das almas e só queria levar toda a gente a esta vida de união íntima com Deus. Tendo sido ordenado padre em 1910 e inspirando-se no *restaurar tudo em Cristo* de S. Pio X, ele tinha imaginado o plano de fundar uma nova congregação que, através de múltiplos ramos, atingisse todas as misérias humanas, a fim de estender o Reino de Cristo. Depois de ter sido, durante um ano, professor no Seminário de Bitsch, foi nomeado coadjutor na Petite Rousselle, Moselle. Tentou realizar ali as suas ideias, reunindo algumas jovens, mas esta experiência falhou rapidamente.Ele aceitou humildemente este fracasso, compreendendo que o momento de Deus ainda não tinha chegado e esperando a manifestação da vontade divina através de um sinal providencial.

Em 1912, o Bispo de Metz, Mons. Benzler,[8] transferiu-o para Bouzonville, sempre como coadjutor.

Nessa ocasião, Marie-Eugénie tinha o hábito de se confessar ao Arcipreste da paróquia. Um dia, ela teve a ideia de se dirigir, por uma vez, ao P. Eich. Este fez-lhe uma exortação sobre a união com Jesus, numa linguagem que a inquietou e, enquanto o escutava, dizia para consigo: "nunca mais me confessarei a ele". "A menina talvez pensasse em nunca mais voltar a confessar-se a mim, diz-lhe o Padre; faça como entender, se quiser perder-se". Ela ficou impressionada! Como é que ele podia saber o que ela estava pensando? Desde aí o P. Eich tornou-se seu director espiritual e levou-a a crescer na união íntima com Deus. Alargou-lhe os horizontes permitindo-lhe, por exemplo, comungar com mais frequência e mesmo quotidianamente. Eugénie declarou: "uma verdadeira conversão se operou em mim".[9]

aí o P. Eich tornou-se seu director espiritual e levou-a a crescer na união íntima com Deus

Um dia ela comunicou ao seu director o seu desejo de entrar na vida religiosa consagrada, mas, naquele momento, ele respondeu-lhe que não acreditava que ela tivesse a vocação religiosa. Eugénie ficou desconcertada, perguntando a si própria se o P. Eich a compreendia bem; mas as coisas ficaram por ali durante algum tempo.

[7] *A Minha Vocação*. P. 18. A poesia do P. Le Roy ali é citada por inteiro. É provavelmente durante a sua estadia (de 1878-1880) no colégio de Cellule (Puy-de-Dôme) que Le Roy que ali animava a Academia literária, compôs esta poesia. No momento em que Eugénie a lê, Mons. Le Roy é, desde 1896, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. Veremos, mais adiante, o papel que será levado a desempenhar na fundação das espiritanas.

[8] Mons. Willibrord Benzler: nascido em 1853, beneditino de Beuron, abade de Maria-Laach em 1893; Bispo de Metz de 1901 a1919

[9] *A Minha Vocação*, p. 19-20

No seu *Diário íntimo*,[10] ela escreveu a 20 de Abril de 1915: "Ofereci a sagrada comunhão para que Jesus me mostrasse se tinha escolhido o meu confessor, o Snr. P. Eich, para me dirigir. Eis a resposta que me pareceu ter recebido de Jesus: *Diz-lhe que o desejo; que ele tenha coragem e confiança; que tive piedade de ti. Ele deve dirigir-te, mas tu deves obedecer.*

Camille, o irmão de Eugénie, tinha sido mobilizado pelo exército alemão em 1914, no princípio da Grande Guerra. Enquanto duraram as hostilidades, ele teve de ficar sempre na linha de combate, na Marne, na Somme, em Verdun, e a família não tinha esperanças de o tornar a ver.

O P. Eich tinha dado autorização à Eugénie para comungar todos os dias, mas a comunhão tornou-se o seu grande tormento. A sua alma estava devorada pelo desejo de comungar e, quando se aproximava da santa mesa, era invadida pelos escrúpulos e nunca se achava suficientemente digna de comungar. Contudo, graças à obediência ao seu director, ela recuperava a paz. O problema da sua vocação não cessava de a preocupar. Apesar da opinião contrária do P. Eich, ela continuava persuadida de que tinha sido chamada à vida religiosa e nem sequer um instante duvidou de que esta vocação se realizaria um dia ... Mas como?

25 de Abril de 1915: A visão. Origens da Obra

No dia 25 de Abril de 1915, durante a acção de graças após a comunhão, Eugénie teve uma visão: viu uma assembleia de religiosas que aumentava e se multiplicava a olhos vistos e, interiormente, ela compreendeu que seria a mãe de uma nova obra de Irmãs Missionárias; que era preciso falar disso ao seu director e que ambos deveriam ocupar-se dela. Saiu da visão completamente aturdida: como fazer para contar aquilo ao seu director, que nem sequer pensava que tivesse vocação para a vida religiosa? Superando o seu pavor, escreveu-lhe naquela tarde um bilhete com o texto seguinte:

Interiormente, ela compreendeu que seria a mãe de uma nova obra de Irmãs Missionárias

"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Meu Jesus Ajudai-me!

Senhor Padre, devo dizer-lhe isto de viva voz, ou redigi-lo aqui?

Esta manhã, depois de ter comungado, estando recolhida em acção de graças, Jesus deu-me a entender que pede uma nova obra de Irmãs Missionárias, e que o Senhor Padre e eu devemos ser os primeiros a nos ocuparmos dela.

Ao mesmo tempo, ouvi estas palavras em mim: *Diz ao teu confessor que eu quero esta obra; e que ele não deve aprofundar mais, pois aquilo que ele deseja começar será coroado de sucesso. E não deve demorar muito tempo. Todavia, não imediatamente.*

Senhor Padre, o que é que V.ª Rev.ª vai pensar disto? Vai ser necessário que eu lhe fale deste assunto a fim de me explicar. Serei talvez repelida, até receio isso, mas, por Jesus, não desanimarei, pois a Sua vontade realizar-se-á.

[10] Arq. Irs. Esp. 3 A 2 a-b-c. *Diário da Alma*, é a apelação dada ao Diário escrito pela Eugénie; mas ela própria não lhe tinha dado qualquer título.

Quando poderei falar com Vª Reverência?
Viva Jesus! A sua penitente Eugénie"[11]

Na conversação que a seguir teve lugar, o P. Eich mostrou-se muito surpreendido e revelou que também pensava, desde há muito tempo, em fundar uma obra nova. No acontecimento via o sinal da Providência que estava esperando. Marie-Eugénie tinha compreendido bem, na sua intuição durante a acção de graças, que se tratava de uma nova obra missionária. Mas, durante vários dias, hesitava, julgando impossível aceitar semelhante empreendimento. No interior da sua alma, vivia um drama autêntico. Só recuperou a paz ao aceitar *tudo o que Deus queria*, quer dizer: ser a fundadora e a primeira superiora da nova obra.

O P. Eich entregou-lhe um regulamento de vida e o projecto da sua própria obra: para pessoas boas e piedosas que vivem no mundo, formando uma família espiritual de contemplação e de vida de união com Deus; vários ramos, entre os quais uma obra de professores primários cujo objectivo consistiria em educar as crianças segundo o espírito da Igreja e outro ramo para as pessoas que quisessem ir para a missão. A mesma espiritualidade, baseada no Cântico dos Cânticos, uma vida muito mística deveria unir os diferentes ramos entre si. Eugénie escreve no seu caderno: "A obra do meu director era mais universal, adaptando-se a todas as necessidades da vida cristã. Eu não compreendia muito bem o que ele queria. À sua obra se vieram juntar ainda, no curso dos anos, uma obra de servas dos padres; uma obra de contemplativas de adoração (que deveria aceitar pessoas enfermas que não podem entrar noutras congregações); uma ordem de virgens catequistas a domicílio, etc."[12]

Bem depressa surgiram dificuldades. Na sua visão Eugénie tinha visto e compreendido que se tratava de *uma nova obra de Irmãs missionárias*. Tudo o resto não podia, por conseguinte, dizer-lhe respeito; e no entanto Deus enviava-a ao P. Eich para que ele a dirigisse. Ela escreve no seu caderno: *As maiores dificuldades vieram do meu director.*.

"Não posso conceber uma vida activa que não esteja baseada numa vida muito, muito íntima com Deus"

Isto passava-se em 1915, durante a guerra; de qualquer maneira, nada podia ser empreendido no imediato. De comum acordo, compreendendo bem que nenhuma actividade apostólica podia conceber-se sem uma vida de união íntima com Deus, o P. Eich e a sua dirigida decidiram cultivar uma vida de oração e contemplação. As grandes devoções de Eugénie eram: a Eucaristia, o Espírito Santo, o Coração Imaculado de Maria, S. José (o seu homem de negócios, como ela dizia), e o seu Anjo da Guarda. Esta última devoção tinha-lhe sido inculcada pela avó materna. Eugénie contava várias vezes como o seu Anjo a defendeu em momentos de perigo.

Ela comprazia-se nesta vida de união com Deus. Encontram-se muitas vezes, quer nas suas notas íntimas, quer noutros escritos, frases como esta: "não posso conceber uma vida activa que não esteja baseada numa vida muito, muito íntima com Deus". Mas, por outro lado, não era a contemplação (a que ela cha

[11] Arq. Irs. Esp., 3 A 2 c.
[12] Arq. Irs. Esp., 3 A 2 d.

mava o seu Carmelo) que a seduzia totalmente; com efeito, ela nunca separava a contemplação de *uma grande actividade missionária*. Queria as duas.

Assim se passaram os anos de 1916 e 1917. Um pequeno grupo de amigas se formou à volta de Eugénie e do P. Eich, núcleo de uma família espiritual do qual Eugénie falará mais tarde, quando se dirigir aos Espiritanos de Neufgrange, e do qual ela foi a alma. Por motivos de prudência, ela evitava encontrar-se frequente e prolongadamente com o P. Eich. Ele também preferia utilizar o processo de troca de bilhetes e de cartas; o que nos permite ter hoje, nos arquivos das Espiritanas, um importante lote destes escritos: eles revelam claramente a evolução da obra e a profundidade espiritual da vida do grupo. A fim de evitar as consequências possíveis no caso da perda dos bilhetes, os correspondentes adoptaram pseudónimos, nomes místicos. Marie-Eugénie tomou o nome de Marie Gema (de Maria Gema Galgani)[13] e o Abade Eich o de Irmão Gabriel (Gabriel Possenti)[14], alma de grande união com Deus e tendo uma mortificação admirável.

Durante todo este tempo, o Abade Eich não cessava de fazer planos, de escrever regulamentos e projectos que a Eugénie não compreendia e a mergulhavam em indizíveis tormentos. Ela só tinha compreendido *um plano unicamente missionário*, e ela o repetia, respeitosamente mas com firmeza, ao Padre. Este começou a ser duro para com ela e a pôs à prova de muitas maneiras. Por vezes, ela duvidava: "seria mesmo verdade que Deus lhe pedia para criar uma obra nova das Irmãs missionárias? Não estaria ela a ser o joguete da imaginação? Como é que Deus faria para desembaraçar esta obra, unicamente missionária, de toda a mistura feita pelo seu director?" Só se acalmou num acto de completo abandono. Quantas vezes ela escreve no seu caderno: "Oh! Tenho confiança, meu Jesus: se quereis realmente esta obra, sabereis conduzi-la a bom fim. Como Deus quiser!"

"Agora, é preciso agir"

O seu irmão Camille continuava na frente militar, nos lugares mais expostos e não se ousava contar com o seu regresso. Eugénie não podia pensar partir para *a missão* e deixar a mãe sozinha. Pediu a Deus que lhe desse como sinal indubitável da Sua vontade, o regresso do irmão. E eis que em 1918, logo que a guerra acabou, no dia 12 de Novembro, o seu irmão entra em casa são e salvo ![15]

Agora, é preciso agir, diz ela. Com o P. Eich, ela procurou o apoio de um Bispo ou de uma Congregação Missionária. Fizeram várias diligências: junto dos Monfortinos, de Mons. Allgeyer, Bispo missionário de passagem em Bouzonville,[16] do Bispo de Quito, na América do Sul, ao qual enviaram uma carta,[17] etc; tudo isto sem resultado concreto.

[13] Gema Galgani(1878-1903), estigmatizada, será canonizada em 1940.

[14] François Possenti, dito Gabriel das Sete-Dores (1838-1862), será canonizado em 1920.

[15] Aqui termina *A Minha Vocação*, texto escrito por Eugénie durante a sua estadia em Montana (Suiça) (1926-1931), a pedido do seu director de consciência, o P. João da Cruz. Ela entregou-lhe o manuscrito a 28 de Março de 1928.

[16] Mons. Emile Allgeyer (1866-1924): espiritano, vigário apostólico de Zanzibar (1897-1913).

[17] Sem dúvida, um conhecimento do P. Eich que, em vista dos seus projectos, entrou em relação com muitas pessoas.

Entrementes, o P. Eich começou a pensar que a Eugénie tinha, de preferência, uma vocação de carmelita e mandou-a ir apresentar-se ao Carmelo de Metz. A Madre Prioresa disse-lhe que esperasse:

Deus mostrar-lhe-á o caminho.

Em 1917, preocuparam-se com o nome da nova obra. O Abade Eich, inspirando-se na sua espiritualidade, baseada no Cântico dos Cânticos, propôs: As últimas esposas de Jesus, ou As pequenas esposas de Jesus. Mas Eugénie achava que este nome não convinha a missionárias. Um dia, encontrando-se em oração, ao reflectir sobre um nome possível, pareceu-lhe ouvir claramente: *Filhas do meu Coração*. Pensou, primeiramente, no Coração de Jesus, mas, ao chegar ao banco onde trabalhava, abriu a escrivaninha da secretária, e uma pagela do Coração Imaculado de Maria, derrubada de um livro, veio cair-lhe nas mãos, enquanto ela *compreendia, interiormente: Filhas do Coração Imaculado de Maria*. Ao meditar sobre este facto, ela disse para consigo que a miséria de milhões de almas da raça preta, em África, devia ressoar dolorosamente no Coração de Maria, no qual as trazia todas, a fim de as conduzir a Jesus; da mesma maneira que uma congregação missionária devia ser o instrumento de salvação para as almas abandonadas entre as suas mãos.

Uma congregação missionária devia ser o instrumento de salvação para as almas abandonadas

A espiritualidade libermaniana

Também procuravam definir e concretizar o espírito que devia inspirar a nova sociedade. Numerosos bilhetes trocados entre o P. Eich e a Eugénie fazem alusão a isso. Concluiram que as missionárias precisavam de um espírito de união com Deus, baseado no espírito de sacrifício e de renúncia, a fim de poderem exercer a obra da salvação junto dos pagãos. Estava-se, então, em 1919. Naquela altura as exposições missionárias eram frequentes. Numa delas, Eugénie comprou a *Vida do Venerável Libermann*: Leu e releu este livro e ficou deslumbrada! Declara ao P. Eich: *Eis aqui o que será exactamente o nosso espírito!* Foi assim que Eugénie escolheu para a sua congregação, *a espiritualidade libermaniana*.

Aluno dos sulpicianos em Issy-les-Moulineaux, Libermann tinha-se familiarizado com a sua espiritualidade da Escola Francesa do Sr. Olier, fundador dos sulpicianos. Mais tarde, a sua experiência pessoal de Deus e a sua prática missionária à frente da sua congregação, tinham-lhe permitido *personalizar* esta espiritualidade. Marie-Eugénie, nela se reconhecia absolutamente. Sentiu que tinha chegado o momento das avançadas decisivas. Declarou ao P. Eich: " Até aqui foi o Senhor Padre que conduziu as coisas; mas agora, sou eu que me encarregarei delas; desejo, necessariamente, conferenciar com uma congregação missionária". O P. Eich concordou e disse-lhe que os Espiritanos, filhos de Libermann, tinham uma casa em Neufgrange, na Lorena.[18]

[18] Fundado em 1904, o Instituto S. José de Neufgrange era então o noviciado dos Irmãos da Congregação do Espírito Santo.

Os Espiritanos de Neufgrange

Quando ela soube que se tratava da Casa de S. José, da Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria, exclamou:

"É de lá que nos virá o socorro!" Sem demora, entrou em contacto com os Espiritanos de Neufgrange, através da primeira carta, de 30 de Outubro de 1919. A resposta, pouco encorajadora aos olhos dos que acompanhavam Eugénie, não só não resfriou a sua confiança, mas insuflou-lhe um novo fervor. Numa segunda carta (25 de Novembro) ao Superior de Neufgrange, ela explica um pouco mais o seu projecto:

"O que nos conviria muito, agora, Rev. Padre, era saber em breve, se os Senhores Padres estariam dispostos a ajudar-nos; em particular se quereriam aceitar a nossa boa vontade a fim de sermos formadas para o objectivo que pensamos propor-nos e para nos constituirmos em comunidade, nas vossas mãos, e sob a vossa direcção, com o fim de vos pertencermos directamente como auxiliares e irmãzinhas. Seríamos então *Filhas do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria* da Lorena .... Aliás, nós gostamos muito da Congregação do Espírito Santo!

Já há bastante tempo que decidimos consagrar a segunda-feira ao Espírito Santo. Também amamos muitíssimo o Coração Imaculado de Maria!... E o Venerável Libermann de quem temos a biografia e os escritos. Foi o nosso vigário actual, o Sr. P. Eich, quem, na sua grande devoção ao Venerável Libermann, nos inspirou amor e veneração pela Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria ..."

A esta segunda carta, o superior de Neufgrange, P. Clauss,[19] respondeu longamente no dia 1 de Dezembro de 1919. Escreve, entre ouras coisas:

"Minhas meninas, vós perseverais no vosso projecto e desejais, mais uma vez, escutar o que se pensa em Neufgrange. Vou dizer-vo-lo sem rodeios. Enquanto a autoridade eclesiástica não se tiver pronunciado a favor desse projecto, nós estamos obrigados a ficar na nossa discrição. Por isso, seria bom que vos dirigísseis directamente ao Senhor Bispo de Metz. Se Sª Exª Revª for favorável, muitas dificuldades serão removidas. Se ele se opuser, todos os esforços serão inúteis... De qualquer modo, mesmo se o Sr. Bispo for favorável ao projecto, as dificuldades não faltarão.

Outras ainda, muito maiores, aparecerão. Todavia, se a obra for desejada por Deus, a Providência ajudará a superá-las todas. Haverá principalmente grandes tribulações para as fundadoras que precisarão de uma paciência heróica e de um espírito de sacrifício dignos dos primeiros cristãos, a fim de superar todos os obstáculos..."

se a obra for desejada por Deus, a Providência ajudará a superá-las todas

Eugénie não duvidava que a obra fosse desejada por Deus. Por conseguinte, esta carta constituiu para ela um clarão na obscuridade. Não obstante as hesita-

[19] P. Emile Clauss (1866-1925): antigo Missionário de Zanzibar, acabava de ser nomeado superior de Neufgrange. Notícia biográfica: BG, t. 32, p. 130.

ções do P. Eich a respeito do objectivo da obra, ela continuava firme na sua posição. A 4 de Abril de 1920, escreve-lhe: *...contudo, vejo como fim principal as missões.*

O P. Eich não ousou dirigir-se ao Bispo de Metz. Indo a Roma para as festas da canonização de Joana d'Arc, ele aproveitou da ocasião para colocar num cesto de flores, uma carta dirigida ao Santo Padre. Nela se tratava das Virgens catequistas, mas nada ali figurava àcerca da *obra missionária*. Não nos admiremos que esta carta tenha ficado sem resposta! Antes da sua partida para Roma, Eugénie lhe tinha precisado ainda: " Quanto a Roma, faça como Jesus lhe inspirar. Jesus dá-me a entender que o fim da obra é as Missões e a ideia me vem sempre da mesma maneira ..." Tinha-se a impressão que o assunto se encontrava num beco sem saída.

Jesus dá-me a entender que o fim da obra é as Missões e a ideia me vem sempre da mesma maneira

A 3 de Junho de 1920, uma terceira carta foi enviada de Neufgrange pelo P. Clauss: "Uma pessoa que nada sabe do vosso plano – escreve ele – prontifica-se a oferecer uma quantia bastante importante de dinheiro para a fundação de uma casa de religiosas Missionárias na Lorena. Vejo nesta circunstância o dedo da Providência ... Em que ponto estão as vossas diligências no Bispado?"

O P. Eich decidiu-se então a seguir a via proposta pelos Espiritanos. A 5 de Junho de 1920, escreveu à Eugénie: *Temos de cumprir a vontade de Deus*. E Eugénie respondeu ao P. Clauss: *Estamos a escrever a Mons. Pelt.*[20]

Mons. Alexandre Le Roy. A Fundação

Após a guerra de 1914-1918, os missionários de origem alemã tiveram de deixar a África Oriental e os Camarões. Mons. Alexandre Le Roy, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, foi encarregado pelo governo francês de fornecer pessoal missionário para aquelas regiões. Ali havia necessidade de Padres, mas também de Irmãs. Mons. Le Roy bateu a muitas portas de congregações femininas, mas as resposta eram unânimes: *não havia pessoal disponível.*

Naquela altura – 16 de Setembro de 1920 – Mons. Le Roy, em visita a Neufgrange, durante o jantar, à mesa, confia à comunidade o seu embaraço. O P. Karst interrompeu-o:[21] *precisamente, Senhor Bispo, o Bom Deus está a preparar-vos Irmãs!* E comunicou-lhe a correspondência trocada com Eugénie Caps. No fim da refeição, Mons. Le Roy tomou conhecimento das cartas vindas de Bouzonville e, depois de as ter percorrido, tomado por uma indizível emoção, caíu de joelhos e exclamou: *É providencial!* Continuando a leitura ficou ainda mais emocionado; tal era a evidência àcerca da origem divina da oferta das moças de Bouzonville, que, desde aquele instante, ele se interessou por esta obra com afeição paternal que nunca foi desmentida.

[20] Mons. Jean.Baptist Pelt (1863-1937) sucedeu como Bispo de Metz, a Mons. Benzler, que pediu a demissão em 1919.

[21] O P. Joseph Karst (1848-1924): antigo missionário do Bagamoyo, onde teve por confrade o P. Le Roy; fundador e antigo superior de Neufgrange. Notícia biográfica; BG, t. 31 p. 72

Sem demora foi fixado um encontro que teve lugar na Casa-Mãe da Congregação do Espírito Santo, em Paris, 30 rue Lhomond, a 20 de Outubro de 1920. Estavam presentes neste encontro: Mons. Le Roy, o Sr. P. Eich, Marie-Eugénie Caps e Lucie Lay, uma das suas companheiras.[22]

No fim da entrevista, Mons. Le Roy escreveu no seu relatório: "foi fácil entendermo-nos; um novo instituto seria formado, tendo os seus regulamentos próprios. O seu fim: trabalhar em colaboração com os Padres do Espírito Santo, nas missões e nas suas obras. O nome dele: como o dos Padres: Irmãs Missionárias do Espírito Santo sob a invocação do Coração Imaculado de Maria. Começar-se-á na Lorena para acolher as vocações que correriam o risco de se perder, mas ficando bem assente que o postulantado estaria aberto a todas as boas vontades que se apresentassem."

O Senhor Bispo voltava sempre a este ponto capital: o instituto seria exclusivamente missionário. Eugénie Caps tranquilizou-o dizendo-lhe que nunca tinham encarado as coisas de outro modo.

Em seguida enviou-os, acompanhados pelo P. Onfroy, a Nossa Senhora das Vitórias, a fim de colocar o Instituto nascente sob a protecção maternal do Coração Imaculado de Maria. Na tarde desse mesmo dia, Mons. Le Roy escreveu ao P. Eich: "Após diversas manifestações da Providência neste últimos tempos, relativamente ao projecto sobre o qual conversamos, penso que resistiria à vontade de Deus se não me prestasse a colaborar na sua realização. Colaboração prudente, sem dúvida, mas atenta e sincera..."

Enviou-os a Nossa Senhora das Vitórias, a fim de colocar o Instituto nascente sob a protecção maternal do Coração Imaculado de Maria

Primeiro prevista para o dia 8 de Dezembro, retardada por dificuldades relativas à habitação, a fundação terá lugar a 6 de Janeiro de 1921.

(A continuar)

[22] Lucie Lay fazia parte do grupo dos princípios, mas não aceitou a aproximação com a Congregação do Espírito Santo que conduzia a deixar o P. Eich. Deixou a fundação no fim de alguns meses.

cem anos de presença espiritana em tefé

Hoje, nem nos passa pela cabeça fazermos viagens tão demoradas, nem tão dependentes dos outros, nem em condições tão precárias. Era preciso muita fé, muita convicção, muita doação e, sobretudo, muita confiança em Deus! (...)
13 de Julho de 1997! 16.00h! Começa a procissão em direcção ao cemitério. Aí é prestada uma homenagem a todos os missionários que lá repousam. Muita gente nova, falecida poucos meses depois de sua chegada a esta Amazónia desconhecida. Vítimas do seu ideal, vítimas do desconhecimento da região!

1. Um pouco de história

1. 1. Espiritanos no Brasil

Foi em 1885 que os Espiritanos chegaram ao Brasil, directamente para Belém. Chegavam chamados pelo Bispo local, D. António Macedo Costa (ex-aluno do "Colégio Francês" de Roma, dirigido por Espiritanos), com tarefa bem especificada: assumir a direcção do Seminário Menor da Diocese. Com a mudança do Bispo, Espiritanos e Bispado entraram em conflito. Em 1897 os Espiritanos devolvem o Colégio do Carmo e chega ao fim essa etapa de Belém.

1.2. Espiritanos em Tefé

A decisão da Congregação ir para Tefé foi rápida e também "fruto do acaso".

* Espiritanos, nascidos na Europa, Trabalharam muitos anos no Brasil, a maioria dos quais em Téfé. António Gruyters actualmente é membro da equipa provincial da Holanda. Domingos Rocha é pároco nas periferias de Lisboa.

P. Xavier Libermann, durante uma viagem de navio, encontrou-se ocasionalmente com o primeiro Bispo de Manaus, D. José Lourenço da Costa Aguiar. O Bispo manifestou interesse em levar os Espiritanos para sua diocese. O P. Xavier chegando a Paris, colocou o pedido à direcção da Congregação, defendendo o envio dos Espiritanos aos índios da Amazónia.

O projecto teve um percurso rápido. A 13 de Abril de 1897, em Lisboa, embarcaram os primeiros missionários e chegam em Manaus a 23 de Maio do mesmo ano. O primeiro grupo é constituído por P. Xavier Libermann, P. Parissier, P. Friederich e Ir. Donaciano. Em Belém juntam-se P. Luís Berthon e Ir. Tito. Os Padres Parissier e Friederich ficam em Manaus. Os outros continuam viagem e chegam a Tefé a 10 de Junho de 1897. De Manaus para Tefé, seguiu junto o Vigário de Tefé na ocasião, Cónego Norberto Depuy, que havia sido também um grande incentivador da vinda dos Espiritanos.

1.3. Instalação na Boca de Tefé

Foram calorosamente recebidos. Logo o Governo oferece um terreno, denominado "Sobrado", na Boca do Rio Tefé, para que os novos Padres comecem a desenvolver seus trabalhos. Esse terreno fica fora da cidade. Aí os Espiritanos se instalam e, aos poucos, foram construindo a famosa "Escola Agrícola e Industrial de Bocca de Tefé". Na verdade, era um complexo onde tinha internato e escola, olaria, carpintaria, curtume, torno mecânico, fábrica de chocolate e de vinho de caju...

Nas oficinas da Boca de Tefé se procura educar para a vida entendida como um todo. Havia uma integração entre educação humana, religiosa e profissional. Em poucos anos a Boca de Tefé torna-se ponto de referência em todo o Amazonas!

A obra da Missão foi fundada a 27 de Julho de 1897.

1.4. Pastor no caminho do Rebanho

Da Boca da Missão partiam também os missionários para visitar as localidades ao longo dos rios. Normalmente subiam com os comerciantes, atrelando sua canoa no barco. Depois, iam descendo, remando. As visitas de desobriga levavam meses! Através dos livros de registro de Baptismo e Casamento ficamos sabendo onde a visita às populações teve início e quanto tempo demorou.

Hoje, nem nos passa pela cabeça fazermos viagens tão demoradas, nem tão dependentes dos outros, nem em condições tão precárias. Era preciso muita fé, muita convicção, muita doação e, sobretudo, muita confiança em Deus!

Alguns dos nossos missionários morreram durante a viagem. Outros morreram pouco depois de chegarem ao Amazonas. O cemitério da Missão comprova isso. Era aventura mesmo! Quanta vida doada por ideal e também por falta de conhecimento da realidade! Por exemplo, os Irmãos Dionísio e Agostinho, portugueses, faleceram em 1911, com 24 e 29 anos, respectivamente.

1.5. Prefeitura Apostólica de Tefé

A 23 de Maio de 1910 é criada a Prefeitura Apostólica de Tefé, pela Bula

"Cum ex nimia Dioecesis Amazonum" do Papa Pio X, desmembrada da então Diocese de Amazonas (hoje Arquidiocese de Manaus). E Monsenhor Alfredo Miguel Barrat é nomeado Prefeito Apostólico. Era o reconhecimento do trabalho desenvolvido até então.

No dia 26 de Setembro de 1910, Mons. Barrat embarca no Tejo para Tefé, chegando a seu destino a 06 de Outubro do mesmo ano, sendo recebido com alegria e simpatia pelo povo e autoridades.

1.6. Mudança para Tefé

A princípio instalados na Boca da Missão, pouco a pouco os missionários vão se transferindo para a cidade de Tefé. Com isso a Missão vai perdendo a sua importância. Para isso contribuiu o fato de a Paróquia de Tefé ter sido confiada aos Espiritanos em 1907, assim que o Cónego Depuy se aposentou.

Em 1913 começa a construção do Seminário de S. José, destinado a formar padres. A construção é dada como concluída em 1921. Teve como seu primeiro Director o P. Manuel de Alencar. E nesse mesmo ano de 1921 é fundado o Externato de S. José, para a educação dos meninos. Com a mesma finalidade é criado um Internato.

Pelo Seminário de Tefé passaram os Padres Manuel Albuquerque, Cristóvão Arnaud, Minerval de Andrade, Edson Dantas de Oliveira, Walter de Moraes, Manuel de Lima Cauper.

Com a finalidade de informar e de buscar apoio para as obras vocacionais é fundada a Revista "O Missionário", que circulou de 1921 a 1960.

Com a chegada das Franciscanas Missionárias de Maria em 1925, é a vez de olhar para a educação das meninas. Logo começaram com um internato, externato, ateliê e dispensário para doentes. Em 1935 é iniciada a formação de professores-catequistas, velho sonho de Mons. Barrat e de P. Tastevin.

Em 1922 tem início a construção da Igreja Matriz. A sua construção terminou em 1935, tendo sido consagrada a 19 de Outubro do mesmo ano, pelo bispo de Manaus, D. Basílio Pereira. Nesse ano, Mons. Barrat completava 25 anos como Prefeito Apostólico.

É bom ressaltar que todas estas obras materiais foram construídas por gente formada na Missão ou que estava se formando lá. Muitos dos materiais usados (como tijolo, telha, cerâmica) eram fabricados lá nas oficinas da Missão.

Reza a história que, durante o governo de Mons. Barrat, muitas Associações se instalaram nesta Igreja, tais como Vicentinos, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, Apostolado da Oração, Acção Católica, etc.

Neste período cabe também frisar todo o trabalho realizado com os povos indígenas. O nome mais relevante foi P. Constantino Tastevin. Por exemplo no Rio Juruá ele constatou a existência de 212 nações, com cerca de 2 milhões de habitantes. E o P. Augusto Cabrolié, no Rio Japurá, conheceu mais de 20 nações indígenas. Deixaram muitas notas de viagens, muitos escritos, sendo que alguns continuam inéditos até hoje. Mais de 2 milhões de habitantes naqueles tempos! Hoje, em todo o Brasil, os índios não passam de 300.000. Dá que pensar!

1.7. Novos protagonistas

Monsenhor Barrat tem dificuldade em arrumar padres para poder continuar a dar a devida assistência religiosa.

No Capítulo Geral da Congregação de 1919 é decidido passar a responsabilidade desta área para a Província Alemã. Mons. Barrat opôs-se, achando que ainda tinha condições de arrumar pessoal para a Prefeitura, embora as portas da Província de França já estivessem fechadas. Estava criado o impasse.

Em 1926 havia apenas 7 padres. Desde 1919 a França não mandara mais ninguém!

Esse impasse resolveu-se em parte em 1931, quando foi criada a Prefeitura Apostólica do Alto Juruá e confiada à Província Alemã. Todo o território da nova Prefeitura era desmembrado da Prefeitura Apostólica de Tefé.

Em Dezembro de 1945, já idoso (81 anos) e quase sem padres... Mons. Barrat pediu substituto. E a 12 de Julho de 1946 é nomeado P. Joaquim de Lange, holandês, missionário em Angola, como Prefeito Apostólico. Logo foram nomeados 10 padres novos para Tefé. E a 22 de Abril de 1947 chega P. Joaquim trazendo mais 4 Irmãos. Celebrava-se então o cinquentenário da presença espiritana em Tefé. Uma nova etapa começava.

Em Maio Mons. Barrat retira-se de Tefé. Passa uns tempos no Rio de Janeiro, assumindo até a função de capelão de uma creche-orfanato. Mas no início de 1949 a sua saúde começa a ficar muito debilitada. Decide-se enviá-lo para França, o que acontece em Abril de 1950. Acabou falecendo lá a 29 de Agosto daquele ano.

1.8. Prelazia de Tefé

A 11 de Agosto de 1950, pela Bula "Quem Deo Adjuvante" do Papa Pio XII, a Prefeitura Apostólica de Tefé é elevada a Prelazia e confiada aos cuidados da Congregação do Espírito Santo. P. Joaquim de Lange fica como Administrador Apostólico de 1950 a 1952. A 06 de Julho de 1952, durante o 2º Congresso Eucarístico de Manaus, P. Joaquim de Lange é sagrado Bispo.

A 25 de Outubro de 1957 são ordenados dois padres espiritanos da região: P. Manuel de Lima Cauper e P. Walter de Moraes.

Com mais pessoal e com um território bem mais pequeno, foi possível começar a fazer a descentralização. Por isso, durante o seu governo, as Paróquias chegarão a número de 10. Número que permanece até hoje.

A educação continua a merecer de D. Joaquim toda a atenção. Por isso, juntamente com as Irmãs Franciscanas, em 1958, inaugura a Escola Normal Rural em Tefé, com a finalidade de formar professores e catequistas para o interior.

Em Junho de 1963 é implantado o MEB (Movimento de Educação de Base) com a finalidade de alfabetizar adultos. Para que essa alfabetização chegue até o interior, é instalada a Rádio Educação Rural de Tefé, em 1964. A Rádio serve então para que o MEB possa orientar os seus monitores que estão lá nas comunidades do interior.

Também na linha da educação, a 13 de Junho de 1969, se consegue a insta-

lação do Campus Avançado da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Julho, professores daquela Universidade se deslocam até Tefé para promoverem cursos intensivos, conferindo licenciatura curta. Esse convénio perdurou até Julho de 1996.

A saúde foi também uma das grandes preocupações. Assim, em 1968, foi inaugurado o Hospital São Miguel, em Tefé. E as Irmãs Franciscanas foram encarregadas da sua administração até que foi entregue ao Estado. Mas o povo não cansa de comparar! E sempre acaba elogiando os tempos em que estava nas mãos da Igreja.

D. Joaquim participou e viveu os tempos do Concílio Vaticano II. Foi também participante do Encontro de Santarém (1972), do qual celebramos os 25 anos. O Encontro de Santarém foi importante para a Igreja do Norte, porque foi aí que esta Igreja começou a ganhar um rosto próprio, rosto de Vaticano II e de Medellin (1968). D. Joaquim teve essa graça, como também a responsabilidade de colocar esta Igreja a caminhar segundo os novos rumos.

Dentro dessa linha, em 1972, foi criada a Coordenação de Pastoral que tinha a tarefa de assessorar as Paróquias na formação das Comunidades (Comunidades Eclesiais de Base). Para isso se começou a investir muito na formação de leigos. A equipe da Coordenação saía então pela beiradão fazendo pequenos cursos nas Comunidades.

Em 1974 pode-se dizer que a Prelazia começou a fazer a reforma agrária nas suas propriedades. Assentou famílias nas terras, sobretudo aquelas que foram vítimas da alagação. A princípio dava-se título das terras às famílias, mas depois achou-se melhor dar título colectivo às Comunidades. Assim se evitava a tentação de vender logo o seu pedaço e, sobretudo, vender a quem não precisava.

1.9. Tempos novos e diferentes

A 31 de Julho de 1980, D. Mário Clemente Neto é nomeado Bispo Coadjutor de Tefé. É sagrado a 19 de Outubro do mesmo ano. A 15 de Dezembro de 1982 D. Mário assume o governo da Prelazia, por renúncia de D. Joaquim. Em Janeiro de 1983 D. Joaquim retira-se para a paróquia de Foz de Jutaí, onde assume como Vigário. Aí permanece enquanto a saúde lhe permite. Acaba se retirando para a Holanda em 1990, onde vem a falecer a 14 de Julho de 1992.

Até 1947 foi a era dos franceses, seguindo-se a dos holandeses. A partir de 1985 vão chegando Espiritanos de outras Províncias, uns já trabalhando aqui no Brasil, outros vindos directamente da sua Província de origem. Hoje, os Espiritanos que trabalham na Prelazia são de oito nacionalidades diferentes.

D. Mário iniciou tentando caminhar por duas vertentes: "vencer a dependência" e "caminhar com as próprias pernas".

A partir de 1985 a formação sistemática de lideranças passou a ser uma preocupação constante. Tem-se consciência de que esta Igreja é essencialmente uma Igreja Leiga. Então há que preparar gente para isso. Assim se institucionalizam os cursos para Catequistas de Comunidades Rurais e também para outros cate-

quistas que sejam capazes de animar um grupo de comunidades, a que nós chamamos sector. São os Animadores de Sector.

Para isso se adaptou uma parte do Seminário para funcionar como Centro de Treinamento. Nos últimos anos a Prelazia adquiriu uma construção que pertencera às Irmãs Franciscanas. Foi reformada e hoje é o Centro de Treinamento Irmão Falco. Homenageia assim o Irmão Falco, mestre de obras e que tanto profissional ajudou a formar. Mas também homenageia o Falco dos últimos anos: animador de comunidades, incentivador do agricultor, iniciador da luta de preservação!

A partir de 1991, com a inauguração do Centro Vocacional, tenta-se novamente a formação de um clero local. No momento estamos com cinco seminaristas, sendo que três no Propedêutico, um na Filosofia e outro na Teologia. Se tudo correr bem, em meados de 1998, o Tito será ordenado Diácono.

Uma outra linha de actuação é valorizar cada vez mais o leigo, diversificando os serviços e ministérios. Os missionários, sobretudo pertencendo a Congregações Religiosas, permanecem pouco tempo. Há sempre dificuldade em ter uma "memória histórica" viva. Então os Leigos é que têm de ser essa memória. Por isso se caminha para que os Leigos não sejam meros executores de acções planejadas por Padres ou Irmãs, quase todos vindos de fora. Trata-se então de dar oportunidade para que o Leigo, gente daqui mesmo, possa participar dos órgãos de decisão: concelho da Prelazia, concelho de paróquia, concelho de Comunidade. Esta é a linha seguida a partir de 1983. E assim se vai combatendo a dependência.

Mas tem também a dependência financeira. Para vencê-la, incentiva-se a responsabilidade. Começa-se pelas coisas mais simples, como, por exemplo, levar algum rancho quando vai participar de algum curso ou encontro. Mas também através da implantação do dízimo, tema da Assembleia deste ano de 1997. Mas a preocupação com o dízimo já vem desde 1983.

Na linha da saúde, os dois Hospitais que a Prelazia possuía (Tefé e Carauari) são passados para o Estado. A Prelazia fica apenas com os Agentes Rurais de Saúde (1987) que estão preparados para dar os primeiros socorros lá no interior. Em 1988 a Pastoral da Criança é implantada na área da Prelazia. Funciona com voluntários. Tenta levar vida às crianças, sem precisar de gastar muito dinheiro. Uma experiência que, tanto na Prelazia como no Brasil, está dando certo.

Na linha da luta pela vida está aí a luta pela preservação dos lados. Começou por iniciativa da Igreja. Hoje são os próprios ribeirinhos que conduzem essa luta. Durante muitos anos foi na "cara e na coragem, na marra e na raça". O ano de 1997 é histórico, porque é o reconhecimento da justeza desta luta por parte da Lei e da autoridade.

Nesta luta pela vida vale também destacar a Pastoral Indigenista, preocupação desde 1975. Mas foi na década de 80 que ganhou maior consistência. A partir da então CIMI (Conselho Indigenista Missionário), OPAN (Operação Anchieta) e Igreja Luterana estão trabalhando juntos. No momento são quatro equipes, caminhando junto com os povos indígenas ajudando-os a assumir sua

própria história. As terras vão sendo demarcadas, ainda que muito lentamente; mais povos vão assumindo a sua condição de indígenas; organizações próprias vão surgindo.

No campo da comunicação se destaca a criação da Fundação D.Joaquim. É uma entidade jurídica que engloba a Rádio Educação Rural de Tefé, existente desde 1964, e que está aberta a caminhar por outros campos. No momento tenta-se instalar um transmissor do CANAL REDEVIVA DE TELEVISÃO, que é canal de inspiração católica. A Emissora de Rádio saiu do regionalismo. Hoje ela está integrada na Rede Católica de Rádio (RCR), a maior rede de rádio do país. Além disso, tem convénio com uma outra grande Emissora, a Rádio Bandeirantes.

Mons. Barrat poderá ser lembrado como aquele que fixou a Congregação nesta região. D. Joaquim foi aquele que procurou ir respondendo aos desafios apresentados e com a particularidade de fazer isso em dois tempos: até ao Concílio Vaticano II e depois à luz desse mesmo Concílio. D. Mário poderá ser lembrado como aquele que tenta dar uma base mais sólida a esta Igreja, fomentando sobretudo a formação de lideranças autóctones. A pouco e pouco esta Igreja vai adquirindo um rosto próprio, um rosto amazónida!

2. Vários momentos da festa!

2.1. Alvorada

12 de Julho de 1997!

Antes que o relógio marque meia noite, um toque no sino da igreja é o sinal combinado para que o fogueteiro comece a soltar os foguetes e os rojões! Nessa hora, a Banda do Exército e o coral já estão tomando posições frente às portas do velho Seminário.

Logo que os foguetes começam a estourar, Banda e coral entram em acção. Os Padres abrem a porta de entrada e ficam frente à Banda e ao coral. E as canções se sucedem umas após outras.

Há uma pequena pausa. O P. Cauper, que, a 25 de Outubro próximo, completa 50 anos de sacerdócio, usa da palavra em nome dos Espiritanos. Agradece as manifestações de carinho, que estão apenas começando! No seu improviso desafia os jovens e revela que a maior alegria que poderia ter antes da sua morte seria a ordenação de alguém da terra! Isso ele vai repetir, pelo menos, mais duas vezes em outros pronunciamentos. Quem sabe se Deus vai atender seu pedido!

Mais música, mais canto! O pessoal parece estar bem disposto e sem pressa de acabar! No final todos são convidados a entrar e comer um salgadinho ou tomar um refrigerante!

2.2. Missão! Lá onde tudo começou!

13 de Julho de 1997! 15.00h!

É a hora marcada para dar início à "procissão fluvial", rumo à Missão. É cerca de meia hora de viagem! Vários barcos são colocados à disposição para que o pessoal possa se deslocar até à Missão.

Pelas 16.00h a procissão chega ao seu destino. Lá está a Missão: barranco alto, o casarão, a Igreja, o cemitério. A operação mais difícil é o desembarque! Embora o rio esteja cheio, o local de desembarque é apertado. Mas foi aí, junto à escadaria, que foi colocada a balsa e onde os barcos encostam. Sai uma pessoa de cada vez e toma o rumo da escadaria que foi toda enfeitada, de um lado e do outro. Para facilitar a subida, foi colocado um corrimão de um lado e de outro.

A Banda do Exército lá está pronta para entrar em acção. Aliás o exército se mobilizou não só para garantir segurança, mas também para dar apoio.

Começa a procissão em direcção ao cemitério. Aí é prestada uma homenagem a todos os missionários que lá repousam. Muita gente nova, falecida poucos meses depois de sua chegada a esta Amazónia desconhecida. Vítimas do seu ideal, vítimas do desconhecimento da região!

Logo a seguir tem lugar a Celebração Eucarística. Foi preparada a quadra de esporte para essa finalidade. Um grande palco foi montado debaixo das mangueiras. São 17.00h e o calor já é bem menor!

A procissão de entrada faz-se a partir da igreja paroquial. Lá na frente, abrindo a procissão, vai a coroa do Divino Espírito Santo, Padroeiro da Paróquia. Seguem os concelebrantes. Preside o P. Cauper, ladeado por D. Mário e pelo P. Humberto, Superior Provincial do grupo espiritano. Todos os Padres estão presentes.

A Província de França faz-se representar pelo P. Jean-Michel Gelmeti. Com ele chega também uma equipe de filmagem. Registam as celebrações do Centenário, mas também fazem outras imagens e tomam depoimentos, ficando assim com um material mais completo a respeito da actuação dos Espiritanos por estas paragens.

Presentes também D. José e P. José Carlos, da Igreja-Irmã de Divinópolis. Os dois irão orientar o retiro e curso. Presente também o Geraldo, seminarista da Igreja de Divinópolis e que, para o ano, estará trabalhando aqui connosco e talvez venha a se incardinar na Igreja de Tefé.

O pessoal da Missão esmerou-se no arranjo do local, mas também na Celebração Eucarística. Ela se vai desenrolando com muita calma, valorizando cada momento e sempre com a participação de muita gente. Tudo é feito com muita dignidade e solenidade!

Na homilia o P. Cauper revela mais uma vez os seus dotes de orador. Vai lembrando os missionários passados, sejam eles falecidos ou vivos! Vez por outra pede a colaboração do pessoal para recordar! Outros o fazem espontaneamente. Homenageia as Irmãs de Santa Catarina, Virgem e Mártir, que também celebram 100 anos de chegada a terras brasileiras. Homenageia P. Paulo que está completando 40 anos de sacerdócio, todos eles gastos em favor deste povo! Homenageia os Bispos D. Mário e D. José. Desafia os jovens a buscar ideais mais altos e mais santos! O restante da celebração decorre com muita participação, muita alegria, beleza e emoção.

No final da Eucaristia a Comissão entrega os prémios aos vencedores das actividades desportivas realizadas nesse mesmo dia. Acontece um rápido coque-

tel, porque a hora já vai avançada e o pessoal das embarcações já está meio cansado de esperar! É a volta à cidade!

2.3. Reviver 100 anos de história
16 de Julho de 1997. Quarta-feira, 16.00h.

A Comissão quer todos os Padres na praça da Matriz. Lá está o palanque onde os ex-alunos, Comunidades e Paróquias querem homenagear os Missionários do Espírito Santo. O palanque está todo enfeitado com plantas, ramos de árvores, painéis de artistas da terra.

No palco já estão a postos o coral e os locutores. E a história começa a ser contada! Seguindo a cronologia, os locutores vão se revezando na leitura do roteiro previamente preparado. Para uns é recordar! Para outros é conhecer! Outros se sentem protagonistas. É a história do passado e do presente querendo iluminar o futuro!

Nenhum facto considerado importante é esquecido. Aqui e ali entra uma canção executada pelo coral, uma dramatização, cartazes para ajudar a relembrar e a fixar. Momentos divertidos são lembrados. Lembradas são também as dificuldades e o modo como foram superadas!

Participam alunos das Escolas Municipais e também membros das Comunidades, tanto da cidade como interior. É um número grande de pessoas que se prepararam para a festa ser bonita! O povo mostrou que sabe organizar, recordar, valorizar, agradecer! Foram mais de três horas de apresentação!

Toda essa história fica registrada, não só na memória do povo, mas também em diversas publicações. Uma foi preparada pelos historiadores da terra: Professores Protázio, Januário e Cabrolié. Outra é obra de Raimunda Gil (Dica), grande amiga dos Espiritanos. A terceira é obra do nosso confrade P. António Gruyters. P. António procura olhar a história a partir da paróquia de Santa Teresa de Tefé com olhos críticos. A louvação, o povo faz! Nós queremos sobretudo olhar a história com olhos críticos. Queremos honrar os antepassados! E isso passa pela preocupação em evangelizar com fidelidade a Jesus Cristo e ao homem e à mulher amazonense de hoje. E vamos descobrindo que, se há muito a agradecer, também há motivo para pedir perdão e para buscar outros rumos!

É curioso, mas também é sintomático, que não se faz qualquer referência ao trabalho com os povos indígenas, nem no passado, nem no presente. Falando com o pessoal da Pastoral Indigenista dizem que é o reflexo de terem priorizado o trabalho com os indígenas mesmo! A sociedade envolvente não tem sido trabalhada, a não ser na Semana dos Povos Indígenas, com as Escolas. Mas vejo aí também reflexos do preconceito existente.

2.4. Jantar de homenagem
19 de Julho de 1997. Sábado.

Chegaram hoje alguns convidados: D. Luís, Arcebispo de Manaus; D. Gutemberg, Bispo de Coari; D. Jesus Moraza, Bispo de Lábrea; P. Carlos Henrique e Edson, de Cruzeiro do Sul; P. Miguel Foody, representante dos

Espiritanos Irlandeses. Já haviam chegado P. João Derickx, de Belém, trazendo com ele o P. Possidônio da Mata, diocesano.

Pelas 19.00h, o pessoal vai chegando ao Centro de Treinamento Irmão Falco. São os convidados para o jantar que as "famílias tradicionais" da cidade oferecem aos Padres.

Logo na entrada começam as surpresas! Somos recebidos por uma recepcionista. Esse encontro da recepcionista com o convidado é devidamente filmado. A câmara de vídeo não deixa ninguém sem registar!

Lá dentro, muitas mesas, cadeiras, faixas, música ao vivo! Falam entre 300 e 400 pessoas no jantar! Não contei! Várias mesas estão dispostas em U com travessas de comida! Cada família trouxe alguma coisa. Aí ficou mais fácil organizar! Foi tudo bem preparado e enfeitado. Não foi por acaso que um grupo passou lá toda a tarde a trabalhar!

Há um aperitivo inicial! O jantar ainda demora para começar! Só lá pelas 22.00h! Depois de um longo bate-papo, Bispos, Padres e Irmãs são convidados a ocupar as cadeiras que estão no meio do salão. E acontecem as homenagens! O coral canta; mensagens são lidas; fazem-se discursos; distribuem-se placas!

D. Mário e P. Humberto recebem a placa oferecida aos Espiritanos! É o Prefeito quem entrega. Aproveita também para fazer o seu discurso. E parece que está em campanha eleitoral: faz promessas! Vai cumprir? O tempo o dirá!

Só então começa o jantar! Pratos variados, pratos regionais, preparados pelas famílias em suas casas e já trazidos prontos! Com som ao vivo, no final, alguns não resistem a dar uns passos de dança! Mas onde se viu festa sem dança?!

Gesto simpático, bonito! Aconteceu partilha! Deus queira que essa partilha, sinal da presença do Reino, continue para lá deste dia, para lá desta festa e com muitas outras pessoas!

2.5. Auge e término das celebrações

Domingo! 20 de Julho de 1997!

No jantar de sábado fomos informados, por um político, que o Governador de Estado, Amazonino Mendes, viria a Tefé para almoçar com os Espiritanos. Como ex-aluno do Seminário de Tefé, queria vir para passear nos corredores do Seminário, falar na Rádio da prelazia e almoçar com os Espiritanos!

De fato chegou pelas 11.00h. Visitou o Seminário, foi rezar na Igreja Matriz e almoçou. Durante o almoço foi entrevistado pela Rádio Educação Rural de Tefé.

Havia um certo receio de que pudesse se aproveitar do acontecimento e da presença dos cinco Bispos para melhorar a sua imagem pública. Politicamente, tem passado por uma série de dificuldades! O certo é que almoçou e depois viajou de novo com a sua comitiva.

Pelas 18.00h deu-se a inauguração do monumento construído pela Prefeitura em honra dos Espiritanos. Apresenta o Espírito Santo pairando sobre o globo terrestre. O monumento fica situado em frente do Seminário.

Para a inauguração lá estava a Banda do Exército, o Prefeito Municipal, os

Padres, amigos, curiosos, gente que não sabe direito o que se está passando! Lá estava presente também um deputado estadual que, a toda a hora, tinha que dizer que estava ali representando o Governador!

Pelas 19.30h, na Praça da Matriz acontece a Celebração Eucarística. A praça vai se enchendo com o pessoal das Comunidades que vai chegando. As pessoas se admiram de ver tanto Padre e tanto Bispo juntos!

A entrada é soleníssima. Abrindo a procissão vão diversos símbolos lembrando os Espiritanos, as Irmãs de Santa Catarina, os Pes. Cauper e Paulo. Destaco três cartazes que sintetizavam o que foi feito de mais importante no governo de Mons. Barrat, de D.Joaquim e de D. Mário. Os concelebrantes foram mencionados nominalmente.

A Eucaristia foi presidida por D. Mário, estando ladeado pelos Padres Cauper, Paulo e Humberto. Tal como na Missão, certos momentos são destacados. Lembro apenas a procissão da Bíblia carregada por um casal e acompanhada por um grupo de crianças. Enquanto a Palavra é aclamada, o pessoal vai dançando e mostrando a Bíblia para o povo. A Equipe de Liturgia resolve destacar também o momento da procissão das ofertas.

A Celebração decorre muito bem. A Equipe de Liturgia se esmerou na preparação. D. Mário chama a atenção para alguns detalhes que revelam o gosto e a criatividade das pessoas. Por exemplo: o altar, em vez de toalha, tem artesanato feito de paxiúba; o mesmo tecido se encontra nos bancos, que mais não são do que roletos de madeira, pedaços de tronco de árvore. Há muitas plantas, frutos, faixas, bandeiras, maqueta da casa e da igreja da Missão. Até um presépio lá está montado!

A Missa termina, mas não terminam as homenagens. Logo após a Missa segue-se um acto cultural, na mesma Praça da Matriz.

Luzivaldo e Claudemir, coordenadores da Comissão Organizadora, usam da palavra para homenagear e também para agradecer a todas as Equipes que trabalharam, bem como os que participaram com alguma coisa. Afinal foram vários meses de preparação, de reuniões, de preocupação! No final a Comissão ainda disse: "isso foi pouco; os Espiritanos mereciam muito mais!".

É lida a biografia dos Padres Cauper e Paulo. A eles são prestadas homenagens. Os Professores Protázio e Raimunda Gil fazem a apresentação dos respectivos livros.

P. Edson pede para usar da palavra. O homem se entusiasma e se emociona. Afinal havia muitos anos que não pisava em Tefé. Voltar a Tefé, depois de tantos anos, foi um presente muito grande que recebeu! Está visivelmente emocionado!

Depois passou-se para uma parte mais cultural. Diversos grupos quiseram prestar a sua homenagem com suas danças e brincadeiras. Assim houve quadrilha, dança de índio, toada de boi, dança afro-américa...

E a festa se encerrou pela uma da madrugada. Foram meses de preparação e de preocupação. A Comissão sonhou alto. Não conseguiu realizar tudo o que pensou. Realizou o que foi possível. Mas foi muita coisa. Foi uma semana de fes-

tejo, de homenagens, sempre com muita alegria e criatividade. Foi uma festa de muita gente. Festa dos Espiritanos, das Irmãs de Santa Catarina, dos Padres Cauper e Paulo. Mas festa também dos envolvidos directamente, sobretudo das Escolas Municipais. Festa dos amigos dos Padres e das Irmãs. Manifestação de agradecimento, de carinho, de reconhecimento. Será que Padres e Irmãs mereciam tanto? O povo achou que sim! Foi ele que fez a festa, por vezes até sem o aval dos homenageados!

FRANCISCO VALENTE *

p. carlos estermann grande missionário e etnólogo do sul de angola

Como linguista, o P. Estermann domina perfeitamente o alsaciano, o alemão, em que ele fez os seus estudos; o latim e o grego, matéria dos estudos secundários; o inglês, praticado na Inglaterra durante a guerra de 1914-1918, e o francês, pela passagem da Alsácia para a França depois do armistício, e pelo estudo da filosofia em Neufgrange e da teologia em Chevilly, perto de Paris. Ciência impele à ciência. (...)E que, ser missionário, envolve o conhecimento geral e completo, na medida do possível, dos povos a evangelizar, da vida que levam e do ambiente em que vivem.

1. Dados Biográficos

CARLOS ESTERMANN, aquele que se tornaria na grande figura de missionário e de etnólogo de renome universal, nasceu em Ilfurt, na região do Alto Reno, integrada na Alemanha de então, situada na actual Alsácia, incorporada na França, em consequência do desfecho da Primeira Guerra Mundial. Seus pais, Carlos Estermann e Josefina Jaeger tiveram, seis filhos, tendo este recebido o nome completo do pai.

Depois de frequentar os estudos primários na escola da terra natal, em alsaciano e alemão, matricula-se, por sugestão do professor e do pároco, que nele vis-

* Espiritano. Falecido em 1993 com a idade de 81 anos, dedicou a maior parte da sua vida à acção missionária em Angola. Escreveu vários livros, particularmente sobre o povo umbundu, que revelam uma atenção particular ao domínio cultural e linguístico. Teve concerteza como mestre aquele sobre quem escreve este artigo: O P. Estermann.

lumbravam aptidões para a vida intelectual e religiosa, na escola secundária dos Missionários do Espírito Santo em Saverne, terra onde nasceu um dos fundadores dos Espiritanos, o Venerável Padre Francisco Libermann.

Fazendo jus aos dotes apontados, transita para Knechsteden, na Alemanha, para completar o curso e ingressar na Filosofia, como futuro membro da Congregação do Espírito Santo.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial apanha-o no vigor da sua juventude e após terceira inspecção é integrado nos Serviços Auxiliares de Saúde, no exército alemão.

No decorrer da guerra, ferido em combate, é recolhido por uma ambulância inglesa e levado, como prisioneiro, para a Inglaterra, tratado no hospital de Manchester. Aí entrega-se ao estudo do inglês até ao armistício. Regressa então à Alsácia em Janeiro de 1919 e prossegue os estudos de Filosofia.

Em Setembro do mesmo ano, entra no Noviciado em Neufgrange e a 17 de Setembro de 1920 faz a Profissão Religiosa. Ingressa no Seminário de Teologia de Chevilly, onde é ordenado sacerdote a 28 de Outubro de 1922, pelo Superior Geral de então, Mons. Le Roy, juntamente com outros de que destacamos os portugueses Isalino Gomes, Cosme e Vieira Baião.

Terminada a Teologia, faz a sua Consagração ao Apostolado a 8 de Julho de 1923 e é nomeado para as missões de Angola, distrito religioso do Cubango.

2. Rumo às Missões

Ao findar a Teologia, o P. Estermann tem vinte e sete anos. Os vinte e oito fá-los-á em Lisboa, durante o estágio da espera para o embarque.

Optando pela vida missionária com a sua entrada na Congregação do Espírito Santo, alia aos estudos sacerdotais tudo o que se refere às missões. Atento às conferências dos missionários que passam pelo Escolasticado e às leituras que tratam da vida africana e das missões, sonha em um dia realizar o que ouve e lê.

Fervilha nele o instinto de uma preparação remota, idealizada mas latente. A preparação próxima é-lhe fornecida pelos livros de Mons. Le Roy, superior geral da Congregação a que pertence.

E, insensivelmente, deseja segui-lo na peugada. Tem diante de si relatos como "Au Kilima-Njaro", da vida missionária a cem por cento, "La Réligion des Primitifs" que o lançam para os contactos com povos diferentes, que tinham a sua religiosidade própria, e descobre a existência de raças diferentes como os pigmeus, de que fala Mons. Le Roy.

Um mundo novo que seria o seu.

Como linguista, o P. Estermann domina perfeitamente o alsaciano, o alemão, em que ele fez os seus estudos; o latim e o grego, matéria dos estudos secundários; o inglês, praticado na Inglaterra durante a guerra de 1914-1918, e o francês, pela passagem da Alsácia para a França depois do armistício, e pelo estudo da filosofia em Neufgrange e da teologia em Chevilly, perto de Paris.

Ciência impele à ciência.

E esta predisposição manifesta-se nas conversas do P. Estermann. Em Lisboa, o P. José Maria Antunes não lhe fica indiferente. Com gosto se entretém com o P. Estermann e mais o acicata ainda.

O próprio P. Estermann relembra o resultado destes diálogos:

"No último domingo antes do embarque o veterano sentiu-se impelido a fazer uma recomendação ao novato (Estermann): não deixe de escrever para as revistas e escreva coisa de carácter científico .... Embora eu não pudesse prever estas circunstâncias, ele queria que eu seguisse de algum modo o caminho por ele trilhado".[1]

Um missionário e cientista que arrasta pelo seu exemplo o jovem Estermann, que, mais tarde, no campo da acção, não descuraria os passos de outros grandes vultos, que pediam continuidade.[2]

Incentivos não faltavam ao P. Estermann. É que, ser missionário, envolve o conhecimento geral e completo, na medida do possível, dos povos a evangelizar, da vida que levam e do ambiente em que vivem.

Incógnitas a desvendar para uma orientação pastoral missionária que o P. Estermann levava no coração.

3. A Caminho da Mupa

Destinado às missões do Cubango, em Angola, a pedido do Prefeito Apostólico Mons. Keiling, os três meses passados em Lisboa pelo P. Estermann, podiam dizer-se de estágio para aprendizagem do português e recolha de elementos numa preparação próxima através de leituras respeitantes à vida sertaneja do sul de Angola e dos relatos sobre os cuanhamas, ou do próximo futuro campo de apostolado ... na frase do P. Geraldes.

Em 28 de Dezembro, consegue um lugar no vapor "Ussuma", em companhia dos Padres Manuel Lopes e João Cardona.

Duas semanas sobre o mar, com paragem em Tenenerife e Las Palmas, e aportam em Luanda a 12 de Janeiro de 1924; aqui, os seus dois confrades desembarcam, seguindo ele para o Lobito, onde chega a 13 de Janeiro de 1924.

Nessa data ainda não existia um Procurador, membro da Congregação, nestas paragens. Encarregava-se deste serviço um comerciante de Benguela, amigo das missões. Chamava-se Silva Lopes. Era ele que recebia e hospedava os missionários, quando tinham de aguardar os dias de combóio, que só fazia trajecto do Lobito para o Huambo duas vezes por semana.

Três dias à espera e toma o combóio a 16 de Janeiro, em direcção a Nova Lisboa. Aguardava-o aqui o Ir. Agostinho que o leva de carro até ao Cuando.

Como a festa da Padroeira do Cuando se celebrava no dia 16, o P.Estermann chegou no final da Festa do Imaculado Coração de Maria, Refúgio dos Pecadores.

---

[1] P.Geraldes, Colectânea, 2º vol. Pg.361

[2] Ibidem, "O P. Lecomte linguista", pgs.339-244; "Contribuição dos Missionários do Espírito Santo para a exploração científica do Sul de Angola", pgs. 353-360.

É abraçado por Mons. Keiling na alegria compreensiva de quem vê aumentado o pessoal missionário.

Era o tempo em que não havia pressas e que as horas não contavam.

Dez dias de permanência no Cuando, enquanto Mons. Keiling procedia à visita regulamentar à missão. Finda a visita, recomeça a caminhada, não directamente, mas com as paragens de regra nas deslocações africanas desse tempo.

Saído do Cuando, acompanhado por Mons. Keiling e pelo P. Afonso Krumenacher e com o Ir. Agostinho ao volante, pernoitam na missão do Sambo, para, no dia seguinte, se dirigirem para o Galangue.

Aí aguardam a celebração da festa da Padroeira, 11 de Fevereiro, Nossa Senhora de Lurdes.

Missão poética a de Galangue, com os edifícios alicerçados em pedregulhos desgarrados uns dos outros, como sentinelas à volta de um castelo. Miniatura de solar era o palacete da residência do Prefeito Apostólico, de dois andares, em que o de cima servia de escritório e de dormida. Não faltando as indispensáveis varandas africanas para amortecer o calor do sol durante o dia, e mitigar o frio durante a noite.

Novo compasso de espera, e a marcha, ainda de automóvel, recomeça a 16 de Fevereiro, precisamente um mês depois da chegada a Benguela, a caminho da Vila da Ponte, da ponte construída sobre o rio Cubango, que deu o nome à Prefeitura, e dava agora o nome à Vila. Mais tarde seria Vila Artur de Paiva para voltar a ser denominada, já elevada a cidade, de Cubango.

Tanta morosidade para quem anelava chegar ao seu destino, longe de bulir com os nervos, mais os dominava. Este domínio constitui uma escola para a penetração dos sertões africanos. E o P. Estermann começava a aprender nesta escola.

Sempre o conheci senhor de si, calmo e sonhador em sonhos de acordado numa abertura de olhos para tudo o que lhe despertasse a atenção. Para ele tais andanças e demoras acicatavam o seu estudo. Talvez não tomasse ainda notas, mas a sua memória encarregava-se de conservar toda a novidade que se lhe apresentasse.

Em Vila da Ponte ou no Cubango acaba a civilização, diria o poeta.

Para a frente só a pé ou de tipóia. Farnel bem fornecido para uns dias largos de marcha, com a bagagem repartida por carregadores, sem esquecer armas e munições para aproveitamento de carne no caminho num recurso à caça, ou afugentar qualquer fera inoportuna que lhe vedasse a marcha. Descansando aqui, pernoitando acolá, no meio da selva, em acampamentos previamente assinalados e programados pelo condutor da caravana.

Entre a Vila da Ponte e a missão da Mupa, exactamente uma semana, e a 24 de Fevereiro chegam ao destino. O P. Estermann, em companhia de Mons.Keiling, são saudados pelo P. Devis e o Ir. Silvano.

3.1.Um recuo na História

Se a Mupa se apresentava agora como um oásis no meio da selva, onde não

faltava a Igreja, a residência, e as suas casas funcionais para armazéns, oficinas, o dormitório e a escola para uma tentativa de internato de alunos, difícil fora a penetração e instalação.

Estes aspectos seriam mais tarde focados em artigos da autoria do P. Estermann e que a colectânea averba para a memória.[3]

Como os factos foram em parte vividos por Mons. Keiling e em parte conservados nas Memórias da Congregação, uma palavra sobre os acontecimentos:

"Esta missão do Evale-Mupa, projectada em 1879 pelo P. Duparquet e fundada em 1883 pelo P. Campana, sofreu, como é do conhecimento público, várias vicissitudes. Em 1885, o pessoal foi massacrado pelos indígenas e os bens pilhados. O sino vendido a um boer, encontra-se presentemente, no Munhino. Se ele falasse o que não diria!..."[4]

Em 1890, o P. Lecomte, instado pelo Cardeal Prefeito da Propaganda, resolveu restabelecer a missão em Matadiva, com a ajuda do P. Genié. Novas dificuldades por parte dos turbulentos cuanhamas, sempre de espingardas na mão. Pelo que o local da instalação da missão se desloca mais para o norte, para Oupiakadi. Aí o Irmão Dionísio é varado por uma bala em 1903, por um súbdito de Kavangelwa, soba do Evale. Apesar de tudo, procura manter-se, embora penosamente instalada e mantida com dificuldade, para, em 1912, ser destruída pelos mesmos cuanhamas do Evale.

Reinstalada, resiste até 1916, data em que se fecha por causa da Grande Guerra e das escaramuças entre soldados portugueses e cuanhamas.

Numa tentativa de evitar o pior, Mons. Keiling põe-se a caminho para enfrentar o terrível soba Mandume.

Como, ao descrever esta viagem, assinala certos aspectos do ambiente climatérico do Cuanhama, não resisto à transcrição, para comparar com as impressões que o P. Estermann iria recolher e apresentar mais tarde..

Mons. Keiling estava em Cassinga. Era por volta de 1915. Diz-nos:

"Deixando Cassinga, tomámos um caminho para o Cuvelai. Percorrêmo-lo durante o dia. De tarde, abandonámos o leito do rio e fomos dar a uma mulola, chamada Tchana-tcha-Mpundja. Mulola é uma depressão do terreno, onde acodem as águas no tempo das chuvas, mas que, na presente época, em Janeiro, estava seca. Medíamos a nossa água com todo o cuidado, pois sabíamos que dela dependia a viagem. A 3 de Janeiro chegámos extenuados ao Ndjongo, onde, no tempo ordinário, há sempre água ... Mas, feitas as sondagens, deparámos com todos os poços secos, e foi em vão que, na areia, cavámos uns buracos. De água, nem vestígios.

A 8 de Janeiro chegámos a uma mulola que nos deixou estupefactos com as árvores de fruta silvestre que lhe cobrem as margens. Quanto mais nos aproximamos da Ndjiva, capital do país cuanhama, mais interessante se torna a paisa-

[3] Ibidem, "Sangue Cuanhama", pg. 445; "Vida e aventuras de um soldado", pg. 465.

[4] Bulletin Mensuel de la Congrégation" (B.M.C.), Out. De 1923, pgs.427-428.

gem. Os campos são menos áridos, a erva é mais verde e nos poços não secou a água completamente.[5]

Deparámos com uma lagoa, de água estagnada de duzentos a trezentos metros de comprido por uns vinte de largo, em que os peixes abundam". E, como remate, acrescenta que os peixes não cabiam na rede, de tantos que eram. Estariam na lagoa da Mupa?[6]

Era isto em 1915-1916. Novo local para uma missão? Vem o desastre e só o futuro o dirá.

3.2. Olhos sobre a Mupa

Esse futuro chegou em 1923.

Mons. Keiling não esquece os cristãos que se haviam refugiado em Cassinga e tantos outros que haviam ficado sem pastor. E convida o P. Devis, que era missionário em Oupiakadi e era conhecido no alto Cuanhama, Mupa e Evale a relançar a obra.

O P. Devis, coadjuvado pelo Ir. Silvano, acede e lança-se à construção, auxiliado pelos cristãos que conseguira reunir, idos de diversos locais: 71 famílias cristãs num total de trezentas pessoas.

Em 20 de Outubro de 1923, Mons. Keiling pode escrever para a Casa Geral da Congregação:

"O P. Devis está instalado. Estão erguidas duas casas provisórias ...

Os cristãos reuniram-se à volta da missão e pode dizer-se começada a reocupação do Cuanhama. Entreguei ao P. Devis trinta contos em material, para começar. O resto virá, pouco a pouco. Como os missionários são reconhecidos pelo Governo Português, os Padres receberão 12 a 15 contos anuais. Deste modo a missão pode avançar.

O P. Estermann, logo que chegue, será dirigido para a Mupa".[7]

Em 1925, Mons. Keiling completa ou desenvolve o noticiário sobre a Mupa. Diz:

"O P. Devis conseguiu reunir a antiga cristandade, percorrendo caminhos difíceis, por causa das inundações que assolaram o país.

"O Ovampo é formado por uma extensa bacia entre os rios Cunene e Cubango, bacia que desagua no lago Etocha, no Sudoeste Africano (hoje Namíbia). Quando as chuvas são abundantes, as águas convergem para o Cuvelai, mas tão lentamente que se espalham pela superfície fora, por quilómetros e quilómetros".[8]

Mais tarde, o P. Estermann confirmaria esta observação com o que lhe fora dado ver. Descreve-o sobre o título "A Cheia do Cuvelai", ao qual designa por "*rio periódico*" de perto de duzentos quilómetros de extensão, com caudal bas-

[5] Ibidem, 1925, pg. 266.
[6] P. Geraldes, Colectânea, 2º vol. Pg.394.
[7] B.M.C. 1927, pg.253.
[8] Ibidem, pg.266.

tante volumoso durante seis ou oito meses do ano. No tempo seco forma o seu leito como que uma cadeia de grandes e pequenas lagoas ..." E acrescenta: "Anos de cheia, anos de fartura em comida, pastos e água."[9] Pelo que pude verificar pessoalmente, numa viagem esporádica e só em meia dúzia de dias, posso acrescentar alguns dados colhidos superficialmente e sem a profundidade de um conhecimento de causa:

O povo cuanhama não conhece o que seja uma cordilheira, uma serra e nem sequer um outeiro. O terreno é plano de norte a sul de este a oeste. Qualquer elevação de terreno é um vocábulo que não faz parte do seu vocabulário.

O terreno é constituído por areia à superfície, que encobre uma camada argilosa, assente sobre um filão de pedra calcária.

As águas das chuvas, caindo, detêm-se à superfície e não atravessam a camada pedregosa. Daí as inundações, em que as águas alastram e esperam a evaporação, dado que a infiltração é deficiente.

Em tais condições não existe floresta densa. As árvores são de pequeno porte, dispersas e em mata aberta.

3.3. No Campo de Acção

Transcrevo parte das informações de Mons. Keiling para a sede da Congregação:

"O P.Estermann faz parte da missão da Mupa desde 1924.

Se a evangelização dos Evale, raça saída do Humbi e da Huila, é pouco consoladora, atendendo ao seu caracter refractário à civilização, o mesmo não acontece com o cuanhama típico. Para este se dirigiu o P. Estermann, tendo como transporte uma carroça e sendo bem recebido nos pequenos aglomerados populacionais, constituídos em geral por uma quarentena de palhotas.

Abre-se assim um vasto campo de evangelização. Com o conhecimento da língua e seu aprofundamento por um estudo sério, encontrou a chave da penetração. Se houvesse catequistas capazes, para colocar nas aldeias indígenas, o trabalho avançaria com rapidez. Isto virá com o tempo."[10]

Notícia animadora a respeito de quem começa.

Em 1924 não existia ainda o rádio nem emissoras que chegassem a estas terras do fim do mundo. Distracções, para ocupar os tempos livres, eram desconhecidas num ermo isolado como a Mupa, distante uns bons quilómetros do Evale, posto administrativo e povoação comercial, em que os brancos se contavam pelos dedos de uma só mão.

Se para outros este MUNDO NOVO conduzia ao tédio, o terrível tédio do sertão africano, mormente no Cuanhama, que convidava à indolência, ao abatimento moral e ao marasmo (como alguém que lamentava a sua sorte e excla-

[9] P.Geraldes, Colectânea, 2º vol. Pg. 394
[10] B.M.C. 1927, pg. 253.

mava: "mato, mato! Para qualquer lado que me volte só vejo mato à minha frente!... E andei a estudar eu tantos anos, a estudar para cair neste matagal asfixiante").

Com o P. Estermann tal não acontecia. Ele reflectia: *eis diante de mim as almas que me atraíram e às quais me vou dedicar. Quanto aos estudos, é agora que eu irei servir-me deles para os aplicar naquilo que tenho à minha frente.*

Não importa que, para os primeiros contactos, recorra aos apontamentos deixados pelos Padres Duparquet e Lecomte (este escrevera um esboço de gramática cuanhama e métodos de leitura para os indígenas), e às lições que o P. Devis me dá. Os encontros com os indígenas oferecer-me-ão a possibilidade de penetrar na sua língua em diálogos espontâneos ou provocados. Prudentemente, tentarei desvendar a sua história e conhecer a sua mentalidade e os seus costumes. Falando com eles de homem para homem, desaparecem as barreiras de cor e abre-se o caminho do seu coração.

O Evangelho, que venho anunciar, destina-se a homens concretos. Ao compreenderem que os amo e me interesso por eles, ganhar-lhes-ei a confiança. A confiança deste homem no seu ambiente, no ambiente da sua vida em contacto com a natureza, com os seus animais e com as suas culturas.

A ciência que trago e que aprendi nos bancos da escola concretiza-se aqui. Esta concretização é uma nova ciência que aprendo!

Já não havia lugar para tédio e despertava a paixão. A paixão das almas e do conhecimento do homem no seu todo quanto à pessoa, família, e sociedade.

Com o homem, aos serões, a sua filosofia em fábulas e provérbios.

No ambiente, a constituição da selva, com os nomes das plantas e das árvores primeiro na língua local e depois, cientificamente. Seria a aplicação da recomendação que o P. Antunes lhe dera em Lisboa: tirando apontamentos e formulando esboços para tratados, mesmo em artigos que fosse.

Um apaixonado não conta nem horas nem dias. Os dias parecem-lhe minutos, os anos parecem dias. Quatro anos ocupados na conversão de gentios, na fundação de catequeses, nas viagens missionárias. Mupa era então a única missão católica do Cuanhama. A oeste da Mupa, depara com gente diferente perto das margens do Cunene: os Va-Handa e núcleos de pigmeus. Aborda-os, estuda-os e tenta fazer no seu meio a penetração do Evangelho. Simples penetração porque o tempo se escoa.

(A continuar)

AMADEU GONÇALVES MARTINS *

congregação do espírito santo e do imaculado coração de maria I parte: de poullart des places a libermann

«A consagração da Comunidade e Seminário ao Espírito Santo lembra as origens bretãs de Cláudio e do seu amigo Luís Maria Grignion de Montfort. De facto, no século XVII, a devoção ao Espírito Santo estava florescente na Bretanha, graças à acção de famosos jesuítas, discípulos do P. Lallemant. Existia mesmo uma confraria de padres, dedicada ao Espírito Santo, com mais de mil membros. Esta associação unia no título a Virgem Maria ao Espírito Santo. A influência dos Jesuítas sobre ela pode explicar também as palavras «sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado», acrescentada por Cláudio ao título da fundação.»

1. Cláudio Francisco Poullart des Places

Cláudio nasceu em Rennes (norte de França) em 27 de Fevereiro de 1679, de François Claude e Jeanne Le Meneust. O pai era um dos mais ricos comerciantes

* Espiritano. Exerceu funções de responsabilidade como Provincial de Portugal e Mestre de Noviços em Angola. Investigador apaixonado dos escritos de Libermann e autor de várias obras sobre os Fundadores. Neste artigo o autor propõe-se apresentar alguns elementos históricos sobre a Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria para o período que vai do nascimento de Poullart des Places até Libermann (I parte), e de Libermann até á sua morte (II parte a publicar posteriormente).

da cidade e também advogado de renome no Parlamento da Bretanha. Era de «família nobre».

Quando, porém, em 1668 - tinha então 27 anos - quis apresentar oficialmente os documentos comprobativos da sua nobreza, verificou que não era nobre, mas antes um simples plebeu. Aplicou então os notáveis talentos, de que era dotado, a desenvolver a sua fortuna, com a intenção de recuperar o título, que a família outrora tivera. Talvez tenha sido por isso que só casou depois dos trinta anos de idade. A esposa, também de família antiga, mas pobre, era aproximadamente da mesma idade que o marido.

Na sua infância, o pequeno Cláudio Francisco teve uma educação esmerada, impregnada de piedade. Tinha uma saúde delicada. Nos estudos, a princípio, teve um preceptor. Depois, em 1690, com 9 anos, entrou num célebre colégio dos Jesuítas, na sua cidade natal. Nesse colégio revelou notáveis dotes intelectuais e morais. Ele e os companheiros consagravam uma boa parte do tempo livre à oração, à penitência e a exercícios de piedade.

1.1.1. «Como prémio dos estudos...»

Na idade precoce de 15 anos, Cláudio tinha já acabado todo o programa dos estudos clássicos. Como, porém, todos o achavam demasiado novo para iniciar os estudos filosóficos, os pais enviaram-no para outro colégio, também dos Jesuítas, em Caen, onde seguiria os cursos de «eloquência pública», disciplina para a qual Cláudio parecia particularmente dotado. Como em Rennes, também ali se distinguiu entre os 2.000 alunos do colégio, tanto pela piedade como pelos êxitos escolares.

No fim deste ano lectivo Cláudio, «como prémio dos seus estudos», recebeu as *Obras Completas de Cícero*. O acontecimento ficou imortalizado num retrato de Cláudio, feito a óleo pelo pintor Jean Jouvenet, que então trabalhava na decoração do Parlamento da Bretanha, retrato conservado na Pinoteca de Munich.[1]

Após este ano intermédio, regressou ao colégio de Rennes, onde seguiu, durante dois anos, o curso de Filosofia. Foi então que estabeleceu relações de amizade com Luís Maria Grignion de Montfort, aluno do mesmo colégio, seis anos mais idoso do que Cláudio.

1.1.2. Gostava de companhias e divertimentos

Embora praticasse a mortificação, a ponto de renunciar completamente ao uso do vinho, Cláudio «gostava de companhias e divertimentos». Gostava de viajar, praticava a equitação, a esgrima, o tiro, a caça e a dança. Gostava sobretudo de desempenhar papéis nas peças de teatro, e de dançar nos ballets, para o que tinha real talento...

Um dia esteve mesmo para se dar uma verdadeira tragédia. Quando repetia

[1] Existe uma cópia na Casa Generalícia em Roma, Cahiers Spiritains (CS). Roma: 3 (1977).

o seu papel, uma irmãzinha incomodava-o com as suas traquinices infantis. Aborrecido, Cláudio pega na espingarda, que estava ali, ao lado, e, sem saber que estava carregada, aponta e dispara sobre a irmã.

Felizmente a bala passou entre ela e a mãe, apenas terrificando as duas. Uma outra vez ele mesmo foi atingido por uma bala no abdómen por um companheiro de caça.

Apaixonado por honras e distinções, aplicava-se a sério ao estudo. O seu «êxito no Da Filosofia foi total»: foi o mais bem classificado entre as centenas de alunos do colégio, sendo, por isso, escolhido para defender a 'tradicional tese filosófica', no fim do ano lectivo de 1697, com apenas 18 anos de idade.

O jovem orador conquistou e comoveu o auditório com a clareza e simplicidade das suas respostas, com a extensão dos seus conhecimentos, com o encanto da sua juventude e a graça da sua eloquência Assim se terminava a primeira etapa da vida de Cláudio.

1.1.3. «O grande crime de Cláudio»

No ambiente mundano em que a sua vida se desenrolava, a primeira ideia que tivera de ser padre parece ter-se desvanecido. Satisfeito de si mesmo e dos êxitos alcançados, começa a preparar uma carreira que lhe deparasse a ocasião de obter honras e glória. O pai pensou em o introduzir na Corte de Versalhes. Por isso, Cláudio dirigiu-se a Paris e hospedou-se em casa de amigos da família.

Em breve foi apresentado à Corte, cujo brilho lhe causou profunda impressão. Todavia, o pai não queria que ele ficasse no círculo restrito da Corte. Tinha ambições mais altas: fazer dele um grande advogado. Por isso, no começo de Outubro de 1697, Cláudio Francisco partiu para Nantes a cursar a Faculdade de Direito.

Outubro de 1697, Cláudio Francisco partiu para Nantes a cursar a Faculdade de Direito

Na viagem a cavalo para esta cidade, julgou-se ofendido pelo cocheiro, a quem feriu num braço com a espada. Foi feita queixa ao juiz criminal, mas o pai conseguiu, com uma boa soma de dinheiro, que o lesado retirasse a queixa. Parece ter sido este o «grande crime», de que, mais tarde, se censurará.

1.1.4. A toga de advogado

Munido da sua licenciatura em Direito, Cláudio regressou a Rennes.

Os pais prepararam-lhe uma grande festa, julgando ter o filho posto completamente de parte a ideia de ser padre, que em tempos tivera, e se conformaria assim plenamente aos seus desejos de o verem advogado no Parlamento da Bretanha. A mãe tinha-lhe mesmo preparado uma toga. Cláudio para lhe dar uma certa satisfação, vestiu-a: mirou-se demoradamente ao espelho; mas, com voz comovida, declarou que jamais a usaria e que rejeitava a perspectiva de vir a ser um homem de leis.

após ter feito um novo retiro

Não podia Cláudio entrar no jogo dos pais, por si descoberto. Ficou, pois, em casa durante um ano, a assistir o pai nos negócios. Em seguida, após ter feito um novo retiro, seguiu o parecer do seu director de consciência e optou pelo sacerdócio.

optou pelo sacerdócio.

Fez então – estamos em 1701 – novo retiro durante o qual escreveu os dois primeiros escritos que temos dele: *Réflections sur les vérités de la Religion, formées dans une retraite, par une âme qui pense à se convertir* e *Choix d'un état de vie - Reflexões sobre as verdades da Religião, feitas num retiro, por uma alma que pensa em se converter* e *Escolha de um estado de Vida*[2].

1.1.5. No Colégio de Luís-o-Grande

Para cortar mais radicalmente com o passado e com a família, resolveu Cláudio ir estudar teologia longe da casa paterna, em Paris. Como a Sorbona estava então imbuída de Jansenismo e ele procurava mais a formação moral e espiritual do que a ciência teológica, não procurou a Universidade: escolheu antes o Colégio Luís-o-Grande, dirigido pelos Jesuítas, frequentado por mais de 3.000 alunos, dos quais 450 internos.

Pelo facto mesmo, Cláudio renunciava à obtenção do doutorado em teologia, pois só a Sorbona conferia esse título. Ora, como este diploma era a porta de entrada para qualquer carreira eclesiástica, a decisão de Cláudio causou sensação nos salões parisienses. Ele, porém, não se preocupou com isso. Deus tinha-se tornado definitivamente o centro da sua vida; cada dia que passava o deixava mais unido ao Senhor pela oração.

Deus tinha-se tornado definitivamente o centro da sua vida

Nesta conversão parece ter exercido grande influência a leitura da vida do P. Miguel Nobletz, missionário bretão, falecido uns cinquenta anos antes. Como Cláudio, também este padre tinha estudado nos Jesuítas; como ele, tinha sido escolhido para defender a tese no fim dos estudos filosóficos; tinha a mesma devoção a Maria; e, como ele, tivera também a tentação de puxar da espada num momento de cólera. Nobletz aconselhava fortemente o desprezo das honras e, mais precisamente ainda, o desprezo da inclinação para a ambição e a glória, contra a qual Cláudio teve tanto a lutar.

1.2. Os limpa-chaminés de Paris

Ao mesmo tempo que crescia a austeridade de Cláudio para consigo mesmo, crescia a sua caridade para com os outros, sinal manifesto de autêntica virtude. Em breve a sua atenção foi atraída pelos pequenos limpa-chaminés, idos para Paris, a fim de ganharem algum dinheiro para sustento das suas famílias.

1.3. Estudantes eclesiásticos pobres

Uma vez clérigo pela recepção da tonsura, em Agosto de 1702, Cláudio nota que um bom número de estudantes eclesiásticos estão tão abandonados como os limpa-chaminés.

Naquela época os aspirantes ao sacerdócio seguiam os estudos na

[2] CS. 16, 11-36 e 37-52.

Universidade; mas, de ordinário, eram livres de viver como quisessem, até às proximidades da ordenação. Só então eram admitidos num seminário para alguns meses ou semanas de preparação. Para muitos deles a subsistência era precária.

Com a aprovação do seu director, Cláudio começou a ajudar discretamente alguns, com as economias feitas na mensalidade que os pais lhe enviavam. Mas em breve foi mais longe, dando-lhes o alimento que o Colégio lhe servia, e contentando-se pessoalmente com os restos da mesa dos Jesuítas.

Não pensava ainda, de modo nenhum, numa nova fundação. Como referiu mais tarde, tratava-se então apenas de acolher quatro ou cinco estudantes pobres e tentar auxiliá-los discretamente. Pouco tempo depois, outras pessoas se interessaram pela sua acção de benemerência e começaram a ajudá-lo. O ecónomo do Colégio autorizou-o a dispor de tudo o que sobejasse das 600 refeições servidas diariamente na casa.

1.4. Fundação do Seminário do Espírito Santo

Ao mesmo tempo que crescia o número dos estudantes dele dependentes, Cláudio sentia necessidade de alimentar também as almas dos seus beneficiados; a muitos deles faltava lamentavelmente a formação espiritual. Depois de ter alugado uma casa na rua des Cordiers, escolheu uma dúzia deles e, como refere um antigo documento:

Comunidade e Seminário consagrados ao Espírito Santo

"no domingo do Pentecostes de 1703, 27 de Maio, o Sr. Cláudio Francisco Poullart des Places..., então simples aspirante ao estado eclesiástico, começou o estabelecimento da dita Comunidade e Seminário consagrados ao Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado[3]".

Crê-se que Cláudio terá preparado o pequeno grupo com o comentário do texto «enviou-me a levar a Boa Nova aos pobres».

1.4.1. Porquê consagrados ao Espírito Santo?

A consagração da Comunidade e Seminário ao Espírito Santo lembra as origens bretãs de Cláudio e do seu amigo Luís Maria Grignion de Montfort. De facto, no século XVII, a devoção ao Espírito Santo estava florescente na Bretanha, graças à acção de famosos jesuítas, discípulos do P. Lallemant. Existia mesmo uma confraria de padres, dedicada ao Espírito Santo, com mais de mil membros. Esta associação unia no título a Virgem Maria ao Espírito Santo. A influência dos Jesuítas sobre ela pode explicar também as palavras «sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado», acrescentada por Cláudio ao título da fundação.

Os Jesuítas, não o esqueçamos, foram os seus mestres e guias durante meia

[3] Cf Temoignage (Testemunho) de Pierre Thomas, um dos primeiros condiscípulos de Poullart des Places e que esteve presente no dia da fundação.

dúzia de anos. Eles tinham estabelecido confrarias marianas para os alunos dos seus colégios e eram ardentes propagandistas da devoção à Imaculada Conceição.

O pequeno estabelecimento da rua des Cordiers em breve se tornou insuficiente. Por isso, pelos fins de 1705, Cláudio transferiu o seu seminário para a Rue Neuve Saint-Étienne (actual rue Rollin), a dez minutos (a pé) do Colégio Luís-o-Grande. O novo estabelecimento podia albergar uns 60 alunos.

1.5. Poullart des Places e Grignion de Montfort

Pouco tempo depois de Cláudio ter iniciado os estudos teológicos, a sua amizade com Luís Maria aumentou. Em 1702 o santo missionário foi de novo a Paris e retribuiu a visita ao seu amigo de Rennes. Pensava ele então organizar a obra das missões e retiros na França rural, para nela avivar a prática religiosa. Precisava, para isso, de colaboradores. Cláudio, com o seu notável talento de orador, parecia-lhe indicado para o ajudar na realização deste projecto.

Trocaram ideias sobre o assunto e pediram a Deus que os guiasse. Cláudio, por fim, teve de confessar ao seu amigo que não se sentia pessoalmente chamado a pregar missões. Todo o seu tempo devia ser consagrado a fornecer a futuros padres cama e mesa, ao mesmo tempo que uma formação de qualidade, tão necessária à sua sublime vocação. Fez-lhe, todavia, uma promessa:

Se Deus me conceder a graça de triunfar, você pode contar com missionários.

"Se Deus me conceder a graça de triunfar, você pode contar com missionários. Eu preparar-lhos-ei e você empregá-los-á. Assim ficaremos ambos satisfeitos[4]".

Luís Maria regressou a Paris e, em 1703, lançou os fundamentos da Congregação das Filhas da Sabedoria. Depois da Páscoa voltou à Capital, onde talvez tenha assistido à cerimónia da fundação, no dia do Pentecostes.

1.6. Ordenação sacerdotal e morte do Fundador

Ao mesmo tempo que se ocupava do Seminário, Cláudio continuava a preparar-se para a sua ordenação sacerdotal, que adiava continuamente, por não se julgar devidamente preparado para tão grande dignidade. Durou isto três anos, tendo sido ordenado presbítero só em 17 de Dezembro de 1707. Menos de dois anos depois, em 2 de Outubro de 1709, Deus chamou-o a receber a recompensa eterna, após um dos invernos mais rigorosos que a França já sofrera, seguido de fome.

ordenado presbítero só em 17 de Dezembro de 1707

As preocupações de Cláudio haviam crescido enormemente. Enfraquecido pela penúria e penitência, não conseguiu resistir a uma pleurisia e infecção intestinal que o atacou.

Dele poucos documentos nos ficaram, mas ficou-nos um de inapreciável valor: a obra por ele fundada. Entre os fundadores de seminários ou congrega-

[4] Cf. Charles Besnard, *Vie de Louis Marie Grignon de Montfort*,1770, Livre 5° (vol.1), 'Le Séminaire du Saint-Esprit à Paris' Centre International Montfortain, Rome, 1981, 282.

ções, Cláudio Francisco Poullart des Places ocupa um lugar à parte. Foi ele, sem dúvida, o mais jovem de todos os fundadores. Tinha apenas 24 anos, quando fundou a sua Congregação.

Cláudio Francisco Poullart des Places ocupa um lugar à parte

o mais jovem de todos os fundadores

2. OS OUTROS SUPERIORES GERAIS

Nos documentos conservados nos arquivos da Congregação do Espírito Santo, até à fusão com a do Santíssimo Coração de Maria em 1848, é constante a distinção entre «Seminário do Espírito Santo» e «Comunidade do Espírito Santo». Esta era constituída pelos «Messieurs les Supérieurs» (os Srs. Superiores), também chamados «Associados», que tinham como tarefa formar padres segundo o fim específico da Congregação.

Os associados foram sempre em número reduzido, apenas os necessários para assegurar a vida e direcção do Seminário. Assim se explica que nunca tenham excedido simultaneamente a vintena. Do P. Bouic, sucessor de Jacinto Garnier, se diz que, embora tenha governado a Congregação durante 53 anos, admitiu apenas 16 associados durante o seu longo mandato, tendo o cuidado, parece, de não agregar mais que os necessários, a fim de conservar o espírito da primeira fundação[5].

Conseguiu o seu objectivo. Os superiores do Seminário (director e seus ajudantes) alcançaram, pela sua virtude e bom espírito, a simpatia e a admiração de toda a gente.

Os superiores do Seminário (director e seus ajudantes) alcançaram a simpatia e a admiração de toda a gente

"O Arcebispo de Paris – escrevia um dos seminaristas, de nome Poitier – estima-os muito (...). São consumados na virtude, cheios de sabedoria e prudência... São estes os testemunhos que deles dá toda a cidade de Paris"[6].

O sucessor imediato do P. Poullart des Places foi um dos seus mais íntimos colaboradores, Tiago Jacinto Garnier, então simples diácono, que faleceria poucos meses depois, em Março de 1910.

A este seguiu-se o P. Luís Bouic, coadjuvado por Pierre Caris, Pierre Thomas, assistentes, e Michel David, Jacques Lars, François Becquet, Jaques Duflos, Pierre Gérard e Nicolas Foisset, conselheiros.

"O seu desapego..., o espírito de pobreza em que vivem, - o testemunho é ainda do seminarista Poitier - ... a sua caridade para com o próximo..., a solicitude das maiores casas de Paris em secundar os seus caritativos desejos, são provas mais que convincentes de que todos estes ternos pais dos pobres eclesiásticos são verdadeiros ministros do Senhor e exactos cumpridores das máximas do Evangelho[7]".

2.1. P. LUIS BOUIC

Luís Bouic era um diácono da diocese de Saint-Malot; «digno superior» lhe

[5] Cf. Arquivos da casa-Mãe (ACM) – *Dossier Bouic*. Paris.
[6] Ibid, *Lettres de M. Potier*.
[7] Ibidem

chamaria o seminarista Poitier, já citado e que continuaremos a citar e que um dia viria a ser vigário apostólico no Extremo-Oriente.

"O P. Bouic associou ao governo da Congregação o P. Pierre Caris, que fora recebido e escolhido pelo próprio Poullart des Places, em 11 de Outubro de 1704.

Homem de virtude eminente, foi-lhe, no entanto, preferido o diácono Bouic na sucessão de Garnier, devido certamente à sua capacidade administrativa[8]".

Um dos grandes méritos do P. Bouic foi ter obtido do rei Luis XIV as 'Cartas Patentes' de 1726, pelas quais o Rei: "louva, aprova e confirma a Comunidade, chamada do Espírito Santo e da Imaculada Conceição, permitindo-lhe adquirir, possuir, etc.[9]"

Graças a estas «Cartas Patentes» e a um legado de 44.000 francos, o P. Bouic pôde comprar o terreno e mandar construir uma grande parte da actual Casa-mãe na rua Lhomond, em Paris.

Foi também ele que compôs as Regras da Congregação, baseando-se nos Regumentos deixados por Poullart des Places, e que mais de uma vez mereceram os elogios da Santa Sé.

Relativamente a estas Regras da Congregação, propostas à aprovação da Santa Sé em 1821, escrevia o P. Marzetti, consultor da Propaganda:

"Depois de maduro exame dos sobreditos Regulamentos, além de os termos achado plenamente aptos para formar um bom missionário, quer sob o ponto de vista religioso, moral e científico, quer no que diz respeito à vida pobre e mortificada que neles se ensina, quer enfim quanto à actividade laboriosa no que concerne à prática da caridade no ministério apostólico, confessamos que não encontrámos a menor mancha que possa embaciar o bem e a sabedoria que eles apresentam.

A estes méritos intrínsecos é necessário juntar também o de ter fornecido muitos valentes missionários e digníssimos bispos saídos deste piedoso estabelecimento[10]".

O braço direito do P.Bouic para a manutenção do Seminário, que, quase desde o princípio tinha umas 70 ou 80 pessoas, foi o P. Caris, que "fazia frequentes caminhadas a pé pelas ruas de Paris, para conseguir provisões[11]".

O P. Bouic de tal modo se identificou com a Congregação que, em certos meios, «Bouics» tornou-se sinónimo de «espiritanos». Faleceu em 1763, depois de ter sido confirmado no cargo de superior da Comunidade, por unanimidade de votos, a última vez em 18 de Julho de 1760[12]. Governou-a durante 53 anos.

2.2. P. FRANCISCO BECQUET

Ao P. Bouic sucedeu o P.Becquet, associado ao «Corpo da Comunidade e

[8] Ibidem
[9] Ibidem.
[10] Ibidem.
[11] Arquivos da propaganda Fide (APF). Roma.
[12] APF – *Notices Traditionnelles du Séminaire Du Saint-Esprit*.

Seminário em 1 de Junho de 1735». Eleito superior em 4 de Fevereiro de 1763, governou a Congregação até à morte, sempre reeleito por períodos de três anos.

A obra material por ele realizada foi sobretudo a grande reparação e ampliação da casa e a construção da actual capela da Casa-mãe, na rua Lhomond, Paris.

Uma carta escrita pelo seu sucessor à Propaganda Fide, aquando da sua morte, dá-nos os principais traços da sua vida:

"Trabalhava na Comunidade, havia já mais de sessenta anos. Governou-a durante vinte e seis.

Unindo um zelo infatigável a uma fortíssima saúde, encheu a sua longa carreira de uma multidão de boas obras. Mas o seu objectivo mais querido era a propagação da fé. Na recepção do presbiterado tomara compromissos com os Padres das Missões Estrangeiras, para ir pregar o Evangelho nas Índias Orientais.

Os seus talentos para o ensino, porém, levaram os superiores de então a conservá-lo, dizendo-lhe que seria mais útil para a Religião, ficar na França a formar missionários, do que consagrar-se ele próprio às Missões.

Desde então nunca mais deixou de fazer tudo o que pôde para conseguir bons padres em toda a parte da terra. Tendo a Congregação sido encarregada especialmente das missões de Caiena e da Guiana francesa, é incrível como ele aceitou, numa idade já avançada, penas sem conta, para formar e bem escolher os indivíduos que julgava aptos, sem nada desleixar na vigilância para o bom andamento do Seminário. Isto mereceu-lhe os sinceros pesares, aquando da sua morte, do Arcebispo e de todas as pessoas de bem [13]".

2.2.1. P. Bequet, modelo de virtude

Vários documentos que dele possuímos apresentam-no-lo como figura extremamente simpática e de extraordinário valor, a confirmar o que dele escreveu o P. Duflos. Um documento dos *Arquivos da Propaganda Fide*, (*Istruzioni per Monsignore Dugnani*, de 24 de Maio de 1785) diz-nos dele o seguinte:

"O P. Becquet é o superior deste Seminário, e é um sujeito digno, que mereceu os elogios e a assistência do Ex.mo Doria – núncio anterior – a favor daquele Seminário[14]".

A Congregação da Propaganda, em resposta à carta do P. Duflos, escrevia também:

"Esta Sagrada Congregação sentiu muitíssimo a perda inesperada da digna pessoa do P. Becquet, zelosíssimo Superior desse Seminário. Participo na sua dor de se ver privado duma pessoa que, em todas as ocasiões, mostrou sabedoria, prudência e vigilância singular na procura do maior bem das sagradas Missões[15]. Por sua vez *Notices Traditionnelles sur les Supérieurs du Séminaire du Saint-*

[13] ACM

[14] APF – *Lettere*.

[15] Ibid - *Lettere e Decreti*. 246, 266-270.

Esprit dizem dele:

"Era um homem muito sacrificado... Tinha sempre um humor alegre, embora de ar severo; era fecundo em boas palavras; bom para com os alunos, tendo sempre alguma coisa de agradável a dizer-lhes... Foi para todos um modelo de virtudes, até à morte, ocorrida em 27 de Outubro de 1888, com a idade de 83 anos[16]".

2.3. P. TIAGO DUFLOS

Na sua carta à Propaganda, já atrás citada, o P. Duflos escrevia de si mesmo:

"Não tenho, sem dúvida, nem os talentos nem as virtudes do P. Becquet, mas sou igualmente dedicado à Santa Sé, tão respeitosamente dedicado quanto ele o podia ser, e procurarei imitar o seu zelo pelas Missões". O P. Duflos tinha sido íntimo colaborador do P. Becquet.

"Tinha talentos raros para a direcção das consciências nos caminhos interiores... Tinha uma alma terna e compassiva, sobretudo para com os seminaristas [17]".

Para ser admitido no Seminário do Espírito Santo recorreu a um santo estratagema. Como nele só eram admitidos os pobres e ele era rico, vendeu tudo o que tinha, deu-o aos pobres e pediu então a admissão[18].

Assistiu durante a Revolução Francesa à derrocada do seu Seminário, de que foi desapossado pelos revolucionários, mas onde conseguiu continuar a viver até à morte, em quarto alugado aos novos proprietários. A Congregação foi suprimida.

Sofreu da gota desde os vinte anos, tendo cegado completamente nos últimos anos da sua vida. Faleceu em 1803, tendo-lhe sucedido o P. Bertout[19].

2.4. P.BERTOUT, RESTAURADOR DA CONGREGAÇÃO

Do P. Bertout escreveu *L'Ami de la Réligion* em 19 de Janeiro de 1833:

"São poucos os homens cuja vida tenha sido mais cheia que a do P. Bertout, e o ardor com que trabalhou, durante vinte anos, em ressuscitar uma obra tão útil à Religião seria, sozinho, título suficiente para recordar a sua memória[20]".

Não tendo podido partir para as Missões da Guiana, campo de apostolado que, em 1778, lhe fora destinado, a ele e ao P.Deglicourt, foi colocado como professor no Seminário de Meaux, que havia sido confiado à Congregação[21].

Na época da Revolução desempenhava as mesmas funções no Seminário do Espírito Santo de Paris.

Em 10 de Setembro de 1802 dirigiu-se para a Inglaterra... Tendo aprendido

---

[16] Ibidem.

[17] ACM - *Notices Traditionnelles sur les Supérieurs du Séminnaire Du Saint-Esprit.*

[18] Ibidem.

[19] CS. 7, 9.

[20] Ibidem e ACM - *dossier Bertout.*

[21] CS. 7.

o inglês, soube tornar-se útil no exercício do santo ministério...Quando a calma regressou à França, também ele pôde voltar à pátria, juntando-se ao P. Duflos, seu tio. Tendo este falecido no ano seguinte, o P. Bertout sucedeu-lhe muito naturalmente.

Desde então o seu pensamento constante foi restaurar o Seminário, para o que foi necessário todo o seu zelo e perseverança. Finalmente, um decreto imperial, de 23 de Março de 1805, restabeleceu o Seminário do Espírito Santo, mas por pouco tempo, pois, em consequência das suas desavenças com o Papa, Napoleão Bonaparte, irritando-se cada vez mais, voltou atrás e deitou por terra tudo o que parecera ter querido restabelecer: em Setembro de 1809 suprimiu de novo os Padres do Espírito Santo.

2.4.1. Novo restabelecimento legal

O regresso do Rei restituiu a esperança ao P. Bertout, que fez novas tentativas para o restabelecimento do Seminário[22].

Foi da rue du Bac, n.120, que em 28 de Julho de 1814 escreveu ao Cardeal Prefeito da Propaganda: "Como o Rei pede missionários, da minha parte peço que 'sejamos restabelecidos legalmente, nos restituam a nossa antiga casa', e nos dêem os fundos necessários para podermos preparar missionários. A Providência virá em nosso auxílio[23]".

As esperanças do P. Bertout não ficaram confundidas. «Uma ordenança real de 3 de Fevereiro de 1816 restabeleceu a Congregação do Espírito Santo[24]».

Do P. Bertout escreveu o Cardeal Fesch, sobrinho de Napoleão, no seu Memorial *Per sistematizare le Missioni Francese - para organizar as Missões Francesas*:

"Há dez anos que se trabalha no restabelecimento deste Seminário. O excelente P. Bertout não se poupou nem penas nem cuidados, para abrir, como por empréstimo, um seminário menor em Paris e crê-se que o conseguiu; mas de que meios não teria ele lançado mão para restabelecer definitivamente a sua Congregação, sobretudo se devessem confiar-lhe, e acrescentá-las às antigas, missões ainda mais extensas que as outras Colónias francesas?![25].

"Os gigantescos esforços do P. Bertout para reaver o Seminário foram coroados de êxito. Pôde consegui-lo em 1819, mas só em 5 de Dezembro de 1822 é que conseguiu reentrar nele, após a sua evacuação pela Escola Normal recentemente suprimida[26]".

Apesar das dificuldades, de 1817 a 1833 o P. Bertout enviou ao todo 97 padres para as ilhas deles carecidas. Com a revolução de 1830 o Seminário dispersou-se. O Governo retirou-lhe todos os fundos e a casa ficou deserta. No

[22] APF.
[23] ACM - *dossier Bertout*.
[24] APF.
[25] ACM - *dossier Bertout*.
[26] Ibid.

entanto, logo em 1831, o venerando Superior recebeu um pequeno grupo de candidatos[27].

Fortemente atacado da gota nos últimos anos da sua vida, como o tio, o piedoso ancião faleceu na noite de 9 para 10 de Dezembro de 1833. Poucos homens deixaram lembranças mais ternas nos que o conheceram. Tinha um coração excelente, um sentido recto, um zelo puro, um apego profundo à obra a que se consagrara, uma constância incrível em a fazer viver. Toda a sua vida foi consagrada a Deus e ao próximo.

O P. Bertout partiu desta vida com um profundo desgosto: a sua casa, emprestada ao Hospital Militar durante a epidemia de cólera de 1830, continuava ocupada depois da epidemia e havia o perigo de não mais ser restituída.

2.5. P. AIMABLE FOURDINIER

"Ao P. Bertout deram como sucessor o seu parente e amigo P.Aimable Fourdinier, que, havia já quinze anos, estava associado aos seus trabalhos, animado dos mesmos pontos de vista[28]".

A primeira preocupação do P. Fourdinier, herdada do tio, para poder prosseguir a tarefa de formar missionários para as Colónias[29] foi a evacuação do Seminário, ocupado pelo Hospital Militar. Nas suas cartas à Propaganda Fide dá quase sempre informações sobre a evolução do assunto.

"A questão da nossa casa está sempre na mesma. – escrevia em 13 de Março de 1933 – Recusei a troca que me fora proposta e declarei que não daria a nossa casa senão pela força. E não creio que queiram utilizá-la[30]".

Só em 23 de Setembro de 1834 é que o P. Fourdinier teve a satisfação de escrever ao Card. Prefeito da Propaganda:

"As minhas esperanças realizaram-se: a casa foi evacuada em 20 deste mês. Estou agora em discussão quanto ao restabelecimento dos lugares tais quais estavam; espero que a Providência nos será favorável[31]".

Todavia, quase um ano depois, a casa ainda não podia ser utilizada.

"Até agora não pudemos ainda ter o uso da nossa casa... Ainda não recebemos nenhum auxílio do Governo... O nosso único meio de subsistência são as esmolas[32]".

Finalmente, em 30 de Janeiro de 1936, o P. Fourdinier escrevia:

"O nosso Seminário começa a restabelecer-se: temos 17 teólogos, mas o Governo ainda não nos dá qualquer auxílio; manda-nos esperar para o próximo

---

[27] Ibid.

[28] «As Colónias francesas», no contexto são as ilhas de Bourbon (actual Reunião), Guadalupe e Martinica e mais algumas terras ultramarinas sob administração francesa.

[29] APF - *Collegi vari* (CV.). I, 456–458.

[30] APF - *America-Antille*. V, 864–865.

[31] Em 05/08/1835, cf., APF - *Isole dell'Oceano Australe*. 2, 524-525.

[32] APF - *África-Angola*. 6, 424. "Nunca ninguém que tenha confiado no Senhor ficou confundido".

ano; enquanto esperamos, contamos com a Providência: «Nullus speravit in Domino et confusus est - ninguém que tenha confiado no Senhor ficou confundido»[33]".

Em 22 de Fevereiro de 1837 o número de alunos era de 26. "Esperamos que o Governo nos dê fundos para termos um número maior[34]".

Todavia, só em 7 de Janeiro de 1840 é que o P. Fourdinier se refere ao aumento desses fundos: "O Governo quer que este ano nos ocupemos a sério da instrução dos Negros das Colónias... Dá-nos fundos para manter 60 alunos no nosso Seminário... Neste momento temos 36 em teologia. O Ministro e nós, cada qual escreveu uma carta aos nossos Bispos de França, para os levar a contribuir para a instrução dos Negros, enviando-nos padres, ou então alunos para o nosso Seminário[35]".

De facto, o número de alunos ia crescendo. Em Janeiro de 1839 eram 29 em Teologia; em Março de 1840 eram 40, e em Dezembro de 1841 eram 46.

2.6. Um título glorioso

A finalidade do Seminário do Espírito Santo era:

"Formar bons padres, zelosos, laboriosos, capazes e desinteressados, que exercessem de boa vontade os empregos eclesiástticos mais penosos e menos procurados, tais como serviços nos hospitais, missões, vigararias e paróquias da província, seminários e outros empregos para os quais os prelados dificilmente encontram sujeitos para os preencher[36]"

Para tal era necessário desenvolver nos seminaristas o espírito de pobreza, o zelo, amor ao trabalho, a renúncia. Os Superiores do Seminário conseguiram-no. Não devemos, pois, admirar-nos de que, ao sair do Seminário, os padres nele formados imediatamente encontrassem emprego, pois "um bom padre é um tesoiro que todos desejam possuir[37]".

Os padres formados no Seminário do Espírito Santo começaram por se ocupar, como já foi referido, das funções eclesiásticas mais penosas e menos procuradas, nas paróquias rurais mais humildes de França, nos seminários.

Acerca destes padres escreveu, entre 1731 e 1734 o P. Luis Bouic que governou a Congregação durante 53 anos:

"Já formámos um grande número de padres, que trabalham com zelo e edificação... Todos os dias nos chegam excelentes testemunhos de que a maior parte deles vivem com a máxima edificação e trabalham com fruto na salvação das almas. Há vários que, em menos de três anos restabeleceram em numerosas paróquias a catolicidade, a piedade e a frequência dos sacramentos[38]".

---

[33] APF - *Collegi Vari*. 47, 478-479.

[34] COULON, P., *Libermann 1802-1852. Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris. Cerf. 1988. 802 - 803.

[35] Ibid.

[36] APF - *Lettere e Decreti*. 246, 266–270 e cf., COULON,P., *Libermann*. op. Cit, 802.

[37] Citado por COULON, op.cit.,802.

[38] APF - *America-Antille*. 2, 44.

As referências à estima pelo Seminário do Espírito Santo são frequentes nos documentos da Santa Sé. Numa *Istruzione per Mgr Dugnani, nuovo Nunzio di Francia*, a Sagrada Congregação da Propaganda escrevia em 24 de Maio de 1775:

"Em Paris há 2 seminários notáveis, que têm dossier na Propaganda: são o Seminário das Missões Estrangeiras e o Seminário do Espírito Santo [39]".

Por seu lado, já em Abril de 1764, o Núncio em Paris tinha escrito ao Cardeal Prefeito da Propaganda, a propósito do plano de substituir os religiosos missionários das colónias francesas da América por padres do Seminário do Espírito Santo:

"Pedi ao sobredito Duque (de Choiseul) que houvesse por bem escolher para as missões padres de mérito autêntico, quanto a doutrina e bom exemplo, e tendo-me ele respondido que contava ir buscá-los a este Seminário do Espírito Santo, creio que teríamos sobeja razão para ficar satisfeitos, sempre que esta ideia fosse posta em execução[40]".

Em documento de 15 de Outubro do mesmo ano, o mesmo Núncio escrevia a propósito do mesmo projecto: "Suponho que o Ministério de Versalhes está decidido, como parece, a não mais se servir do concurso dos religiosos nestas regiões[41]". Os Padres do Espírito Santo não constituíam então congregação religiosa.

É certo que a escolha dos Eclesiásticos do sobredito Seminário não podia ser melhor; é mesmo em si excelente; sendo este Seminário obrigado, por sua própria natureza, a fornecer os sujeitos necessários às missões, os quais, por conseguinte, além de serem muito piedosos e bem instruídos nos estudos próprios a uma tal obra, são formados de modo a levar vida sóbria, modesta e laboriosa[42].

Este projecto recebeu um começo de execução em 1778, quando foram confiadas ao Seminário do Espírito Santo as missões da Guiana francesa então com 18 missionários: "que serão sempre tomados dos alunos do Seminário do Espírito Santo, coisa verdadeiramente consoladora e garantia sempre maior da insigne piedade deste Monarca – o rei de França – e do seu grande zelo pela propagação da fé[43]".

São numerosos os testemunhos deste género acerca do Seminário do Espírito Santo até ser suprimido pela Revolução francesa. O título de espiritano era realmente um título glorioso.

As duas primeiras terras a evangelizar, confiadas à Congregação, foram S. Pedro e Miguelão em 1765 e a Guiana francesa em 1778.

Dos padres destas duas missões, assim como de muitos outros, que trabalharam na América do Norte, foram feitos os mais rasgados elogios, entre eles este do P. Lisledieu, vigário geral das Colónias francesas: "Os padres educados e for-

[39] CS. 7, 21.

[40] Ibid, 62–63.

[41] APF - *Lettere e Decreti*. 232, 271.

[42] Ibidem.

[43] KOREN, H., *Les Spiritains. Trois siécles d'histoire religieuse et missionnaire*. Paris, Beauchesne, 1980,, 98.

mados no Seminário do Espirito Santo ultrapassaram sempre as minhas esperanças[44]".

A partir de 1777, em vez do P. Lisledieu, o responsável pelas missões ficou a ser o P. Becquet, Superior geral do «Espírito Santo». Como os padres formados no seu seminário, sobretudo depois da Revolução francesa, não bastavam para um campo de apostolado tão vasto, o P. Becquet, e sobretudo os seus sucessores, após a restauração da Congregação, começaram a recrutar pessoal estranho à mesma.

A escolha nem sempre foi feliz e assim o título, antes glorioso, de «espiritano», começou a ser título de ignomínia. Havia nas Colónias outros padres, autênticos aventureiros, ambiciosos e ignorantes, que, para escaparem aos seus bispos, se refugiavam nelas, apresentando-se sempre como «espiritanos».

Tudo isto vai contribuir muito para o declínio da Congregação do Espírito Santo até à fusão com a do P. Libermann, que brevemente vai entrar em cena.

2.7. P. WARNET

O P. Foudinier faleceu em 5 de Janeiro de 1845. Tornaremos a falar dele a propósito da tentativa de fusão do «Espírito Santo» com o «Coração de Maria».

Sucedeu-lhe o P. Warnet, antigo missionário da ilha da Reunião, eleito provisoriamente em 18 de Maio de 1845. Ele mesmo deu a notícia à Propaganda Fide: "Tenho a honra de anunciar V. Eminência a minha nomeação como superior do «Espírito Santo»[45]".

É interessante notar que, na mesma carta, o P. Warnet anunciava já a sua demissão:

"Esta nomeação, Eminência, no meu espírito, é apenas provisória e, ao aceitá-la por algum tempo, eu tinha sob os meus olhos o P. Leguay, que pode prestar serviços que a minha saúde, após o regresso das missões, quanto a mim, torna impossíveis[46]".

2.8. P. ALEXANDRE LEGUAY

O P. Warnet faz a apresentação do seu sucessor nos seguintes termos:

"Este respeitável eclesiástico, de 52 anos de idade, merece, Eminência, a vossa confiança, graças às suas virtudes e experiência na condução dos assuntos eclesiásticos. É por estas razões e para maior bem da nossa Obra, que me apressei a escolhê-lo e a demitir-me em seu favor. A escolha que acabamos de fazer... dá-me as mais belas esperanças de progresso da Religião nas Colónias[47]".

Homem de real valor, o P. Leguay herdou do P. Fourdinier os seus projectos e os seus problemas. Centralizar em si mesmo o poder espiritual das Colónias, enviar para elas muitos padres e fazer deles um só corpo associando-os à

[44] APF - *Isole dell'Oceano Australe*. 3, 466-467.
[45] APF – *Missioni*. 22, 341–342.[46] Ibidem.
[46] Ibidem.
[47] Ibidem.

Congregação do Espírito Santo: eram estas as suas grandes aspirações. Por isso cai nos mesmos erros que ele.

Segundo documento dos Arquivos da Propaganda de 2 de Novembro de 1847, "58 missionários, ao todo, foram enviados para as Colónias francesas, de 1 de Setembro a Novembro do mesmo ano[48]".

Foi também por esta época que o P. Leguay propôs à Sagrada Congregação da Propaganda um grandioso plano para a evangelização da América e da Oceania, propondo-se admitir, para tal, no Seminário do Espírito Santo, alemães, ingleses ou irlandeses e mesmo espanhóis[49].

A Propaganda não mostrou pelo projecto qualquer interesse, antes pelo contrário:

"A respeito do projecto de querer aumentar o número dos alunos, com vista a enviá-los para as regiões da América do Norte, faz-se saber que devem contentar-se com os lugares habituais das Colónias, segundo a finalidade desse Instituto[50]".

Após a revolução de 1848, o P. Leguay demitiu-se, sucedendo-lhe no governo da Congregação o P. Alexandre Monnet. Falaremos ainda longamente do P.Leguay, quando tratarmos da fusão das duas Congregações, do Espírito Santo e do Santíssimo Coração de Maria.

2.9. P.ALEXANDRE MONNET

Ao anunciar ao P. Le Vavasseur a demissão do P.Leguay, Libermann escrevia: "P. Leguay deu a sua demissão. O Superior provisório é o P.Monnet. Continuamos a entender-nos bem com ele[51]".

A causa da demissão foi política. O próprio P.Leguay a justifica.

"Alguns actos quase consumados antes da revolução, juntos à atitude que eu mesmo tinha sido obrigado a tomar nos jornais, a respeito de várias personagens que tinham atacado publicamente o estabelecimento que dirijo tornavam a minha posição muito difícil, pois tais personagens estavam agora à frente do novo governo.

Nesta circunstância penosa, reuni o Conselho da Congregação e, depois de ter rezado muito, dei a minha demissão e exortei os meus confrades a nomear, para me substituir como superior, o P. Monnet, o que eles fizeram imediatamente.

O P. Monnet, devido aos seus trabalhos a favor da instrução dos Negros e sobretudo aos maus tratos que ultimamente sofrera em Bourbon, é muito bem visto pelo novo Governo, com o qual se pôs imediatamente em contacto e pelo qual foi muito bem recebido[52]".

Por outro lado, o P. Monnet era amigo dos missionários de Bourbon e do P.Libermann. «Libermann meu amigo íntimo», tinha ele escrito[53].

É ele que vai, pois, tornar possível a fusão das duas Congregações. Monnet

[48] APF – *Missioni*. 22, 347-348.
[49] APF – *Lettere*. 335, 1431-1432.
[50] Cf., ND. X, 143.
[51] APF – *Missioni*. 22, 480.[52] APF - *Collegi Vari*. I, 542.
[52] APF - *Collegi Vari*. I, 542.

estava perfeitamente dentro do espírito da Congregação de Libermann. Dele escrevera o P.Fourdinier em 29 de Maio de 1843: "O P. Monnet continua a fazer prodígios de zelo e de conversões entre os Negros de Bourbon[54]".

O P. Le Vavasseur, trabalhador da mesma vinha, confirma estas palavras , ao falar do bem verdadeiramente extraordinário, operado entre os escravos pelo zelo e caridade deste padre admirável. E nota o P. Le Vavasseur que os negros convertidos pelo P. Monnet "continuam quase todos a viver piedade sólida e fervente[55]".

Por sua vez, o Prefeito apostólico de Bourbon, Mons. Poncelet, dava dele o seguinte testemunho: "O P. Monnet é o melhor padre da Colónia. O seu zelo, desapego e actividade estão acima de todo o elogio[56]".

Assim, não é de estranhar que, mais de uma vez, ele tenha pedido para entrar na Congregação do SS. Coração de Maria, segundo afirmação do P. Eugénio Tisserant: "O P. Monnet, missionário em Bourbon, há oito ou dez anos, pediu várias vezes ao P. Le Vavasseur que o aceitasse na Congregação[57]".

Tisserant acrescenta ainda: "O P. Monnet é verdadeiramente o apóstolo de Bourbon. É a ele que os habitantes de Bourbon chamam «o Pai dos Negros»[58]".

Também o P. Libermann escreveu acerca dele em Junho de 1842: *"Enviaram-nos uma carta do P. Monnet a seus pais ou amigos, verdadeiramente enternecedora, que mostra bem a sua alma bondosa, muito dedicada a Deus e cheia de zelo pelos Negros".*[59]

Em Bourbon foi perseguido, acusado de ser abolicionista, isto é, partidário da abolição da escravatura[60].

2.9.1. Têmpera moral do P. Monnet

A têmpera moral do P. Monnet ficou bem posta em evidência logo no começo do seu generalato. Ao Sr. Schoelcher, sub-secretário de Estado das Colónias, que em 14 de Março lhe escrevera a manifestar-lhe confiança e satisfação por a Comunidade do Espírito Santo o ter escolhido como superior geral e que, ao mesmo tempo, queria impor-lhe «dois superiores eclesiásticos», o P. Monnet escrevia em 18 de Março:

"Se a República me julga digno da sua confiança, como V. Exc.ª faz a honra de me dizer, espero que o Sr. Ministro me dê provas, deixando-me a plena liberdade de eu apresentar todos os candidatos, os superiores e os outros, que devam ser enviados para as Colónias. É este um dos direitos do Superior geral do «Espírito Santo». Creio, Sr. Ministro, que não quererá contestar-mo, no momento em que inicio as minhas relações com o Governo da República, à qual estou ligado, por princípio, e de todo o meu coração[61]".

Após a fusão, o P. Monnet, por influência do P. Libermann, foi eleito Vigário

[53] APF - *Africa-Angola*. 7, 56-57.
[54] APF - *Isole dell'Oceano Australe*. 3, 372.
[55] Ibid, 472.
[56] ND. IV, 39.
[57] Ibidem.
[58] Ibidem.
[59] ND. X, 52-53.
[60] Ibidem, 381.
[61] ND. XII, 148-150.

Apostólico de Madagáscar. Cerca de um ano depois, faleceu, indo "receber a recompensa dos apóstolos, por todos os sacrifícios que tinha feito ao seu Deus pela salvação das almas[62]".

2.10. Um seminário glorioso

A história da Congregação até Libermann é a história do seu Seminário, o Seminário do Espírito Santo, seminário verdadeiramente glorioso.

"O fim da Obra – diz a Regra primitiva – é formar no zelo e na disciplina eclesiástica, no amor de todas as virtudes, principalmente na obediência e na pobreza, clérigos que estejam nas mãos dos superiores, prontos para tudo, não só a aceitar, mas até a preferir, os postos humildes e laboriosos, para os quais dificilmente se encontrem obreiros, tais como o serviço nos hospitais, a evangelização dos pobres e mesmo a dos infiéis".

O primeiro campo de apostolado dos «Espiritanos» foram as paróquias pobres de França, sob a dependência dos respectivos bispos. Outros, depois de formados, foram postos à disposição da «Companhia de Maria» e enviados para as Missões. Outros tornaram-se mesmo discípulos de Luís Maria Grignion de Montfort e foram membros ilustres da sua Congregação. Outros ainda partiram para as Missões do Extremo-Oriente, enviados pelas Missões Estrangeiras de Paris, onde alguns foram vigários apostólicos.

Não se sabe ao certo o seu número, mas calcula-se que desde 1703 a 1792, foram formados no Seminário do Espírito Santo cerca de 1.300 padres. Mas sabe-se que na França, no Canadá, no Extremo-Oriente, são-nos apresentados como apóstolos extraordinariamente desapegados e zelosos no exercício do santo ministério.

A revolução francesa deu ao Seminário e à Congregação um golpe muito profundo.

No tempo de Libermann ela estava quase a desaparecer; mas não, uma tal obra não podia morrer. Deus preparara o mesmo Libermann para a continuar. Ele será, pois, o sucessor do P. Monnet e o restaurador da Congregação dos grandes homens de Deus, de que acabamos de falar. A todos memória eterna!

(A continuar)

Bibliografia

Arquivos da Casa-Mãe . Chevilly (Paris)
Arquivos da Propaganda Fide (Roma)
Cahiers Spiritains , Roma (Maison Généralice)
Lettres Spirituelles du Vem. Libermann – Troisième Édition (Paris)
Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'Oeuvre du Vén. François-Marie-Paul Libermann

[62] LOPES, F., *Ao Encontro dos Pobres*. Lisboa, 1983, 134.
[63] Ibid, 135.

educação versus espiritualidade

Educação versus espirtualidade é para mim, nas palavras de Libermann, dar a possibilidade ao ser humano, de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para se tornar um Ser a partir de si mesmo (educação) e de se deixar guiar pelas características próprias do Espírito (espiritualidade). É a partir da espiritualidade que a acção do Outro (hetero-educação) faz com que a minha educação seja mais responsável, partilhada e não pura subjectividade ou puro egoísmo, antes pelo contrário, o objectivo principal não é a minha própria auto-realização mas ajudar aqueles com quem me comunico, na família, no trabalho, no lazer, na oração, numa palavra vida = missão a realizarmo-nos no nosso percurso de vida. Este percurso de vida não é um fundamento nem uma meta. É uma correlação, um diálogo, um espaço para uma educação elaborada e amadurecida pelo tempo e onde cada ser humano se (re)encontra com a profundidade do seu ser.

A denominação «Educação versus Espiritualidade» tem, para mim, uma importância especial. Especial porque é uma parte de mim e ao mesmo tempo, dentro de um contexto de eudemonismo inte

* O autor deste artigo tem o mestrado em Filosofia do Conhecimento e Epistemologia. É professor na Escola Superior de Educação de Fafe. Vai defender tese de doutoramento subordinada ao tema: " A educação do Meio-Ambiente Humano como prevenção à toxicodependência infanto-juvenil", na área cientifícia Ciências da Educação. Foi seminarista da Congregação do Espírito Santo e professo de votos temporários.

gral[1], é uma procura da compreensão de mim próprio enquanto ser humano. Por analogia com o que acontece na sociedade, a incapacidade de o indivíduo se bastar a si próprio, leva-o a procurar outros homens para conseguir aquilo que lhe falta, também, a procura da felicidade em sentido integral, isto é, que abarca todo o tipo de felicidade e, enquanto educação versus espiritualidade, leva a pessoa a trabalhar não para si própria, fazendo tudo quanto lhe interessa em sentido próprio, mas a praticar acções úteis para os outros.

Convicto[2] de que este sentido, praticar acções úteis para os outros, é o pressuposto pedagógico, dos fundadores da Congregação dos Missionários do Espírito Santo[3], procurarei apresentar uma pequena reflexão sobre esta temática educativa – formativa à luz daquilo que escreveram.

Começo por dar a palavra aos fundadores, primeiro, por uma questão de prioridade no tempo, a Cláudio Francisco Poullart des Places que nos Regulamentos[4] diz:

É evidente a preocupação educacional de Poullart de Places

"Formar no amor à obediência e da pobreza, estudantes pobres que, (...) estejam prontos para tudo (...) os postos mais humildes e mais difíceis, para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros"[5].

É evidente a preocupação educacional de Poullart de Places: formar para = educar = ser missionário. Esta educação, no amor, parte do eu e tem o seu suporte numa espiritualidade profunda "devo desconfiar de mim mesmo e esperar tudo da vossa misericórdia"[6]. Fazendo como que uma análise heurística, das palavras de Poullart des Places, parece sugerir-me que nesta formação, cada um , terá

[1] Eudemonismo, enquanto termo filosófico associado a teorias éticas cujo centro é a ideia de felicidade, ganhou, na época moderna, estatuto e significações que permitiram a passagem à ideia real de felicidade que hoje lhe atribuímos ao nível da consciência e das filosofias éticas: sensível; individual; natural; sobrenatural; estético; ético; parcial e integral "que os admite a todos estabelecendo entre eles uma certa hierarquia", ANTUNES, M., «Eudemonismo». In: Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Lisboa: Verbo.

[2] Esta convicção não se deve só ao estudo e reflexão que fiz sobre os textos publicados dos fundadores da Congregação, ela é, sobretudo, o resultado da educação intelectual e espiritual da qual, com ajuda e graça de Deus, eu tive enquanto seminarista e noviço espiritano. É meu interesse, se a Congregação me der o consentimento, escrever sobre a Educação dos Espiritanos. Assim qualquer comentário, crítica ou observação pode ser dirigida para antonio.j.galvao@oninet.pt, ou António Joaquim Galvão Travessa Santiago de Ninães nº 67, 4770-451 Requião.

[3] Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria cujos fundadores são Cláudio Poullart des Places e Francisco Maria Paulo Libermann. Chamei-lhe Congregação dos Missionários do Espírito Santo por me parecer que é com esse nome que ela é mais conhecida.

[4] Uma vez que a morte colheu Poullart des Places muito jovem, com 30 anos de vida, não teve tempo para redigir propriamente uma «Regra de Vida». O que ele legou aos seus sucessores foram «Regulamentos» que fizeram com que a obra por ele iniciada tivesse, e continue a ter, a força do Espírito Santo como «Luz e Guia».

[5] NEIVA, A. T., Com a Força do Espírito – a missão espiritana hoje. Lisboa: Missionários do Espírito Santo L.I.A.M., 2002, 12.

[6] Cf. LÉCUYER, J. Les Écrits de Claude François Poullart des Places. Ré-édition Cahiers Spiritains, nº 16, 1988, cit. por TAVARES, A., caminhos do Espírito, Duas Vidas, um Projecto Missionário. Braga: Editorial A. O., 1997, 16.

que trabalhar como se tudo dependesse apenas dele mesmo e confiar no auxílio divino como tudo apenas dependendo d'Ele[7].

Tal como Poullart des Places, que do meu ponto de vista nos propõe uma educação versus espiritualidade vivida a partir da experiência pessoal, Francisco Maria Paulo Libermann, relativamente ao que chamei pressuposto pedagógico, diz-nos:

"Fixa bem este princípio: não deves ler autores espirituais para aprender a teoria da vida interior. Não desejo que a conheças por outro meio que não seja pela prática do teu interior; e adquirirás esta prática se mantiveres sempre essa boa vontade que Deus te deu, e se procurares fazer tudo o que estiver ao teu alcance para agradar a Deus e para te tornares um homem abnegado e interior"[8].

Se repararmos, Libermann chama-lhe princípio, ora, se se trata de um princípio é porque efectivamente prevê uma finalidade – uma educação integral do ser humano cuja intenção primordial é preparação para «a vida apostólica = vida de amor»[9], de serviço aos demais e cujos requisitos necessários são todos os valores da pessoa humana. Esta educação não será – uma educação versus espiritualidade!?

Educação versus espirtualidade é para mim, nas palavras de Libermann, dar a possibilidade ao ser humano, de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para se tornar um Ser a partir de si mesmo (educação) e de se deixar guiar pelas características próprias do Espírito (espiritualidade). É a partir da espiritualidade que a acção do Outro (hetero-educação) faz com que a minha educação seja mais responsável, partilhada e não pura subjectividade ou puro egoísmo, antes pelo contrário, o objectivo principal não é a minha própria auto-realização mas ajudar aqueles com quem me comunico, na família, no trabalho, no lazer, na oração, numa palavra vida = missão a realizarmo-nos no nosso percurso de vida. Este percurso de vida não é um fundamento nem uma meta. É uma correlação, um diálogo, um espaço para uma educação elaborada e amadurecida pelo tempo e onde cada ser humano se (re)encontra com a profundidade do seu ser.

É a partir da espiritualidade que a acção do Outro (hetero-educação) faz com que a minha educação seja mais responsável, partilhada

É com sentido de «missão» que estas palavras que, aqui escrevo, têm fundamentalmente um tríplice objectivo:

Dizer o que são as Fraternidades Espiritanas;

Partilhar um pouco de vida numa Fraternidade Espiritana;

Reflectir sobre espiritualidade e educação.

Usando uma terminologia clássica poderíamos dizer que as minhas palavras se dividem em «pro-logos», «logos» e «epi-logos».

---

[7] Se nos situarmos no espaço e tempo de Poullart des Places (1679 – 1709) e recordarmos as diferentes teorias sobre espiritualidade, temos que o reconhecer como um grande pedagogo espiritual "todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo ao qual foram especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual foram oferecidos ao Espírito Santo", ibid, 33.

[8] Ibid, 45.

[9] Notes et Documents (N.D.), X, 505.

Pro-logos

1. Fraternidades Espiritanas

Trata-se de um movimento de vida apostólica que, como movimento católico, tem uma finalidade, uma espiritualidade, uma metodologia, fontes e recursos próprios para viver sob a orientação da espiritualidade missionária espiritana e ser uma oportunidade de recursos pedagógicos para uma educação integral do ser humano.

Fraternidades Espiritanas

Para uma rápida apreensão, podemos dizer que as Fraternidades Espiritanas:

São grupos espirituais

"São grupos espirituais de leigos e leigas, jovens ou adultos, que procuram no mesmo cenáculo a força e a luz do Espírito Santo que os anima e fortalece no exercício da sua vocação missionária na Igreja e no Mundo"[10].

Podemos concluir que se trata de um movimento de Igreja[11] onde há lugar para todos e em qualquer lugar do mundo. Quando digo todos, refiro-me especialmente aos leigos comprometidos à luz do Evangelho que procuram maior sentido para a vida tendo como fonte, Deus – Jesus Cristo – Espírito Santo.

"Na linha da espiritualidade missionária espiritana, as Fraternidades são também um esforço para alargar e viver os laços de Comunhão que une religiosos e leigos na Missão que a Igreja lhes confia"[12].

Fraternidades, deriva do latim (*fraternitas, atis)* que, a partir dos seus significados, nos remete para: parentesco entre irmãos, solidariedade de irmãos, amor ao próximo, harmonia entre os homens ou união entre povos. Espiritanas, como atrás ficou dito de comunhão com a Congregação dos Missionários Espiritanos. Assim, a Fraternidade Espiritana, enquanto encontro do eu (mesmidade) com o outro (alteridade), surge como uma relação pedagógica que não é mais que uma condição de educação.

A partir da definição e natureza das Fraternidades, o seu enquadramento[13] situa-se:

"Ao nível da vida espiritual e carismática dos seus membros que são provenientes, de modo geral, dos diferentes movimentos ou grupos laicais ligados à Congregação do Espírito Santo (...) e caracterizam-se por desenvolverem e apoiarem acções relacionadas com a dinamização missionária da Igreja. Mas as Fraternidades Espiritanas são sobretudo uma proposta de aprofundamento espiritual para aquelas pessoas (...). Tais pessoas dispõem-se a viver e a partilhar a sua fé em pequenos grupos espirituais ou comunidades que a Congregação do

[10] NEIVA, op. cit., 175 e cf. Princípios dinamizadores das Fraternidades Espiritanas. in Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, Documentos Capitulares Tomo II , Secretaria Provincial – Lisboa 2000, 258.

[11] Um dos antecedentes históricos das Fraternidades Espiritanas está na Arquiconfraria do Espírito Santo, fundada em 07 de Dezembro de 1889, com direito a fazer Associações em todas as dioceses do mundo para rezar ao divino Espírito Santo.

[12] Ibid, 176.

[13] Cf. Princípios dinamizadores, op. cit.

Espírito Santo não só fomenta e incentiva na linha da sua espiritualidade missionária mas também reconhece como participantes privilegiados da sua missão e carisma espiritano"[14].

Consideramos a espiritualidade dos fundadores uma fonte específica, instrumento e recurso de oração para ouvirmos os desígnios de Deus em cada situação concreta da nossa vida e uma proposta concreta de educação no sentido mais amplo da palavra.

Nos encontros das Fraternidades faz-se sempre a leitura de um texto espiritano, a palavra dos fundadores, em harmonia com a Palavra de Deus. A ideia de harmonia entre a palavra do homem e a Palavra de Deus é intencionalmente assumida. É assumida porque sabemos que cada homem tem à partida um património cultural construído a partir das interrogações e respostas dadas às características próprias do seu meio de acordo com as necessidades sentidas em determinados períodos da sua vida. É neste contexto de vida que as Fraternidades Espiritanas aparecem como um projecto antropológico de implantação educacional humanista em dois sentidos essenciais.

Primeiro, enriquecer o homem em todas as dimensões da sua vida e em segundo, responder com generosidade ao projecto de realização enquanto obreiros na tarefa sempre inacabada da criação:

"O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo"[15].

A proposta que as Fraternidades nos fazem não é mais que um reflectir sobre as origens da nossa vida, a juventude da nossa vida e perceber, mais do que compreender intelectualmente – sentir com o coração, até que ponto na base da nossa existência está o «sopro» do Espírito Santo.

Podemos então desde já perceber que a finalidade é unificar a vida. Isto é, responder à necessidade de unificar a cultura e a fé, a vida profissional, familiar, apostólica, ou numa ideia, unir a vida humana em todas as suas dimensões com a plenitude da fé cristã - uma educação - uma cultura.

a finalidade é unificar a vida

O projecto libermanniano é assumidamente um revalidar, através da noção de pessoa, o fundamento radical e cultural da pessoa humana circunscrita à sua circunstância, que não obedece às exigências dos homens do saber, mas sim a um processo de amor aos outros inspirado nos valores que realizam o ser humano. Em carta aos missionários dizia-lhes:

unir a vida humana em todas as suas dimensões com a plenitude da fé cristã – uma educação - uma cultura

"Despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito. Fazei-vos negros com os negros, a fim de os formardes como eles devem ser, não à maneira da Europa, mas deixando-lhes aquilo que lhes é próprio"[16].

Porque se trata de cada um conscientemente viver a vida e a fé, o grande

[14] Ibid.

[15] Cf., Gn. 2, 7.

[16] NEIVA, op. cit., 60-61.

objectivo que ressalta da metodologia é o de responsabilizar os leigos na sua formação, promoção e apostolado cristão, como uma família de irmãos em Cristo. Este objectivo parece-me caro e delicado, quando aplicado na prática - um caminho segundo o espírito do Evangelho «amai-vos uns aos outros como eu Vos amei». Esta realidade de luz interior e de amor ganha sentido quando vivida e partilhada em comunidade. Como dizia Poullart des Places:

"Tratar-nos-emos sempre com muito respeito e delicadeza, sendo amáveis, como diz o Apóstolo, uns com os outros"[17].

Esta realidade, a certeza de uma vida de «amor» em comunidade, é sinal vital para a continuidade da «missão espiritana». Mais ainda, terá que ser, do meu ponto de vista, uma certeza para todos os «espiritanos»[18], com as ressalvas inerentes ao ser consagrado ou ser leigo, de trabalho ao serviço dos demais. Numa linguagem joanina do deserto – preparando o caminho do Senhor para a Sua chegada. É necessário um contínuo renascer dentro da própria comunidade espiritana. Este renascer implica fazer, mais uma vez do meu ponto de vista, aquilo que Libermann propunha:

"É uma reflexão que gostaria de reproduzir em cada página deste escrito. Um missionário que não trabalha muito seriamente e sempre na sua santificação, torna-se indigno da eminente graça apostólica, e culpável para com as almas que devia santificar. Mas se ele põe seriamente mãos à obra, santifica-se infalivelmente e com ele santifica uma multidão de almas"[19].

É com este espírito missionário, de congregação, vida em comum evangélica, que mensalmente temos o encontro[20] que começa com a refeição Eucarística (Eucaristia), segue-se um jantar convívio e depois o encontro temático de reflexão e oração cujos objectivos são:

"Proporcionar aos leigos que se sentem inspirados e atraídos pelo carisma espiritano, um meio de viver mais profundamente o seu compromisso missionário.

Reconhecer aos leigos mais empenhados na Missão Espiritana o direito de partilharem o carisma e a espiritualidade dos fundadores Poullart des Places e Francisco Libermann, abrindo as comunidades religiosas espiritanas à sua presença. Incentivar que haja leigos que se sentem interpelados pelo carisma espiritano e permitir que o possam adoptar como regra de vida laical em comum, nomeadamente sob a forma de leigo associado.

Interpelar a Congregação nos seus membros religiosos pela novidade e novas questões que a presença e reflexão laical traz ao seio da Congregação"[21].

[17] TAVARES, op. cit., 35.

[18] «Espiritano» é aquele que quer unir-se «num só coração e numa só alma» para viver e partilhar o carisma espiritano. Para não ferir susceptibilidades, está entre aspas, para dizer que não tem que, necessariamente, ser um membro religioso professo.

[19] Ecrits Spirituels (E.S.), 421.

[20] Gostaria de chamar a atenção de que, segundo os Princípios dinamizadores, cada Fraternidade Espiritana poderá ter o seu ritmo próprio, estou a falar de uma Fraternidade Espiritana específica que se reúne no Porto.

[21] Cf., Princípios dinamizadores, op. cit.

A sua constituição e funcionamento[22] pode ser diversificada. No entanto e para se considerar um grupo, aquilo que os princípios apontam é no mínimo 6 pessoas que em família ou individualmente se encontram para reflectir, partilhar e rezar, de preferência, junto de uma comunidade espiritana e com uma reunião pelo menos uma vez por mês.

Os membros da Fraternidade Espiritana, para lá dos encontros de reflexão e oração, têm ao seu dispor um programa de formação missionária e espiritual para frequentar.

"Depois de metade dos membros de uma fraternidade terem completado este programa de formação, poderão solicitar, por escrito, ao Provincial o reconhecimento oficial da Fraternidade por parte da Congregação. Tal reconhecimento poderá incluir uma declaração escrita, lida em dia de Pentecostes, numa comunidade espiritana e constar do livro de registo das Fraternidades Espiritanas em Portugal"[23].

É este carácter pedagógico de protagonismo missionário e educativo com forte componente antropológica que inspira o meu propósito de educação. A oportunidade de reflexão ajuda-me a buscar respostas a partir de mim mesmo para o trabalho de Missão em união com toda a Igreja. O apelo inevitável à organização e à formação representa, no seu modo de ser, a aceitação implícita de um projecto dinâmico de educação no sentido mais lato da palavra – educabilidade humana com visão para o futuro:

"Querer permanecer agarrado aos velhos tempos e continuar com os hábitos e o espírito de então, é tornar inúteis todos os nossos esforços (...). Abracemos, pois com franqueza e simplicidade a nova ordem das coisas e incutamos-lhe o espírito do santo Evangelho"[24].

A temática do trabalho em função dos outros, com este caris de «Novo = Evangelho > Renascer», constitui o instrumento mais adequado para execução e renovação da educação humana. Trabalhar no sentido de bem dizer é necessário e porque é necessário torna-se na melhor justificação, para a contemporaneidade, da educação espiritana. Educação espiritana: configurar a acção humana como prolongamento da acção do Espírito Santo na construção da «Casa» Espiritana. A «casa espiritana» pode ser o alicerce e incentivo ao cariz educativo espiritano. Como Libermann previra, a «casa» será o fundamento do edifício do futuro:

Educação espiritana: configurar a acção humana como prolongamento da acção do Espírito Santo na construção da «Casa» Espiritana

[22] Ibid.

[23] Ibid. Neste ponto, gostaria de apresentar uma sugestão de carácter meramente funcional para o campo específico da educação. Todos temos consciência de que um retiro é um tempo próprio para recolhimento, meditação, oração ... mas, penso eu, e dado o carácter específico das Fraternidades, que no ínicio e final do retiro, quando feito numa comunidade espiritana, deveria haver um encontro de boas vindas, um encontro com toda a comunidade, que sei eu ... Eucaristia em comum, jantar em comum, etc. O mesmo se diga para o encerramento do retiro, uma partilha em clima de disponibilidade e simplicidade, mas que mostre carinho e acolhimento para quem nos visita, talvez um simples gesto possa ajudar a limar aquelas arestas de que uma comunidade de consagrados tem que viver em clausura ...!

[24] NEIVA, op. cit., 77.

"Os nossos missionários estão encarregados de lançar os fundamentos de um edifício futuro: eles semearão, a colheita virá depois deles. O trabalho dos que cavam os alicerces e constróem os fundamentos não parece hoje agradável; aqueles que virão depois edificarão sobre os seus alicerces e construirão a Casa"[25].

É, com efeito, apreciável a quantidade de informação que Libermann nos fornece e que de uma forma ou de outra me interessam pelas questões ligadas à educação. Vamos, entretanto, entrar na «casa» onde as características particulares de cada um são fonte de alegria e vida de outros.

Logos

2. Partilha de vida numa Fraternidade Espiritana

Seria, talvez, um pouco arriscado dizer que esta parte é a principal, pois o leitor poderia pensar então para quê ler as demais? Bom, que os juízos sejam de cada qual, mas não posso negar que a esta parte lhe chamei «logos». É palavra «cara», bonita e sábia, porque tem vários sentidos. Designa «palavra - verbo» como princípio racional e que procede do verbo que significa «dizer». Na literatura filosófica costuma indicar a razão e o princípio racional de algo. Aqui, se me é permitido, gostaria de lhe chamar só «razão» e «luz». Porquê? Porque efectivamente preciso que a minha razão seja luz que possa transmitir em poucas palavras o muito que tenho para dizer.

Partilha de vida: a partilha, neste sentido apostólico de pôr em comum a vida, encontra a sua expressão no compromisso que cada um assume de ter recebido a missão de ser testemunha de Cristo pelas palavras e acções. É neste sentido de chamados a renovar a nossa vida espiritual em grupo que cada um aprende a viver em função de um determinado estilo de vida cujo alimento é a oração. Por isso, devemos entendê-la como dádiva de Deus aos Homens e dos Homens a Deus, sob a moção do Espírito Santo, que se realiza em conformidade com cada situação particular. Partimos da convicção de que a oração pessoal e a orientação espiritual são condições essenciais para ouvir e encontrar a Deus.

a oração pessoal e a orientação espiritual são condições essenciais para ouvir e encontrar a Deus.

Para Libermann[26] há dois grandes níveis de oração: um primeiro, que chama de meditação e afeição e um segundo, que designa de contemplação. A cada nível de oração corresponde-lhe um determinado nível d existência pessoal. Assim:

"a meditação fixa-nos em Deus pela mente: é reflexão de fé sobre uma verdade sobrenatural. A oração de afeição fixa-nos em Deus pelo coração: é consideração de fé sobre um mistério; é oração de amor a Deus. A contemplação é fixação amorosa, na fé, em Deus; nela estão implicadas todas as potências da alma"[27].

Este modo de viver requer, da parte do «espiritano» uma firme adesão ao projecto de Deus. Requer uma postura de simplicidade e desprendimento em todos

[25] ND IX, 325, cit. por NEIVA, op. cit., 93.
[26] TAVARES, A., Como leve pena ... orar ao sopro do Espírito. Braga: Editorial A. O., 2001, 39 e ss.
[27] Ibid, 39.

os momentos da vida. Requer ainda, uma liberdade interior de se renovar em conformidade com as fontes de espiritualidade espiritana. Cada um tem que assumir a responsabilidade de participar, de ajudar e animar os outros fraternalmente a realizarem a sua vocação pessoal. Partindo da espiritualidade libermanniana, a missão é a vida, ou seja, viver a vida com sentido de missão é viver como Jesus vivia. Como é que Jesus vivia? "Fazia as obras de seu Pai"[28]. Quais eram as obras do Pai? "Trabalhar na salvação das almas"[29]. Então viver como Jesus vivia é ter uma vida de amor e de santidade, inundada pelo Espírito Santo. É oferecermo-nos para glória de Deus e salvação dos homens. O amor que rege esta acção é a graça de «bendizer» a Deus, ou seja, «dizer bem» - isto é que é ser missionário. Que missionário? Aquele que agradece e louva com alegria a possibilidade de viver em missão. Viver a missão é irradiar continuamente o amor de Deus. Donde vem esse amor? Esse amor vem da fonte - Santíssima Trindade. Missionário não é só aquele que parte para terras distantes, mas sim aquele que vive tal como fez Jesus – na união com o Pai. Se é estar em união com, se a partilha é de Fraternidade Espiritana, é, então, estar com a Família Espiritana em sentido de missão, não como protagonista mas como servidor. Com discernimento, com paz interior e com simplicidade para interpretar os acontecimentos em função da construção do reino de Deus, um reino de paz, justiça e amor.

Pelo que acabo de apresentar, parece-me fácil perceber que, sem oração é quase impossível viver em missão e, se não se vive, não se pode partilhar. Afinal, perguntar-se-ão alguns mais incrédulos, o que é que afinal se partilha? Isso são umas ideias e pouco mais, dirão outros. Ora, o que se partilha é um ideal. Um ideal vivido com muita pureza e intensidade que acaba por nos contagiar na alegria e na liberdade de nos sentirmos filhos de Deus. Este salto qualitativo de vida, não é um capricho, nem uma ilusão, é um pôr-se em união de forma simples e sensata. "Não sejas tão teólogo; não meças as bondades divinas com o compasso, mas sim com a medida do amor"[30], escreveu Libermann a um seminarista. Esse «seminarista» posso ser eu, que na ânsia de ser isto ou aquilo, sinto "o desejo apressado e inquieto de avançar"[31]. Mas, se o meu desejo é educar-me, então tenho que "avançar solidamente e a passos largos"[32], com a certeza é necessário "ter paciência, acalmar e apaziguar essas inquietações"[33] para poder deixar que o outro actue em mim.

sem oração é quase impossível viver em missão e, se não se vive, não se pode partilhar

Chamei, a esta parte, *logos* – oferecer uma partilha de vida. Não é preciso grande esforço intelectual para perceber que, sempre que alguém oferece, oferece alguma coisa, pois também aqui oferecemos. Permitam-me, que apele à vossa imaginação ...! Alguém dizia: «nestas coisas ninguém é tão pobre que não tenha

[28] E.S., 376.
[29] E.S., 378.
[30] MARTINS, A. G., Libermann uma Mensagem para o Nosso Tempo. Braga: Barbosa & Xavier, Lda., 1995, 110.
[31] Letres Spirituelles (L.S.), II, 218.
[32] Ibid.
[33] Ibid.

nada para dar, nem ninguém é tão rico que não tenha nada para receber». Porquê? Porque, efectivamente é tão pouco aquilo que damos e é tão grande aquilo que recebemos ... Damos um pouco do nosso tempo, damos uma opinião acerca das coisas da nossa vida e recebemos fé, amor, coragem e confiança para vivermos o nosso dia a dia com mais alegria. Em resumo - todos o podem fazer. Ora, se todos o podem fazer é um princípio válido, como a lógica nos ensinou, se é válido para todos é – universal, e com Kant, se todos o podem fazer é - moral.

Perguntar-se-ão alguns – como será possível, uma vida de amor, quando sabemos que onde há pessoas há problemas e interesses próprios?

Bom, ouçamos mais uma vez Libermann:

"Queres um meio eficaz para que a graça divina da vida de Jesus te habite por inteiro e te mova? Permanece sempre na presença de Deus em paz e doçura"[34].

Se até aqui, nos questionávamos sobre uma vida de amor, agora uma vida em paz e doçura, não parece algo próprio para o mundo real em que vivemos. Posso garantir que é real e deste mundo. Para ser real é tão só necessário que eu me queira instruir e educar. Como? "É preciso pensar e meditar cada palavra que Nosso Senhor Jesus Cristo pronunciou para nos instruir e nos salvar; é preciso depois aplicá-la a nós no íntimo da nossa alma e pô-la sempre em prática"[35].

Cumprindo o pressuposto antropológico libermanniano, a educabilidade do ser humano, ainda que surja da natureza racional e biológica do próprio homem, esta não a determina quanto ao sentido último da sua evolução – liberdade em si mesma. Agora, quando o projecto pessoal assenta numa disponibilidade primordial para o outro, desenvolve uma educação capaz de instituir uma solidariedade pragmática – Fraternidade guiada pelo Espírito Santo, então chegamos à condição necessária. É condição necessária querer ser, mas querendo aprender a ouvir-se e a ouvir, a amar-se e a amar.

Epi-logos

3. Reflectir sobre espiritualidade e educação.

No ponto 1. afirmei que o grande objectivo, na Fraternidade Espiritana, é responsabilizar os leigos na sua formação e promoção cristã. Esta responsabilização só é possível se a aceitar e a contextualizar no propósito da minha história de educação (minha formação) e na minha filosofia de educação (filosofia de vida). História e filosofia da educação são propostas e teorias que sustentam e garantem o meu futuro educacional enquanto pessoa. A minha reflexão, sobre espiritualidade e educação, incidirá sobre os elementos mais representativos do ser pessoa, que me possibilitam pistas de solução para problemas actuais dentro do contexto real e ideal da minha vivência enquanto ser humano.

É bom salientar que esta análise pressupõe uma filosofia de educação, uma vez que me reporto à história de cada um em particular, ao pensamento educativo de

[34] L.S. III, 189.
[35] L.S. I, 108.

Libermann (espiritualidade) no sentido universal e às implicações práticas que tem na vivência do dia a dia de cada um em sentido pragmático. Enquanto conteúdo, poderia, talvez, ser melhor falar em teoria da educação, mas como não é meu objectivo fazer aqui uma epistemologia, optei pelo vocábulo «filosofia» por entender tratar-se de uma esfera própria e delimitada da minha educação – minha vida, ou como dizia atrás, missão. Filosofia, ainda, porque responde melhor ao meu propósito de compreensão e sentido de vida. Enquanto que a ciência (teoria) procura explicar e compreender um fenómeno para o dominar, a filosofia preocupa-se em explicar e compreender o fenómeno para dar sentido à minha vida. Filosofia de educação porque se preocupa com as finalidades educativas. Não com os fins em si mesmos, mas com o carácter da acção que leva e explica o fim.

Por outro lado, é bom não esquecer que a escolha feita não significa abandono dos restantes aspectos relacionados com a educação. Só que a pluralidade de sentidos que o conceito «filosofia» possui obriga-nos a uma reflexão para o podermos usar correctamente na nossa comunicação verbal e escrita. A esta peculiaridade é necessário juntar e não esquecer a preposição «de» que une os dois substantivos e nos obriga a entendê-la (filosofia de educação) plurissignificativamente como é nosso objectivo.

Todo o contexto manifesta uma necessária classificação terminológica e conceptual, derivada da sua riqueza multissignificacional. Na nossa reflexão o objectivo primordial é ajudar a compreender a situação correlacional da espiritualidade e educação nos seus diversos elementos.

o objectivo primordial é ajudar a compreender a situação correlacional da espiritualidade e educação nos seus diversos elementos

O que a Fraternidade nos oferece é um projecto de acção sobre o homem a partir da acção do Espírito Santo. Esse projecto é pedagógico porque garante uma construção antropológica eminentemente humanista da pessoa, logo educativo. O facto de ser apresentado na segunda pessoa prende-se com o seu fundamento espiritual, ou seja, a necessidade do fundamento é antropológica, inerente às realidades educativas do próprio ser humano contingente e temporal, mas de consciência universal e transcendente, aberto ao outro e a Deus, qual Outro nos outros!

Assim, passando para o terreno concreto da educação enquanto processo educativo, verificamos que só há, verdadeiramente educação quando se garante uma subsistência bio-psíquica, uma subsistência espiritual e uma subsistência social. A subsistência bio-psíquica concretiza-se em termos de ajuda e processo. Enquanto ajuda todos sabemos que um dos objectivos singulares da educação é «alimentar, cuidar...», enquanto processo leva a uma abertura progressiva a níveis de racionalidade e convivência elevados, necessários ao desenvolvimento das diferenças psíquicas primárias. A subsistência espiritual envolve todo o campo cultural. É no mundo que a pessoa humana está, interpreta, toma parte e transforma o meio em que vive num processo lento de ajuda, de correcção, de estímulo no sentido de auto-realização e de abertura ao totalmente Outro, que nos transcende e é Deus. A subsistência social mostra-nos que a pessoa humana não é simplesmente indivíduo, mas sim um ser em relação com os demais. É social e autónomo, o que provoca uma questão profundamente complexa.

Foi, como propósito assumido, mostrar que um dos fundamentos da Fraternidade Espiritana, enquanto campo teórico-prático, inspira e orienta uma actividade educativa no sentido de ajudar a resolver a complexidade própria do viver humano. A Fraternidade é uma mediação, um caminho na busca de mais sentido para a vida – para a verdade. Hoje, com frequência, ouvimos os pedagogos falarem em escola sem muros ... em grupos dialogantes ... em aldeia global. Chegámos à conclusão de quanto é importante, em educação, pôr-se a dialogar, colocar-se ao mesmo nível dos demais para «*cum-vincere*» (vencer juntos, diferente de convencer). Vencer juntos é escolher e seleccionar entre as várias possibilidades aquela que mais pode orientar-se no sentido da verdade. O que os fundadores, sobretudo Libermann, nos propõem está, do meu ponto de vista, não no sentido de ele ser um «sophos», mas um autêntico «philó-sophos» um educador, um amante do saber nos demais. Aliás, toda a educação deve tender para fazer com que o outro seja capaz de encontrar por si mesmo e em si mesmo, o que outros já encontraram. É neste sentido que vejo em Libermann um verdadeiro pedagogo, um metodologista que funciona como companheiro de investigação. Alguém que guia metodologicamente a investigação, que pergunta, que incentiva com a pergunta à busca contínua da felicidade. O dizer de Libermann é um dizer circunstancial, enquanto dialoga consigo mesmo e pensa com os outros, enquanto comunica é um dizer funcional cujo alicerce é espiritual.

Libermann um verdadeiro pedagogo, um metodologista que funciona como companheiro de investigação

Pelo que acabo de dizer parece-me óbvio que o campo da espiritualidade é, sem menosprezar as outras componentes, o primordial porque, como Libermann viu, abrangente de todo o campo cultural. Libermann, com os seus escritos não pretende dar-nos um sistema pedagógico, mas tão só uma filosofia de vida em ordem a iniciar o outro numa «missão» que o eduque. É no campo cultural que a pessoa humana se realiza. Se, por hipótese, como apregoam certos pedagogos com teorias até certo ponto interessantes, não fôr necessário educar espiritualmente, concluímos que pode ser uma grande pedagogia mas não é de certeza uma educação no verdadeiro sentido da palavra. Daí ter optado por educação e não pedagogia. Tão pouco optei por sistema de ensino-aprendizagem uma vez que este preconiza o «ensino» e eu deduzo da Fraternidade uma educação. Educação que surge como um desafio, uma necessidade que o homem sente para se realizar dentro dos limites da sua natureza e liberdade em ordem à salvação – à santificação.

Sem descorar as componentes básicas do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em todas as vertentes da vida humana, proponho uma educação em que o educador gere a capacidade de o aluno ser capaz de decidir por si, autónoma e responsavelmente. A razão pedagógica subjacente a este agir humano está em apontar para uma circularidade hermenêutica de instrumentos éticos, estéticos e psico-sociais que garantem uma oportunidade à realização da liberdade. Não pretendendo fazer uma exposição da problemática da liberdade, gostaria de chamar a atenção para os desajustes que, a liberdade individual, provocaria frente a uma sociedade justa, perfeita a construir em oposição à sociedade real em que vivemos. É de todos conhecida a diferença que existe entre os

valores reais que humanizam e os valores que hoje se apregoam tanto a nível educativo, como político e religioso também, que dão comodidade, bem estar, sucesso na sociedade actual! Porque conhecemos a diferença, temos que abandonar o tempo e o espaço actuais para aceitar, à maneira kantiana, um ideal *a priori*. Ideal que se mostra como sendo único meio para uma liberdade total – Jesus Cristo. Se agirmos com paz, paciência, humildade, liberdade interior e nos despojarmos de nós próprios aprenderemos a viver unidos a Deus. O caminho mais seguro para deixarmos que a acção do Espírito Santo actue em nós é a oração:

"Buscar Deus com pureza, e colocar todo o nosso amor e toda a nossa vida (...) em Deus somente, e não nas alegrias que Ele dá"[36].

A procura é uma das características fundamentais da postura filosófica. Quando essa procura tem como objectivo uma compreensão aberta à harmonia do homem com os outros homens e com o mundo que o rodeia numa pluralidade de opiniões, de maneiras de ser, de estar e de agir é uma forma de realização. Um agir consciente e axiológico como que estando a seguir alguém que não podemos alcançar, mas que temos medo de o perder. Porque o podemos perder a qualquer instante, filosoficamente assumimo-lo como um risco. Porquê um risco?

Porque, na verdade, a espiritualidade, a calma, a serenidade de paz de espírito ajuda-nos a decidir livremente e a precisarmos de momentos de oração ou de diálogos em comunhão com Deus. Esta forma de estar na vida, assumida e responsavelmente, personifica-se numa educação que nos liberta, que nos abre as portas a uma construção consciente e responsável de vida no mundo real em que vivemos, mas para a maioria das pessoas será vista como um fracasso. É necessário não ter receio de manifestar publicamente a educação católica, esta pedagogia não pode ficar restrita ao espaço de «sacristia», mas como dizia atrás «dizer bem – missionário» e divulgá-la como metodologia que permite tomar decisões reflectidas, pessoais e resultantes de uma comunicação interpessoal, social e ética – religião (re+ligar = voltar a unir a Deus). Ou seja, em termos de espiritualidade, o amor, a partilha do bem, a santidade ajudam-nos a aprender a viver.

em termos de espiritualidade, o amor, a partilha do bem, a santidade ajudam-nos a aprender a viver

"Eu vim lançar o fogo à terra. Querendo produzir este incêndio, Jesus meterá necessariamnete tochas ardentes nas mãos daqueles que encarrega de o atear. Porque há então tão poucos santos incendiários? É porque há poucos santos, poucas pessoas unidas a Deus nos hábitos práticos da sua vida. As suas tochas estão condenadas a ficar apagadas (...). É que aqueles que são escolhidos para serem os homens de Deus, os apóstolos de Jesus Cristo, permanecendo amadores de si mesmos (...), a graça santificante (...) não se desenvolve neles, os dons do Espírito Santo são-lhe necessariamente recusados, os desígnios de Deus abortados, e os povos permanecem nas trevas"[37].

Em Libermann, parece-me melhor saber viver para ser, isto é, viver e agir

[36] E. S., 191, cit. por TAVARES, Como leve pena, op. cit, 53.
[37] E. S., 494-495.

como missionário – movido pelo zelo e pelo Espírito irradiando o amor de Deus, mais do que precisar de ter saber erudito, dos livros e da ciência para existir. É possível até que um dos bons esforços de contemporaneidade, nesta perspectiva educativa, seja desfazer os preconceitos elaborados no passado – só o conhecimento científico é que tem valor. É, para mim tal como o foi para Bachelard, ponto aceite que a ciência avança por revoluções e construções. Na Fraternidade Espiritana e na perspectiva libermanniana (espiritualidade) queremos avançar na perfeição porque temos consciência da nossa imperfeição.

"Um dos grandes impedimentos que se encontram na via da perfeição, é o desejo apressado e inquieto de avançar e possuir as virtudes que ainda não possuis. Pelo contrário, o verdadeiro meio de avançar solidamente e a passos largos, é ter paciência, acalmar e apaziguar essas inquietações. Tem em vista, constantemente, chegar ao cimo desta santa montanha, mas caminha sempre pacífica e docemente, segundo as tuas forças actuais, com medo de não chegar ao cimo ou de dar uma queda e rolar até ao sopé da montanha. Não passes à frente do teu guia, com medo de te perderes e caminhares ao lado do caminho que Ele te indica; porque então, em vez de chegares são e salvo, cairias num precipício. Esse guia é o Espírito Santo"[38].

aprendermos a viver unidos a Deus nas coisas do nosso dia a dia deixando-nos conduzir pelo Espírito, num estado de abandono e docilidade

Eu diria, em jeito de síntese, que este é o campo privilegiado da nossa missão apostólica e do nosso serviço – aprendermos a viver unidos a Deus nas coisas do nosso dia a dia deixando-nos conduzir pelo Espírito, num estado de abandono e docilidade tal, que não me coloco aí em função de mim mesmo, mas em função de ajudar aquele que Deus coloca a meu lado. É mais um valor pedagógico que a Fraternidade Espiritana me proporciona – o valor do grupo. O grupo pela sua estrutura, partilha e dimensão de fé, sustentado por uma educação sã, atenta ao todo e ao solitário proporciona-me a nível pessoal, espiritual e social condições de ser mais enquanto humano e enquanto cristão. Por fim enquanto grupo, enquanto nos reunimos em nome de Cristo, formamos mais uma célula do Seu Corpo Místico que se estende e abre a todos os irmãos na fé.

Para terminar resta-me agradecer à Fraternidade Espiritana do Porto, a oportunidade que me dá de uma constante renovação na minha vocação de serviço – educação versus espiritualidade ou espiritualidade versus educação.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M., «Eudemonismo». In: *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo.
LIBERMANN, F., *Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean* (C.S.J.), Paris, Nouvelle Cité, 1987..
LIBERMANN, F., *Ecrits Spirituels du Vénérable Libermann*, (E.S.) Paris, Gaume, 1891..
LIBERMANN, F., *Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann* (L.S)., Paris, Poussielgue, 1889, 3 vol.
MARTINS, A. G. – *Libermann Uma Mensagem Para o Nosso Tempo*. Braga: Barbosa & Xavier, Lda., 1995.
NEIVA, A. T. – *Com a força do Espírito- A Missão Espiritana hoje*. Lisboa, L.I.A.M, 2002.
TAVARES, A. – *Caminhos do Espírito – Duas Vidas, Um Projecto Missionário*. Braga: Editorial A. O., 1997.
TAVARES, A. – *Como Leve Pena ... Orar ao Sopro do Espírito*. Braga: Editorial A. O., 2001.

[38] L. S., II, 218.

Hugo Ventura *

estágio missionário: ao serviço da igreja local

Não posso deixar de recordar o espírito de solidariedade e de partilha que pude descobrir nesta Igreja brasileira. Foi sem dúvida uma agradável surpresa. As dioceses do sul do país, com mais pessoal (padres, irmãs, leigos comprometidos) e mais capacidade económica, ajudam as dioceses do norte, mais pobres e com pessoal insuficiente. Isto é verdadeiro espírito de Igreja Universal

"Dirigimo-nos especialmente aos povos, grupos e pessoas, que não ouviram ainda a mensagem evangélica ou mal a ouviram, àqueles cujas necessidades são maiores e aos oprimidos. Aceitamos também, de bom grado, tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros".[1]

Como Missionário do Espírito Santo, de acordo com o nosso esquema de formação, no final do curso de Teologia fui enviado para fazer estágio missionário. O país escolhido foi o Brasil. Trabalhei na Prelazia de Tefé, no interior do estado do Amazonas. Durante um ano e meio pude fazer uma descoberta prática e prolongada da vida missionária. Quero partilhar aqui, em forma de avaliação e releitura desta experiência, alguns aspectos que eu vivi de verdadeiro serviço a uma Igreja local.

* Jovem espiritano licenciado em Teologia. recentemente ordenado e nomeado para Tefé, Amazónia.

[1] Regra de Vida Espiritana (RVE) nº4. 103-109

Passados poucos dias que cheguei à cidade de Tefé, a 525 km de Manaus, algo aconteceu que marcou fortemente toda a minha experiência missionária. Fiquei a conhecer um menino chamado Rikson. Conheci esta criança num sábado à noite. Estava na comunidade de S. António numa festa de convívio com os jovens da cidade. Já estávamos a meio da festa quando alguém me procura. Não conheço o senhor que me está a falar, mas ele sabe que eu sou seminarista. Este jovem pai estava desesperado, pois o seu filho mais novo, Rikson, estava muito doente, entre a vida e a morte, e os pais queriam baptizá-lo. Lá fomos os dois de moto a toda a velocidade. Cheguei a sua casa e lá estava esta pequena criança com uma respiração ofegante deitada na cama dos pais. Realizou-se o baptismo desta criança, estando os seus pais e também padrinhos ao seu lado. Este foi o meu primeiro baptismo. E não o posso esquecer devido às circunstâncias em que este aconteceu.

No rosto deste pequeno, que felizmente está de saúde, pude compreender que o mundo que me rodeava era bem diferente e que era preciso estar de olhos bem abertos!

"Existem ainda vastas áreas onde as Igrejas locais não se encontram, ou são insuficientes relativamente à vastidão do território"[2]

Este é, na verdade, um dos elementos característicos da missão nesta região. A Igreja que encontrei nestas terras é uma Igreja com pouquíssimos padres. A Prelazia, pois ainda não tem estruturas e pessoal para ser diocese, de Tefé é, a nível territorial, enorme. Tem cerca de 264.000 Km2! Duas vezes e meia o nosso "grande" país que é Portugal! E para toda esta imensidão apenas 11 padres! São 10 as Paróquias, e algumas delas não têm padre residente.

Na Prelazia de Tefé não há padres originários da região: o Bispo é espiritano – D.Sérgio Castrianni, são 7 os Padres dos Missionários do Espírto Santo (Holanda, Portugal, França, Espanha), 2 da Sagrada Família e 2 Diocesanos de outras dioceses do Brasil. Estes felizmente não estão sós. São três as Congregações Religiosas Femininas e ainda uma Equipa de Missionários Leigos.

Cada paróquia tem uma média de 40 a 50 comunidades. Muitas destas, devido às distâncias e ao difícil acesso só têm a visita do sacerdote uma vez por ano. Daí que o catequista tenha uma missão tão importante numa região como esta. Nalgumas visitas feitas a essas comunidades pude sentir esses problemas e desafios para as comunidades.

Apesar de ainda não haver padres originários da região, há um esforço em dinamizar e desenvolver uma Pastoral Vocacional séria junto das comunidades, famílias e principalmente dos mais jovens. Fiz parte de uma equipa vocacional, a qual era composta por um padre, uma irmã, alguns jovens e também um casal. Era essencialmente um trabalho de discernimento vocacional, seja para os que queriam ou pensavam ser padres, como para os que quisessem seguir um caminho diferente.

No Centro Vocacional estão os seminaristas da Prelazia. Não são muitos,

[2] Redemptoris Missio (RM), 49.

aliás um pequeno grupo. Mas pode ser o início para que esta Igreja possa caminhar com seus próprios pés. Para Libermann esta era uma das chaves principais, a formação de clero indígena.[3] O director deste Centro Vocacional é um padre Espiritano, mas a formação que é dada aos jovens seminaristas é com um fim de serem padres diocesanos e não espiritanos. É uma aposta no futuro da Igreja nesta região amazónica. Aliás este é um esforço e uma orientação que está a ser tomada por todos os missionários, das diferentes congregações.

A messe é imensa, mas com tão poucos operários o que fazer? Uma das respostas é descobrir a missão dos leigos e apostar na sua formação. As 10 paróquias da Prelazia estão divididas em sectores. Para cada sector há um animador ou uma equipa que procura animar, incentivar e acompanhar mais de perto as comunidades. Para estes a Prelazia elaborou um programa de formação de 3 anos. No entanto, só podem prestar esse serviço depois de alguma experiência como catequistas nas comunidades e de serem escolhidos por estas. É um programa que consta de 6 etapas, duas por ano. Cada uma dessas etapas tem a duração de 15 dias – noite e dia! É um programa sério e bastante completo, seja com um conteúdo teológico bastante alargado, seja de formação humana e escolar. Durante quase um ano pertenci à equipa encarregada por esta dimensão, formação dos Animadores de Setor da Prelazia. Foi interpelante ver a fé destas pessoas, o interesse e a fome de saber de homens e mulheres para estarem aptos neste ministério ao serviço da Igreja local. Este é, sem dúvida, um dos passos importantes para criar uma Igreja sólida e inculturada.

Não posso deixar de recordar o espírito de solidariedade e de partilha que pude descobrir nesta Igreja brasileira. Foi sem dúvida uma agradável surpresa. As dioceses do sul do país, com mais pessoal (padres, irmãs, leigos comprometidos) e mais capacidade económica, ajudam as dioceses do norte, mais pobres e com pessoal insuficiente. Isto é verdadeiro espírito de Igreja Universal. Neste sentido, se entende a presença de uma equipa de leigos missionários nesta Prelazia de Tefé. Leigos que dão testemunho de grande amor e dedicação. Leigos que têm ao seu encargo uma paróquia onde se encarregam da animação, celebração e formação, visto que o padre só se faz presente algumas vezes por ano.

"Consideramos como tarefas particularmente importantes nos dias de hoje: o apostolado junto dos jovens, cuja situação reclama mais do que nunca obras sociais e educativas" [4]

Durante este estágio, na linha da nossa missão como espiritanos e da orientação Pastoral da Prelazia, acompanhei de perto a Pastoral da Juventude. É, na verdade, um trabalho urgente e necessário. A percentagem da população jovem

[3] Daí que ele se dedicasse tão intensamente ao problema da preparação do clero nativo. Em 1844, numa carta a Ana Maria Javouhey -"Formar um clero indígena é a coisa mais importante e mais útil à qual nos aplicaremos, com todas as forças. Não creio que seja possível, sem isto, chegar a resultados felizes" – Lettres Spirituelles (L.S.) III, 409

[4] RVE, nº 18.1

é bastante elevada. Mas esta encontra-se, como aliás todo o povo, abandonada, sem educação de nível, sem espaços culturais, sem emprego, sem perspectivas de futuro. Daí até enveredar pelo caminho da droga, da prostituição e da criminalidade é um passo muito pequeno e infelizmente dado por muitos jovens.

Esta Pastoral da Juventude "visa ajudar o jovem a transformar-se em homem (mulher) vivo (a) por meio de uma autêntica vivência do Evangelho e impulsionar o jovem a que na medida em que evangeliza, evangelize e transforme o seu meio específico de acordo com os valores cristãos". Juntamente com outros jovens, procuramos dar uma formação humana e espiritual para os que participam dos grupos, mas também procuramos que estes tenham intervenção a nível social.

Na quaresma de 2001, a Campanha da Fraternidade, que se realiza em toda a Igreja do Brasil, teve como tema: "Vida sim, drogas não!" Tema que tocou bem de perto a realidade do jovem. Fizemos um esforço de coordenação de energias tendo como fim o abordar do tema das drogas, do álcool e alertar a juventude para este drama que afecta tanto a sociedade brasileira como mundial. Tomámos algumas iniciativas junto dos grupos de jovens, nas escolas, nas Igrejas, caminhadas, celebrações, retiros, tudo para tentar levar o mais longe possível esta mensagem de vida – "Vida sim!"

Estas são algumas impressões do que vi e vivi durante esta experiência missionária. Pude sentir e compreender melhor o que é ser Igreja e de me comprometer mais na missão de Cristo Redentor no mundo. Pude também compreender a actualidade deste sonho missionário de Libermann para o continente africano. Mas que sonho era esse?

Projecto Missionário de Libermann

Francisco Libermann, um dos fundadores dos Missionários do Espírito Santo, tem uma visão bastante ampla do que é ser Igreja. Aponta para a necessidade de se formar uma Igreja local sólida para que esta Boa Nova entre na cultura de um povo. Uma das orientações que dava aos seus missionários era que estes não se preocupassem apenas em fundar igrejas nas terras de missão, mas em fundar igrejas com a cor local. "*Um só caminho nos parece viável: o de nos apoiarmos desde o princípio numa organização estável e inerente ao solo que queremos cultivar*".[5] Libermann não nos fala em inculturação, mas dá elementos concretos para que o Evangelho assente na cultura da terra, na sua língua, na sua gente e no seu viver.

Sente que é urgente evangelizar. Mas não pretende que essa evangelização seja feita de modo anárquico e superficial. É por este motivo, e tendo em conta o compromisso de evangelização em África, que ele apresenta à Congregação da Propaganda três Memoriais sobre o seu Projecto Missionário para esse continente.[6]

Propõe estes planos sempre com uma perspectiva de futuro. Está bem cons-

[5] Notes et Documents (N.D.) VIII, 242.

[6] O primeiro é de 27 de Março de 1840. O segundo, de 23 de Outubro de 1844. O último é de 15 de Agosto de 1846.

ciente de que estes planos não são fixos, mas provisórios, flexíveis e sujeitos a mudança, conforme o tempo e a experiência o vão dizendo – "*Para obter um resultado estável, é preciso que uma visão de futuro presida aos projectos, e uma perspectiva do tempo à execução dos detalhes, que pedem uma grande paciência e perseverança*".[7]

Para ele, evangelizar é significado de edificar a Igreja. Uma evangelização em profundidade conduz necessariamente à formação de novas comunidades de fé em Jesus Cristo. Deseja edificar sobre rocha firme. Quer uma igreja que possa continuar a viver e a crescer, mesmo depois dos missionários estrangeiros partirem. Importa, sim, "*formar solidamente e de modo estável*".[8]

A base deste Projecto Missionário é a **alfabetização**. Alfabetização essa que permitirá aos jovens terem uma compreensão mais fácil do Evangelho e que, ao mesmo tempo, pode criar uma base de desenvolvimento e promoção humana. Este é o meio que Libermann apresenta para que o Evangelho se enraíze na alma de um povo e para que surjam verdadeiras comunidades cristãs.

Outro elemento importante, neste processo de evangelização que Libermann propõe aos seus missionários, é a **formação de leigos**. Leigos que colaborem na evangelização, tanto como catequistas como noutras profissões. Trata-se de Agentes de Evangelização, líderes de comunidade que surgem do próprio povo e que podem ser garantia de uma Igreja bem alicerçada. Para estes, vendo neles um papel importantíssimo, Libermann chega a propor a Roma que lhes sejam conferidas as ordens menores. Proposta que será recusada. Mas esta aparece como uma visão profética na compreensão dos ministérios eclesiais, tendo como fundamento a prática das primeiras comunidades.[9]

Mas a chave principal em todo este processo é o **clero local**. É um dos problemas com o qual ele se preocupa a fundo. Trata-se da criação e formação de um clero indígena capaz de vir, no futuro, a tomar em suas mãos a responsabilidade da Igreja local. Aos missionários que envia para a missão, Libermann dá orientações para que sejam formados sacerdotes nativos - "*Cada vez me convenço mais de que é preciso decididamente lançar mão de todos os meios possíveis para formar um clero indígena*".[10] Chegou a fazer vários projectos para abrir seminários menores na África, e trazer depois para a Europa os seminaristas para os cursos de Filosofia e Teologia, mas alguns desses projectos não foram em frente.

A todos os missionários incentiva a que estejam ao serviço do crescimento destas Igrejas: procurando ajudá-las a crescer, de tal modo que elas possam assumir a sua própria caminhada e prontos a retirarem-se quando a sua presença já não fôr necessária.

Com este Projecto Missionário, Libermann mostra que a maneira mais eficaz para assegurar a tão desejada estabilidade da Igreja em África, ou noutros conti-

[7] N.D. VIII, 242.

[8] Ibidem.

[9] Cf. N.D. VIII, 246-247.

[10] L.S. IV, 120; N.D. X , 453 - "Os missionários deverão procurar formar, por todos os meios que a Providência lhes proporcionar, um clero tirado do próprio país"

nentes, será fazer com que a África, ela mesma, construa a sua história, com o seu clero, os seus religiosos, as suas religiosas, os seus catequistas, etc. Que aí nasça uma Igreja sólida e alicerçada em Cristo. A necessidade da Igreja local para o anúncio do Evangelho foi uma das grandes intuições de Libermann. A sua doutrina a este respeito está perfeitamente em sintonia com a doutrina do Vaticano II e mesmo com a actual Teologia da Missão.

3. A Missão de Cristo Redentor

" *A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. (...) Uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço*"[11]

Na Encíclica Redemptoris Missio, o Papa João Paulo II, aborda o tema da Actividade Missionária da Igreja. Recorda um aspecto essencial da missão da Igreja: toda a Igreja é, por natureza, missionária e todo o cristão é, pelo baptismo, chamado a ser Apóstolo - "*O Senhor Jesus enviou os seus Apóstolos, a todas as pessoas, a todos os povos e a todos os lugares da terra. Nos Apóstolos, a Igreja recebeu uma missão universal, sem limites, referindo-se à salvação em toda a sua integridade, segundo aquela plenitude de vida que Cristo veio trazer: ela foi enviada para manifestar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e povos*". [12]

O Projecto do Pai, de querer salvar todos os homens, de fazê-los participar de sua vida e amor, leva-O a enviar ao mundo Seu Filho Jesus e o Espírito Santo. Cristo é o Enviado, o Missionário do Pai. Depois do Pentecostes, toda a Igreja é convidada a ser missionária, a ser testemunha: "*Ide, pois, ensinai todas as nações*(...). *Eu estarei convosco todos os dias até aos confins do mundo*".[13]

A Igreja não pode entender-se a partir de si mesma. Ela não existe para si mesma. Está ao serviço do Reino de Deus. E o mundo é o lugar da realização histórica deste Reino.

Hoje, mais do que nunca, o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres[14], pelo que uma das primeiras formas de evangelização é o testemunho. "*É a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar*"[15]. Nesta encíclica, o Papa lembra alguns aspectos deste testemunho a que o mundo de hoje é particularmente sensível:

– A atenção às pessoas e a caridade para com os pobres, os mais pequenos e os que sofrem;

---

[11] RM, 1.
[12] Ibid, 31.
[13] Mt 28, 18-20.
[14] Cf. EN, 41.
[15] RM, 42.

– O empenho pela paz, pela justiça, pelos direitos do homem e pela promoção humana;

– As tomadas de posição corajosas e proféticas, face à corrupção do poder político e económico.[16]

Um segundo passo é o anúncio de Cristo Salvador. Pretende-se sublinhar que a Igreja, em toda a sua existência, tem esta prioridade: proclamar a Boa Nova de que Deus ama os homens e os quer salvar. Trata-se da proclamação a todos os povos do Mistério de Cristo: crucificado, morto e ressuscitado.[17]

A conversão é, então, a consequência do acolhimento e da escuta da Palavra de Deus. O Papa define esta conversão como "*adesão plena e sincera a Cristo e ao seu evangelho, mediante a fé*".[18] Trata-se de uma nova vida, à qual se refere Jesus no seu diálogo com Nicodemos, e que se concretiza no Baptismo, sinal e sacramento da conversão – "*O baptismo, de facto, regenera-nos para a vida de filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e unge-nos no Espírito Santo*".[19]

Uma vez convertidas as pessoas, a actividade missionária leva-as a viverem em comunidade, partilhando a fé e a caridade. É essa comunhão que se chama Igreja local. Diz- nos a Redemptoris Missio: "A *missão Ad Gentes tem este objectivo: fundar comunidades cristãs, desenvolver Igrejas até à sua plena maturação. Esta é uma meta central e qualificativa da actividade missionária...*".[20] A actividade missionária só atinge o seu fim quando se cria esse sinal (Igreja) que é sacramento que revela ao mundo todo o mistério do amor de Deus.

Insiste, ainda, para que se encontrem modelos eclesiais – "*grupos de cristãos, a nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum*"[21]- que ajudem a viver intensamente este mistério da Igreja. Nesta linha de pensamento, João Paulo II salienta um desafio para toda a Igreja, o da incarnação do Evangelho na cultura dos povos. Este é um desafio "*particularmente agudo e urgente*".[22]

Nesta Encíclica o Papa explicita corajosamente o sonho missionário de Jesus: "*Como o Pai me enviou também eu vos envio...*".[23]

Foi com este mesmo sonho missionário que eu parti para terras da Amazónia. Também eu senti que "nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar a este dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos".[24]

[16] Cf. Ibid, 42-43.
[17] Cf. Ibid, 44-45.
[18] Ibid, 46.
[19] RM, 47.
[20] Ibid, 48.
[21] Ibid, 51.
[22] Ibid, 52.
[23] Jo 20, 21-22.
[24] RM, 3.

biblioteca espiritana - documentos

Nesta secção da revista pretendemos dar destaque a todos os documentos, antigos e actuais, sob a forma de livro ou outro, que constituem um enriquecimento daquilo a que chamamos Biblioteca Espiritana e nos parece importante apresentar como subsídios significativos para a historiografia da missão espiritana. Neste número apresentamos dois: A mensagem do Superior Geral da Congregação do Espírito Santo para o Pentecostes deste ano e um trabalho do insígne historiador espiritano António Brásio (1906-1985), de saudosa memória, sobre A Regra Provisória da Obra dos Negros.

Documento 1
Mensagem do Superior Geral para o Pentecostes 2002

A ÁFRICA COM A FORÇA DO ESPÍRITO

Creio no Espírito Santo que é Senhor e dá a vida (Credo de Niceia-Constantinopola)

Libermann convida-nos a ser como leve pena levada pelo sopro do Espírito. Ainda é necessário que o vento sopre. De onde nos vem, hoje, a inspiração? O Ano Espiritano é um acto de fé, radicado na experiência de que relendo o nosso passado muitas vezes somos tocados, encorajados e revigorados. O Espírito sopra quando fazemos memória dos nossos fundadores e das testemunhas da nossa his-

tória. Nesta vigília do Pentecostes, dirigimos a nossa atenção para o nosso passado e o nosso presente em África, o continente onde, na verdade, investimos o máximo no decurso da nossa história.

Compromisso na vida e na morte

A África já não é somente um lugar onde os Espiritanos vão em missão. Este continente entrou na nossa Congregação com cerca de 1000 membros africanos. Sobretudo a partir de Libermann, a missão em África imprimiu a sua marca na nossa família religiosa. O *Livro dos Aniversários Espiritanos* que vai aparecer em breve, bem como outras publicações históricas dão disso testemunho. Um espiritano brasileiro dizia-nos no CGA de Dacar que os espiritanos que tinha encontrado carregavam em si mesmos as suas experiências de África das quais falavam sem cessar.

Há uma história de amor entre a Congregação e a África. Libermann comprometeu-se numa aventura impossível apesar da sua pobreza extrema. Não tinha nem saúde, nem dinheiro, nem pessoal e de início nem era considerado. Mas, mesmo sem pôr os pés em solo africano, deixou-se apaixonar pelos povos de côr, animado por uma visão de fé: *O meu coração é dos Africanos, todo dos Africanos... Quero que toda a minha vida seja ocupada a fazer a felicidade dos homens da África, não somente a sua felicidade sobre a terra, mas sobre tudo no céu.* (Carta a Eliman, rei de Dacar, em 1848, ND X, 24).Convidava ao respeito pela sua cultura e a uma atitude humilde: *Fazei-vos para eles como servidores que devem servir os seus senhores*, escreve aos seus missionários em 1847.

Sabemos pela nossa experiência missionária que "colocarmo-nos sob a influência do Espírito" não significa ficar suspenso nos ares. Os túmulos dos jovens missionários são disso testemunho. No decurso de uma visita ao velho cemitério da Huíla, em Angola, um dos catequistas do Centro de Formação tomou a Bíblia para nos ler a passagem de Marcos: *Ninguém terá deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa ou por causa do Evangelho, sem que receba o cêntuplo já neste tempo... e, no mundo que vem, a vida eterna.* (Mc.10,29-30).

No primeiro dia do *Livro dos Aniversários* é evocado o massacre de Kongolo. Outros confrades perderam a vida em Angola e na Serra Leoa. A nossa história recente em África foi marcada pelas guerras da independência e por guerras civis. A nova tomada de responsabilidade pelos Africanos do seu próprio destino na sociedade e na Igreja foi também para muitos confrades um desafio por vezes doloroso, mas finalmente purificador. A partida forçada ou julgada oportuna de grupos numerosos de Espiritanos, representou um grande sofrimento. Muitos partiram novamente para outros horizontes, na América Latina e América do Norte, Austrália, Papuásia e para outros países africanos. A provação africana tornou-se fonte de bênção noutras paragens.

Se o grão de trigo...morre, dará fruto em abundância (Jo 12,24).

Do mistério da morte e ressurreição assim vivido nasceram as Igrejas locais em África. E nós fomos abençoados pelas vocações que rejuvenescem o nosso

Instituto. A nossa missão em África é cada vez mais conduzida pelos nossos confrades africanos, nas 5 Províncias africanas e nas Fundações. Os confrades europeus estão a diminuir rapidamente. Por vezes, não ficam mais que um ou dois, como testemunhas. A sua presença é importante pela sua experiência e pela ligação com um outro continente. Ao mesmo tempo, os confrades africanos estão a tomar parte em novas iniciativas espiritanas em todos os continentes. Alguns trabalham nas antigas Províncias da Europa e da América do Norte, onde são, também eles, testemunhas de uma vitalidade nova vinda de África. Um movimento semelhante está a iniciar-se noutras fronteiras da nossa missão, na América Latina e nas Caraíbas. Nesta história complexa marcada pela África, aparecem-nos os traços do Espírito que não sabemos nem de onde vem nem para onde vai (Jo. 3,8).

A nossa Congregação mudou muito no decurso dos últimos decénios com uma nova organização, um novo recrutamento, novos campos de apostolado em todos os continentes. Mas o nosso compromisso maior é sempre em África.

O Senhor Espírito Santo.

O mais importante é que, onde quer que estejamos, não caiamos na superficialidade, na facilidade, na aparência, mas que vivamos como os nossos predecessores, na força do Espírito. Muitos Espiritanos não saíram indemnes das convulsões em África. Mas se curvaram a espinha debaixo da tempestade, depois ergueram-se de novo. Os seus recursos não estavam tanto na força física, nas múltiplas capacidades, na astúcia, no temperamento. Por detrás de tudo isso, havia a vida segundo o Espírito, aprendida pouco a pouco na escola de Libermann, alimentada pela oração, pela vida comunitária e pelo próprio serviço e a defesa dos pobres. Neles agia a força tranquila do Espírito. Ele prepara-nos para o dom total de nós mesmos pelo Reino (RVE 10).

Corremos o risco de ser desviados pela cultura ambiente para uma simples auto-realização, um simples desenvolvimento e investimento das nossas próprias energias. Quando falamos do espírito tratar-se-á do nosso? O da tradição cristã tem uma maiúscula. Nos Açores, uma devoção muito popular celebra o Senhor Espírito Santo. A força espiritual autêntica é aquela que vem do Espírito. Dele nos vem uma certeza e uma autoridade como dom de irradiação gratuita de testemunhas, sem comparação possível com aquilo que podemos extrair de nós mesmos.

Creio no Espírito Santo que é Senhor. Ele suscita em nós a confiança que colocou em Jesus e que lhe fez dizer Abba, Pai, no Getsémani (cf.Gal 4,6). Ele põe igualmente em nós a confiança nos outros e faz-nos reconhecê-los como irmãos e irmãs. É o Espírito filial, que procede do Filho. Da confiança nasce a força do serviço activo e a liberdade interior para amar gratuitamente, perdoar e empreender. O Espírito é criador, ele procede do Pai. A Virgem nos inspire a fé do seu Coração Imaculado, disponível ao imprevisto e ao dom total.

Que a festa do Pentecostes nos coloque a todos sob o sopro do Espírito, que é Senhor e que dá a verdadeira vida.

Fraternalmente,

Pierre Schouver, CSSp.

Documento 2

A Regra Provisória da Obra dos Negros

É o cardeal Pitra quem o afirma: " *Enquanto esteve em Roma, de 6 de Janeiro de 1840 até 8 de Janeiro de 1841, mais de um ano, Libermann foi gratificado, de maneira permanente, pelo dom da ciência infusa, que é reservado a certos místicos. Este dom da ciência infusa não deve ser confundido com o dom de "ciência" conferido pelo sacramento da Confirmação. Este dom sobrenatural tem dois graus. No primeiro combina-se, sem se confundir, com as ciências adquiridas por via ordinária; no segundo ultrapassa inteiramente as forças naturais de quem o recebe*" [1]

Enquanto esteve em Roma, Libermann escreveu duas obras influenciado pelo Espírito, completamente diferentes quanto ao fundo e quanto á forma: a "Regra Provisória dos Missionários do Sagrado Coração de Maria", ou "Regra da Obra dos Negros" e o " Comentário do Evangelho segundo S. João". Ambas foram escritas num clima de oração contemplativa, sob a inspiração do Espírito Santo. O Comentário é uma sinfonia inacabada, escrita em estado de oração mística, sem recurso a fontes da humana sabedoria, sem conselho de ninguém, sem ter aberto um livro a não ser o Novum Testamentum, sem uma nota sequer.

Libermann dá a razão última deste facto extraordinário em exegese bíblica. "Quando a alma está em paz, na paz do Espírito divino, e que repousa sobre o seio de Jesus, como o Apóstolo S. João e que neste repouso e nesta paz nos deixamos arrastar doce e suavemente pelo sentimento interior, deixando correr do coração o que o divino amor nele opera, ficamos penetrados por este divino perfume. É a acção do Espírito Santo" [2]

Quando a alma está em paz, na paz do Espírito divino ficamos penetrados por este divino perfume

É para nós ponto assente que a "Regra da Obra dos Negros" é superior ao "Comentário", meditação estritamente pessoal, destinada por ele ao fogo. A "Regra", sinfonia perfeitamente acabada, tem por fim dar aos Missionários do Coração de Maria, a Obra dos Negros, o "impulso sobrenatural" para realizarem com espírito bem determinado a sua vocação apostólica.

Desde a morte do Venerável Padre, em 1852, a sua obra foi remodelada nada menos de cinco vezes, completamente, em 1855, 1875, 1906, 1921 e 1957, em média todos os vinte anos. O que não estará é provado que as Comissões encarregadas da revisão, a tenham feito com o espírito de oração e de paz com que foi escrita a primeira versão. Libermann escreveu um Guia em que exaltava a vida missionária, os juristas de 1855 e dos anos seguintes fizeram um "código de estrada".

O dom gratuito da ciência infusa fará dele o pioneiro da África Negra

O dom gratuito da ciência infusa não foi dado a título temporário ao Judeu há pouco convertido: teve-o durante 12 anos, permanentemente até à morte. E é este dom que explica as suas intuições extraordinárias, as suas decisões rápidas no

[1] Pitra, Vie du R. P. Libermann, Paris, Lanier, 1855, 646-647.
[2] Notes et Documents (N.D.) III, 186.

meio das maiores dificuldades, as suas grandes realizações. Este dom fará dele o pioneiro da África Negra, um pioneiro cuja doutrina apostólica não envelheceu com o rodar dos anos, e exactamente, porque ela está impregnada da frescura e da força evangélicas. Pois não é verdade que Libermann foi o fundador segundo os decretos do vaticano II ? Não foi ele um pioneiro do decreto "Ad Gentes" ?

Não foi ele um pioneiro do decreto "Ad Gentes"

Mas importa fazer a história do aparecimento da "Regra Provisória da Obra dos Negros". E antes de mais nada ouçamos o testemunho do P. Libermann. Ele é de primeiríssima ordem.

Escrevendo ao pároco de Nossa Senhora das Vitórias, o Padre Desgenettes, de la Neuville, em 9 de Fevereiro de 1844, Libermann diz-lhe com "simplicidade e confiança" que a "Obra dos Negros" deve a sua existência e todos os seus progressos "à poderosa protecção do Santíssimo Coração de Maria". Apesar das dificuldades, que, humanamente falando, ultrapassavam em muito a nossa fraqueza, "eu sentia uma tristeza profunda, não ousando descobrir a ninguém o nosso projecto, porque ele me parecia uma loucura segundo as luzes da razão e devia parecê-lo também a qualquer pessoa prudente". Esta tristeza mortal, tinha, no entanto, a sua contra-partida. A razão dizia a Libermann que a sua Obra dos Negros era uma aberração. Mas Libermann tinha também um coração. E este tem por vezes razões que a razão não compreende. "Eu sentia em mim um forte impulso e um sentimento de confiança ilimitada no Santíssimo Coração de Maria".

Pobre Libermann ! "*As pessoas a quem confiara o meu projecto* – estamos em 1840 – *censuravam-me e procuravam dissuadir-me. E no entanto eu não podia deixar de andar para a frente, tanto este sentimento de confiança em Maria, me impedia de escutar o que me diziam os homens para me desanimarem* " [3]

Mas para Libermann não bastava este "impulso interior", ele queria conhecer a "vontade divina sobre o fundo da Obra". Os amigos censuravam-lhe a "inacção" em que ele jazia. Mas Libermann tinha razões para deixar correr as coisas por si. " O meu projecto aparecia-me tão contrário às regras ordinárias da prudência, que eu estava persuadido de que todos aqueles a quem pedisse auxílio mo negariam. Ficava-me apenas a confiança em Maria para me sustentar" Libermann passaria dois meses neste estado. As pessoas consultadas tinham a sua ideia como uma vã quimera.

ele queria conhecer a "vontade divina sobre o fundo da Obra

Passados dois meses, Libermann apresentou ao secretário da Propaganda Fide, Mons. Cadolini, um memorial, em que expunha a essência do seu projecto, e recolheu-se à sua solidão, na qual esperou a manifestação da vontade de Deus. A sua confiança no Santíssimo Coração de Maria era total, a sua alma estava em perfeito repouso, tinha no coração "*uma inabalável confiança de que Deus aceitaria a Obra dos Negros e lhe daria todo o êxito, apesar de todas as aparências em contrário*". [4]

confiança no Santíssimo Coração de Maria era total

A sua confiança em Deus e no Coração de Maria era tal, que "no momento

[3] Lettres Spirituelles (L.S.) III, 361.
[4] Iibidem, 363.

em que tudo parecia perdido, me pus seriamente a traçar o plano sobre o procedimento a ter na nossa obra, a marcha que devia seguir na sua execução, o espírito em que deviamos viver". E foi na elaboração deste plano que lhe sucedeu o que ele chama "uma coisa singular" e que verdadeiramente o é. Apenas Eugénio Tisserand era de parecer que se devia consagrar a "Obra dos Negros" ao Sagrado Coração de Maria. Tanto Libermann como Le Vavasseur não viam como uma obra apostólica devesse ser consagrada ao Coração de Maria, querendo que o fosse à Santa Cruz. Não teve sequer a ideia de que as virtudes fundamentais do apostolado estavam no Coração da Mãe de Deus.

Libermann decidira-se, portanto, pelo vocábulo de Santa Cruz. E buscava ideias, torturava-se para traçar o plano da Obra, "mas era impossível encontrar uma ideia que fosse". O negrume era perfeito e completo. Mas Libermann não podia ficar eternamente à espera que lhe viesse a inspiração. E aí o vemos nós, descer das suas águas furtadas em casa do Sr. Partriarca, deixando o Vicolo del Pinaco, nº 31, e caminhar apressadamente, em passos miudinhos, em visita às sete igrejas de Roma, começando pela de S. Pedro e indo em seguida a S. Paulo, a S. João de Latrão, a Santa Cruz de Jerusalém, S. Sebastião, S. Lourenço, para finalizar em Santa Maria Maior. Um dia inteiro, a pé, comendo provavelmente, ao meio dia, à porta caridosa de algum convento. Entrou em seguida em algumas igrejas dedicadas à Santíssima Virgem, e foi então que "sem poder dar-me conta do porquê, estava resolvido a consagrar a Obra dos Negros ao Sagrado Coração de Maria. "Entrei nas minhas águas furtadas, sentei-me à minha tosca mesa e deitei mãos à obra para recomeçar o dito plano. E então vi claro, num só golpe de vista abracei o conjunto e todos os desenvolvimentos em pormenor. Isto foi para mim uma alegria e uma consolação inexprimíveis".

deixando o Vicolo del Pinaco, nº 31

em visita às sete igrejas de Roma

No decorrer do trabalho vinham por vezes embaraços, ficava na obscuridade. E então recorria ao estratagema que nunca falhou. Descia novamente das suas frígidas águas furtadas e ia visitar uma igreja de devoção a Maria: Santa Maria Maior, Santa Maria no Transtévere, a Madona del Parto na Igreja dos Agostinhos, a Madona della Pace, e estava certo de que, voltando ao seu remanso, só tinha de pegar na pena: as dificuldades aplanavam-se, o incerto esclarecia-se. [5] Libermann vem dizer-nos desta maneira singela que foi Maria Santíssima a inspiradora da "Regra da Obra dos Negros": a Congregação do Sagrado Coração de Maria.

Descia novamente das suas frígidas águas furtadas e ia visitar uma igreja de devoção a Maria

Ao escrever de Lião, em 19 de Dezembro de 1839, indo a caminho de Roma, Libermann confiava a um sacerdote, que "*estava abandonado e isolado de todo o socorro, não tendo sequer de que viver, nem modo de ganhar a vida, nem onde repousar a cabeça, sem qualquer esperança da parte dos homens. Sinto-me perdido e sem meios. Confesso-vos que ao pensar nisso, considero a Obra dos Negros como uma loucura, e como uma presunção, se não sentisse na minha alma uma grande humilhação diante de Deus. O meu espanto é tão grande que nem sei que pensar. Mas a minha confiança está em Nosso Senhor*". [6]

[5] Ibidem, 364-365.
[6] L.S. II, 320

Isto, esta desesperança nos homens, este vazio absoluto criado, sentiu-o Libermann em Roma, quando Máximo de la Brunière seu "superior" o deixou sem vintém, sem eira nem beira. Bem lhe diziam em Paris, Lião e em Roma, desaprovando o seu projecto. Máximo de La Bruniére, apesar da sua juventude, tinha as suas basófias. "Não cessava de me contrariar e de me aborrecer", queixava-se Libermann a Dom Salier, "vendo-me desprezado e impotente, acabando por me abandonar e regressar a Paris". Não haja dúvida: desempenhava lindamente o seu papel de "superior" da Obra dos Negros. Há uma palavra portuguesa, que por ser pouco académica não emprego, mas que está nos lábios de todos, que define o procedimento deste jovem de 23 anos para com Libermann. Era verdadeiramente um cáustico cravado na alma sensível do desventurado convertido.

Em 9 de Julho de 1840, Libermann pedia conselho a Dom Salier sobre a Regra Provisória, que tencionava redigir, desde as origens da Obra dos Negros e antes da partida dos missionários, a fixar definitivamente após vários anos de experiência. E a razão dada por Libermann parecia evidente: se os Missionários partissem e se estabelecessem em diversas regiões e se dessem inteiramente a seus trabalhos, sem terem uma regra na mão, "é quase impossível que a obra se forme". A autoridade será arbitrária, pois cada superior agirá segundo as suas próprias ideias. O Superior da Congregação do Espírito Santo e de S. Sulpício diziam que não tendo Libermann experiência do ministério, não podia escrever uma Regra. Este respondia: " Eu sinto bem que é assim, mas não se trata de elaborar uma regra completa e estável, mas de estabelecer o verdadeiro espírito da Obra. No futuro mudar-se-á conforme o mostrar a experiência".

não se trata de elaborar uma regra completa e estável, mas de estabelecer o verdadeiro espírito da Obra. No futuro mudar-se-á conforme o mostrar a experiência

"Comecei a escrever esta Regra e está mais ou menos a meio. Eis como procedi: Primeiramente o texto da Regra, dividido em partes, capítulos e números; cada regra tem o seu número. Além disso, sobre cada número ou artigo dei uma Glosa explicativa, bastante extensa, na qual procuro inculcar o espírito da Obra dos Negros e ensinar como estas regras devem ser praticadas; tendo em vista levar à perfeição do missionário ou do estado apostólico, como eu o concebi. Saíu-me mais extensa do que eu pensava, e não acho mau que esta parte seja desenvolvida, desde que não faça parte da Regra" [7]. Pede a Dom Salier o seu parecer sobre todos estes problemas. Esta Glosa, infelizmente não a possuímos. Enviada ao P. Pinault para Issy, foi queimada num incêndio que se declarou no quarto deste professor.

E quando compôs Libermann a "Regra da Obra dos Negros" ? Foi num momento em que tudo parecia perdido, em que não havia esperança humana, que ele se pôs a redigir a Regra. Máximo de la Brunière abandonou-o definitivamente a cerca de 20 de Março, entregou o Memorial na Propaganda em 27 e esperou uma resposta até á Páscoa, em 19 de Abril. Neste mês elaborou um projecto de associação com os Espiritanos, por ordem do P. de Rozaven e ao mandá-lo a Pinault pedia-lhe o dinheiro para regressar a França. Tudo isto nos leva, portanto, aos começos de Maio. Em 4 de Agosto, Libermann escreve a Luquet que

quando compôs Libermann a "Regra da Obra dos Negros"

[7] L.S. II, 460-461.

o trabalho da Glosa está pronto [8]. Enfim, executou o seu trabalho em 3 meses. Escrevia apenas duas páginas por dia. É pouco? É que se tratava de um trabalho de precisão, minucioso, com 39 capítulos e 611 artigos. Teve de fazer rascunhos, corrigir, refundir, passar a limpo cada caderno antes de o expedir, por mão própria, para Issy, ao P. Pinault.

Os manuscritos originais da Regra de Roma desapareceram, mas nós sabemos, pelo Memorial do P. Tisserand, que a Regra comentada no Noviciado de La Neuville é idêntica à romana. E esta, graças a Deus, possuímo-la.

Maria como modelo de vida apostólica

Tomando Maria como modelo de vida apostólica, a Mãe de Deus, por sua vez, recompensava Libermann, favorecendo-o "com luzes mais abundantes e até então desconhecidas". Foi sob esta "direcção" do Coração de Maria, que ele compôs a Regra, e "*quando a terminou, em princípios de Agosto, apercebeu-se então, pela primeira vez, que Maria se encarregara, ao inspirá-lo, de pôr-lhe uma ordem e um encadeamento, no qual não tinha pensado de maneira nenhuma*"[9].

Frederico Le Vavasseur descreve, com uma franqueza que lhe fica muito bem, os seus diferendos com Libermann, a propósito desta Regra. Tanto ele como Tisserand sonhavam com uma regra férrea, faltando-lhe o conhecimento do homem, que permitia a Libermann equilibrar as exigências legais.

"*Libermann queria* – escreve Le Vavasseur – *que examinássemos juntos a Regra que escrevera em Roma. Desde que começou este exame, logo nas primeiras regras, não estávamos de acordo: cada artigo estava acompanhado de uma Glosa extensa. Depois de ter discutido sobre a Regra era necessário discutir sobre a Glosa. Eu saía do seminário com uma firmeza de desejo de bem, um exagero nas minhas ideias de perfeição, e uma dureza inteiramente contrária às virtudes que eram como que o fundo da alma do querido padre... Eu queria uma pobreza de trapista, e Libermann contentava-se com o que Deus enviasse. Compreende-se como a cada instante estávamos em oposição. Eu enredava-o com tudo: umas vezes era uma palavra que não era francesa, uma frase mal torneada; outras vezes era um artigo que não dizia o bastante, outro era demasiado longo; este era perigoso, aquele demasiado suave, etc. Era uma disputa sem fim e eu exaltava-me com a minha deplorável vivacidade ordinária. Estas discussões irritavam a minha alma. O querido Padre não podia ceder; por vezes resistia-me, mesmo em coisas indiferentes, e só para não ceder; ele via que se me deixasse as rédeas por pouco que fosse, eu tomava o freio nos dentes, como um cavalo ainda indomado. Que Deus lhe pague! Onde estaria eu, se ele não tivesse tido a firmeza e a suavidade que me salvaram então? Eu estava demasiado na especulação, queria demasiado o bem, e as minhas ideias exageradas de pobreza, penitência, etc. teriam feito mais mal que bem. O P. Libermann estava persuadido de que o afastamento faria desaparecer as minhas más disposições a seu respeito... Foi portanto decidido que eu partisse o mais depressa possivel para Bourbon*". [10]

De sorte que Libermann decidiu fazer sozinho esta nova redacção, que, por humildade de espírito e deferência quisera fazer com o P. Le Vavasseur. Como

[8] Cf. N. D. II, 126.
[9] N.D. II, 9.
[10] N.D. III, 424.

não tivesse confiança em si para escrever em francês, tomou o P. Collin para o ajudar neste trabalho. Revia portanto a Regra escrita em Roma, e à medida que o trabalho avançava, lia-o ao P. Collin, que fazia as suas observações sobre a forma, e Libermann rendia-se de boa mente às suas observações, quando lhe pareciam justas. E assim foi feita toda a "Regra Provisória ou Regra Primitiva".

Este trabalho de precisão acabado, tratou o P. Libermann de o publicar, o que foi feito pela imprensa Duval et Herment em Amiens, em 1845. Foi publicada em "*Notes et Documents*" II, p.235-365, onde pode ser lido.

Vemos que a Congregação de Libermann era consagrada, em 1845, primeiro à Santíssima Trindade, em segundo lugar a Nosso Senhor Jesus Cristo, mas no artigo 3º regozijamo-nos em ler que " *o que nos distingue de todos os que trabalham na vinha do Senhor, é a consagração especial que fazemos de toda a nossa Sociedade, de cada um dos seus membros, de todos os seus trabalhos e empresas, ao Santíssimo Coração de Maria, coração eminentemente apostólico e inflamado de desejos pela glória de Deus e a salvação das almas*".[11] E lemos ainda: "*Nós considerámo-lo como modelo perfeito de zelo apostólico, de que devemos ser devorados, e como uma fonte abundante e sempre aberta onde devemos hauri-lo*".

o que nos distingue de todos os que trabalham na vinha do Senhor, é a consagração especial ao Santíssimo Coração de Maria, coração eminentemente apostólico

Vinham em seguida os Apóstolos Pedro e Paulo e o Apóstolo S. João, "como o apóstolo do Coração de Maria". Os dois primeiros modelos perfeitos de apostolado, e S. João para nos ensinar a sermos os filhos bem-amados das ternuras de Maria e haurir no seu Coração o zelo ardente de que Cristo a fez santuário. S. João era posto na categoria de S. Pedro e S.Paulo, devido às suas relações íntimas com Nosso Senhor e a Santíssima Virgem: é o apóstolo dos sagrados corações de Jesus e Maria.[12]

A Congregação é destinada às Missões longínquas e estrangeiras e nenhum dos seus membros deve ficar na Europa só pelo motivo de trabalhar na salvação das almas; só pelo bem das missões alguns aí poderão ficar. Seria preciso transcrever todas as páginas para dar o suco precioso que se desprende de todos os seus articulados. " *O Divino Mestre manda os missionários às almas mais abandonadas e desamparadas*".[13] "*A Missão que Nosso Senhor agora nos dá é a dos Negros, que está eminentemente nas condições ditas... Não nos ocuparemos de nenhuma outra obra até que esta não tenha as condições que nos levaram a abraçá-la*".[14] Só mais o artigo VIII do Capítulo III: "*Embora nos devamos ocupar agora dos Negros, no entanto, os missionários não desprezarão os outros habitantes da terra em que estejam empregados e buscarão a salvação de todos aqueles que estão no caminho da perdição, sem que todavia o interesse espiritual dos Negros sofra com isso*".

é o apóstolo dos sagrados corações de Jesus e Maria

O Divino Mestre manda os missionários às almas mais abandonadas e desamparadas

Princípio luminoso que nem sempre, nem em toda a parte tem sido posto em prática. Não se pode abandonar por sistema os brancos, para tratar apenas dos negros, ensinou Libermann.

[11] N.D. II, 238.
[12] Cf Ibidem.
[13] N.D. II, 236.
[14] Ibid, 241.

O Capítulo VII trata do ministério junto do "Clero secular". Libermann manda receber os padres seculares nas comunidades, ajudá-los no seu ministério e que sejamos modestos, humildes, caridosos, afáveis com eles, sem afectação, mas com simplicidade. [15]

devem os missionários do Sagrado Coração de Maria

A formação do "Clero Indígena" é abordada no Cap. VIII. Quando estão fixos num país devem os missionários do Sagrado Coração de Maria, fazer o seu possível para estabelecer o "Clero Indígena". Buscarão as facilidades convenientes para que os jovens façam seus estudos, formando-lhes os corações na piedade, mas não lhes ensinando as letras, porque isso pode absorver um tempo precioso, "roubando ao apostolado", fundando uma casa para os formar no espírito sacerdotal, prevenindo o Superior da Congregação.

Fazer o seu possível para estabelecer o "Clero Indígena"

Quanto à Vida Religiosa, Libermann afasta-a, como ela era concebida no seu tempo, com os 3 votos públicos e canónicos, embora a estabilidade e o bem espiritual da Congregação os desejasse, mas "*as circunstâncias obrigam-na a privar-se de um tão grande bem e a não sujeitar-lhe nenhum dos seus membros*" [16]

Não quer todavia privar desse bem os missionários "fervorosos", sendo permitido a todos os membros fazer os seus votos, nas seguintes condições: com o consentimento e nas mãos do Provincial do missionário; que o Superior da Congregação os possa dissolver; que sejam feitos em segredo e em segredo se mantenham. Para Libermann parecia evidente que a vontade de Deus, é que os votos não formem um laço "absolutamente indissolúvel" para os membros da Sociedade [17]. E ajuntava: "os que quiserem poderão fazer votos privados, temporários e secretos".

espírito religioso é a seiva que alimenta a vida apostólica

Talvez esta decisão nos espante, mas talvez não, se nos lembrarmos de que Libermann pertence à Escola francesa do século XVII e que os Sulpicianos, Oratorianos, Eudistas, Lazaristas, Espiritanos, Padres Brancos, Missões Estrangeiras, Missões Africanas de Lião, faziam apenas votos privados facultativos. O Sacerdócio parecia aos seus fundadores um "estado de perfeição" superior à vida religiosa.

É regra fundamental na Congregação que seus membros vivam em comunidade

Quanto ao voto de pobreza e de obediência eram a coroa das virtudes adquiridas. Quer isto dizer que Libermann desdenhava da Vida Religiosa? Mas de modo nenhum. Para ele o espírito religioso é a seiva que alimenta a vida apostólica; mas Libermann quer que a alma seja capaz de pronunciar os seus votos, depois de ter provado que é bem capaz de os observar.

Pelo contrário, Libermann impõe a todos os missionários a "Vida de Comunidade". É regra fundamental na Congregação que seus membros vivam em comunidade, regidos por uma regra comum. Quando for preciso exercer o ministério sozinho, ou um a um, para estas missões serão escolhidos "os mais exactos à regra e os mais aplicados à vida interior". As Comunidades não devem ser de mais de seis membros. Quando os missionários estão de viagem do mato

[15] Cf. N.D. II, 251.
[16] N.D. II; 259.
[17] Cf. N.D. X, 498.

ou do sertão, embora não sejam obrigados aos exercícios à mesma hora em que se fazem na comunidade, devem ter um horário, sem prejuízo do seu ministério e devem ser exactos no seu cumprimento.[18]

Sobre as regras a observar em comunidade encontramos muitas de que ninguém, que não trabalhe intelectualmente, se julga interessado, como esta do artigo 17 do Cap. VI: "*Guardar-se-á o silêncio em casa, fora do tempo fixado para os recreios*". Ou esta do artigo 23: "*Nunca se falará aos estranhos do que se passa na Comunidade*".

quanto ao "espírito de comunidade" a palavra mais própria e adequada seria "Fraternidades"

Para definir exactamente o pensamento de Libermann em 1840, quanto ao "espírito de comunidade" a palavra mais própria e adequada seria "Fraternidades". "*O procedimento que devem ter uns para com os outros deve ser o de filhos da mesma família, isto é, filhos de Jesus e Maria*". "*Cada um rejubilará sinceramente pelo bem que Deus opera pelos seus irmãos*". "*Ninguém terá nunca no espírito o desprezo e a indiferença pelos seus rimãos, seja qual for a razão que houver*". A caridade deve ser cordial, efectiva, simples, franca e aberta, modesta e grave, respeitosa e humilde, pura e santa. Não só para com os irmãos individualmente, mas para com a Congregação, pela qual estão unidos no Coração de Maria, nossa boa e terna Mãe.

Em 1840 Libermann defendia o "espírito de democracia". Todos os dois anos os membros escolheriam os superiores particulares, embora com votos consultivos. O próprio Geral não é omnipotente: não poderá mudar nada, nem fazer modificações importantes às Regras, uma vez que estejam determinadas. E se as faz sem tomar as medidas prescritas, "os superiores e os membros das comunidades não lhe devem obedecer", reclamar-se-á contra a "irregularidade e o procedimento do Superior Geral, obrigando-o a retratar-se" [19]. E se se tornasse incapaz de governar a Congregação poderia ser deposto [20].

Finalmente o Capítulo VIII refere-se longamente ao "zelo apostólico" que deve ser considerado pelos missionários do Coração de Maria, como que "a essência do espírito apostólico que os deve animar". Para Libermann "*a alma, a fonte e o alimento do zelo será o amor de Deus puro, santo, ardente, intimamente gravado em seus corações... Esta virtude será a virtude característica e própria do missionário fervoroso do Santíssimo Coração de Maria*".[21]

a alma, a fonte e o alimento do zelo será o amor de Deus puro, santo, ardente, intimamente gravado em seus corações

E voltando ao Capítulo I da Regra Romana, podemos perguntar e responder: que é a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Maria ? "*É uma reunião de padres que, em nome e como enviados de Nosso Senhor Jesus Cristo, se consagram inteiramente a anunciar o seu santo Evangelho e a fundar o seu reino nas almas mais pobres e mais abandonadas na Igreja de Deus*" [22]. *Devem considerar-se os Apóstolos enviados por Nosso Senhor Jesus Cristo. E por isso devem trazer profundamente gravadas nos seus corações e anunciar por toda a parte as máximas do*

[18] Cf. N.D. II, 273.
[19] N.D. II, 333.
[20] Ibidem, 335.
[21] N.D. II, 285.
[22] N.D. II, 235-236.

Evangelho. Terão continuamente diante dos olhos que são consagrados aos pobres, olhando-se como seus servos, desejando acima de tudo a sua salvação. Procurarão ser santos, agirão influenciados pela graça divina, para que os homens sejam obrigados a ver neles aquele que os envia, o Senhor Jesus seu Mestre."[23]

É preciso terminar. Poucas Congregações podem agradecer a Nossa Senhora ter "inspirado" o seu fundador, ou por outras palavras, ter-lhes dado as suas Regras como o fez com o Padre Libermann. Elas são um "verdadeiro tesouro" que o tempo não altera, antes as torna mais vivas e vivificantes. Não devemos esquecer nunca a declaração de Libermann a este propósito: "*Não se trata de elaborar uma Regra completa e estável, mas de dar um impulso e estabelecer o verdadeiro espírito da Obra dos Negros*", como ele escrevia a D. João Salier [24]. Em seguida acrescentava, mudar-se-á consoante a experiência o mostrar.

o espírito "ficou intacto"

Com a supressão da sua Congregação em 1848, com a sua união à antiga Congregação do Espírito Santo, Libermann teve de fazer os Regulamentos de 1849, mas estas mudanças atingiram apenas as estruturas administrativas: o espírito "ficou intacto". A Regra redigida nas águas-furtadas de Roma, em 1840, merece ser lida e meditada. As Constituições de 1855 e 1875 são o projecto do P. Schewindenhammer, sendo os votos religiosos concedidos à Congregação por um decreto de 6-5-1855, passando de "secular" que era, apesar da vida religiosa que ela observava "de facto", a ser uma verdadeira Congregação. O P. Schewindenhammer, não foi infiel às intenções do Venerável Padre, podemos mesmo afirmar que foi neste ponto que ele mais respeitou o seu pensamento. As "circunstâncias" tinham mudado.

Conferência proferida pelo P. António Brásio,
a 2 de Fevereiro de 1981,
na comunidade da Estrela-Lisboa.

[23] N.D.II, 237.
[24] Cf N.D. II, 154.

3 5282 00646 3981

Próximo número:
Actas do Colóquio, nos 300 anos da Missão Espiritana,
"A Missão num mundo incerto"

Duquesne University
3 5282 00646 3981

EDUARDO MIRANDA
Missão Espiritana – Apresentação

ÁLVARO MIRANDA SANTOS
Ruptura na missão de sempre

ADÉLIO TORRES NEIVA
Chaves de leitura da Missão Espiritana
- perspectiva histórica -

MICHEL GERLIER
A Evangelização dos Manjacos de Bajob
Uma experiência significativa de primeira evangelização

IRMÃ JOSEFA MARIA FERNANDES
As Irmãs Missionárias do Espírito Santo
História de uma fundação

ANTONIO GRUYTERS E DOMINGOS DA ROCHA FERREIRA
Cem anos de presença espiritana em Tefé

FRANCISCO VALENTE
P. Carlos Estermann
Grande Missionário e Etnólogo do Sul de Angola

AMADEU GONÇALVES MARTINS
Congregação do Espírito Santo
e do Imaculado Coração de Maria
I parte: De Poullart des Places a Libermann

ANTÓNIO JOAQUIM GALVÃO
Educação versus Espiritualidade

HUGO VENTURA
Estágio Missionário: ao serviço da Igreja local

Biblioteca Espiritana – Documentos